

O que fará de mim este indez? O que encontrarão Elles ainda para reformar?

## VARIAÇÕES

A variedade é a alma da chronica — disse Rochefort. Não será esta a primeira vez que eu ache razão a Rochefort, mas é este um dos casos em que lhe acho mais razão. E' claro que a chronica, para ser chronica — amavel, risonha, divertida — deve falar ao espirito d'aquelles para quem é de uma maneira bem diversa da que vimos usada, no outro dia, pelo discurso da Corôa — maneira essa toda outra, nada risonha, e nada divertida.

Mas não é facil encontrar sempre o assumpto para divagações de tal indole. Pretendiamos nós agora, por exemplo, centar-lhes com a maior porção de pittoresco possivel, o caso de ter um nosso amigo mudado de casa ao fim do anno passado, indo morar para o mesmo predio, e para o mesmo andar, onde se acha estabelecida uma casa de empréstimos sobre penhores — do lado esquerdo, ficando o nosso amigo installado do lado opposto. Até aqui, ainda que nada pittoresco, conserva o caso um certo interesse, á espera do que, porventura, possa vir de melhor. . . O dono da casa de penhores mandou pintar um distico ao alto do patamar, e recommendou ao pintor que, adiante das lettras, desenhasse uma mão, negra e fechada, espetando o indicador na direcção da porta. Ora o pintor enganou-se, e voltou o indicador para a porta do lado esquerdo. E só se deu por tal muitos dias depois, quando o nosso amigo resolvevia, n'um exaspero, atirar pela escada abaixo a vigessima pessoa que n'essa manhã lhe batia á porta e lhe apresentava, sem dizer palavra, um relógio, um casaco, um chapéo de côco, uma terrina, um crucifixo. . . O freguez chegou ao fim do lanço com a cabeça partida e foi queixar-se á policia. Foi então que a policia — arguciosa sempre — descobriu a mão negra que movera essa occorrença patusca!

Com quanto seja um pouço accidentada a aventura que acabamos de contar não nos seria possivel, bem de vêr, voltar em cada nova semana com a mesma historia ao mercado.

Ora dizem os medicos que o riso é, em muitos casos pathologicos, um efficacissimo remedio e excellente coisa para apressar convalescenças. Physiologicamente, o riso, constituindo de ordinario a expressão da alegria, é uma serie de pequenas expirações entrecortadas, mais ou menos estrepitosas, e que dependem em grande parte das contracções do diaphragma, acompanhadas de contracções igualmente involuntarias, dos musculos faciaes. Ha dois meios seguros, muito vulgarizados, de obter o riso: pela pilheria, ou pela cocega. E como o nosso proposito, resumindo todo o nosso programma, continua a ser em 1898 o mesmo que foi em 1897, e vem a ser o de conseguir fazer rir os nossos amigos e leitores — quando aconteça, o que não será raro, faltarmos a pilheria, tenham a bondade de nos dizer onde mais sentem as cocegas. . .

Coisa sabida é que, para as faltas de assumpto, nos centros politicos, á porta da Havaneza,

nos jornaes do Governo, e em volta de certas mezas do Suissó, temos sempre em negociações algum novo empréstimo. E mais uma vez discretoando, a proposito do empréstimo de agora, sobre as origens varias do mal economico que entre portuguezes transformou a doirada abastança de outras eras n'este deploravel estado de coisas, e que o vulgo chama *andar á dependura*, fungam os sabios economistas duas tremendas pitadas de simonte, e ponderam que, quando os continuadores da valorosa raça de conquistadores que foram nossos avós, deram por si um dia, só lhes havendo herdado a indole nephelibata, o temperamento languido, o tédio do trabalho, um resto de dominio colonial, um poema e um breviarío — estava indicado fatalmente, entre lusitanos, o inicio dos actuaes processos de economia que nos tem valido ha bons setenta annos: empréstimos, empréstimos, empréstimos!

Viva pois a economia politica!

Graças a ella, tem este povo podido alimentar as suas tradições, os seus vasos de guerra, os seus vicios e a sua barriga. Vae correndo o marfim. . . sem que lhe seja preciso ir buscá-lo, como os antepassados iam, ás longinquas paragens d'onde nem sempre se voltava vivo. Ninguém dirá que não é uma grande coisa, a economia politica!

De vez em quando, chega cá noticia de que os inglezes nos roubaram mais um pedaço da Africa, ou de que os francezes nos preparam uma nova campanha de descredito. Pois tanto basta para que, promptas á primeira voz, quatro bandas de musica se apresentem na rua, armadas em pé de guerra, e se ponham em marcha, heroicamente, a soprar por todos os lados o hymno da Independencia!

Viva a patria! E a alma nacional vibra todas as cordas do entusiasmo, repicam os sinos, estoiram girandolas, tremulam galhardetes. Assim se quer lembrar á Europa, á Asia, á Africa, á America, á Oceania, que fomos nós que dobrámos, primeiro que ninguem, o Cabo das Tormentas, e, primeiro que ninguem, rompemos a virgindade das florestas indicas. . .

### No dia da abertura



O sr. conselheiro disse-me para vêr se ainda chove ou para vêr se já não chove?

### Theatro do Gymnasio

Sesta feira, 7 de janeiro

Beneficio de Beatriz Rente. «A sr.<sup>a</sup> ministra»



O que do coração desejamos á illustre *Ministra* é exactamente o contrario do que desejamos aos actuaes ministros: — que conserve por muito tempo a pasta! E estamos certos de que ha de geril-a muito melhor do que qualquer d'elles!

### Theatro da Trindade

Segundo feira, 10 de janeiro

Beneficio do actor Mello



Quem tão bem sabe *dizer*, merece uma festa que não tenha que se lhe dizer!  
E são estes os nossos votos. Amen.

### Beneficencia e rancho

Este governo terá muitos defeitos, mas o que não pode negar é que é opportunista como seiscentos dias... que o carreguem!

Na mesma data em que tirou cerca de 2 contos por anno aos asylados e enfermos dos hospitaes para pagar aos conselheiros e titulares do conselho de beneficencia,



—concedeu mais 80 réis diarios para o rancho dos sargentos da guarda *mancipal*, e mais 40 rs. para as outras praças.



E ambos estes *perús natalicos*, (vide carta do Marquez Dador) para equilibrar o sr. Carrilho, perdão, para equilibrar o Sr. Orçamento.

### Hontem e hoje



D'antes os pobres na rua pediam assim:

—Dá me cinco *résinhos* para uma codêa de pão?

E elle dizia: — Não!



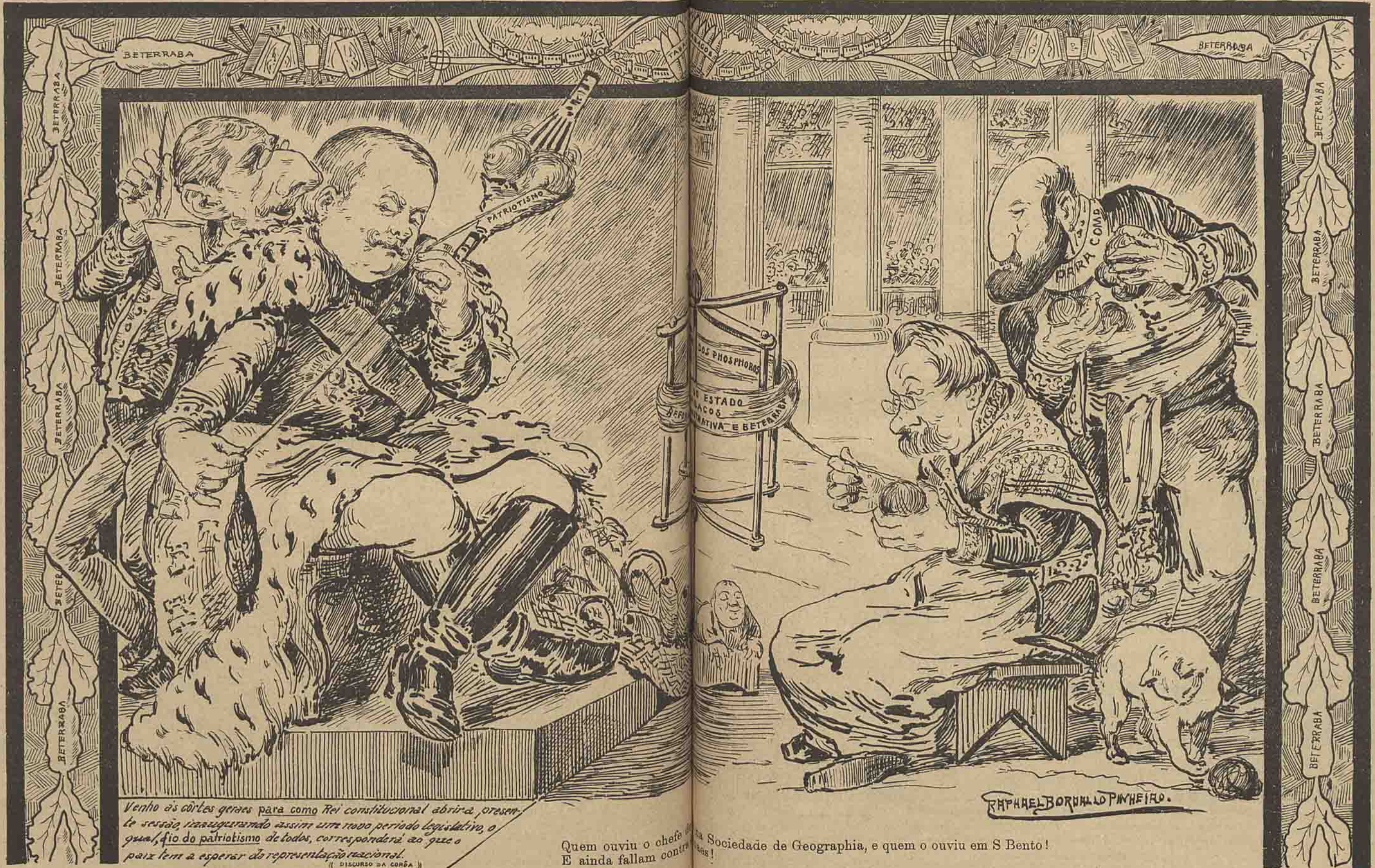
Agora pedem assim:

—Dá-me seis *mil* réis para pagar ao conselho de beneficencia, que trata de mim?

E elle diz: — Sim!

# O DISCURSO DA COROA

(Fiação política pelos proce... vivos da roca e doadoira.)



Venho ás côrtes gerais para como Rei constitucional abrir a presen-  
te sessão inaugurando assim um novo período legislativo, o  
qual, fio do patriotismo de todos, corresponderá ao que a  
paiz tem a esperar da representação nacional.

(DISCURSO DA COROA)

Quem ouviu o chefe da Sociedade de Geographia, e quem o ouviu em S Bento!  
E ainda fallam contra os...

RAFAEL BORRALHO PINHEIRO.

# AINDA O DISCURSO DA COROA

Para acudir á desesperada situação financeira que atravessamos, o governo annuncia no discurso da corôa tambem uma desesperada resolução. Nem mais, nem menos, do que a reforma constitucional, a reforma eleitoral e a reforma administrativa!



Tres reformas distintas, e um só galopim verdadeiro!



A reforma constitucional deve dar isto:



A reforma administrativa isto:



E a reforma eleitoral isto:

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Depois d'uma resolução d'esta ordem não sabemos que mais querem os nossos crédores!

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Continuação d'A cadeira honoraria)

Quando o sr. Marquez disse: — «Ponto final!» dissémos nós: — Virgula! Diferença de pontuação!  
E o *Antonio Maria* pensou immediatamente em abrir esta secção, que hoje inaugura destinada aos pobres  
*Dignos pobres do reino e senhores albergados da nação portugueza:*

Venho a estas paginas para como caricaturista constitucional abrir a presente secção, inaugurando assim um novo periodo caricato-caritativo, o qual, *fo da generosidade* do sr. Marquez, corresponderá ao que a pobreza tem a esperar do desconto dos respectivos cheques

Está aberta a secção.

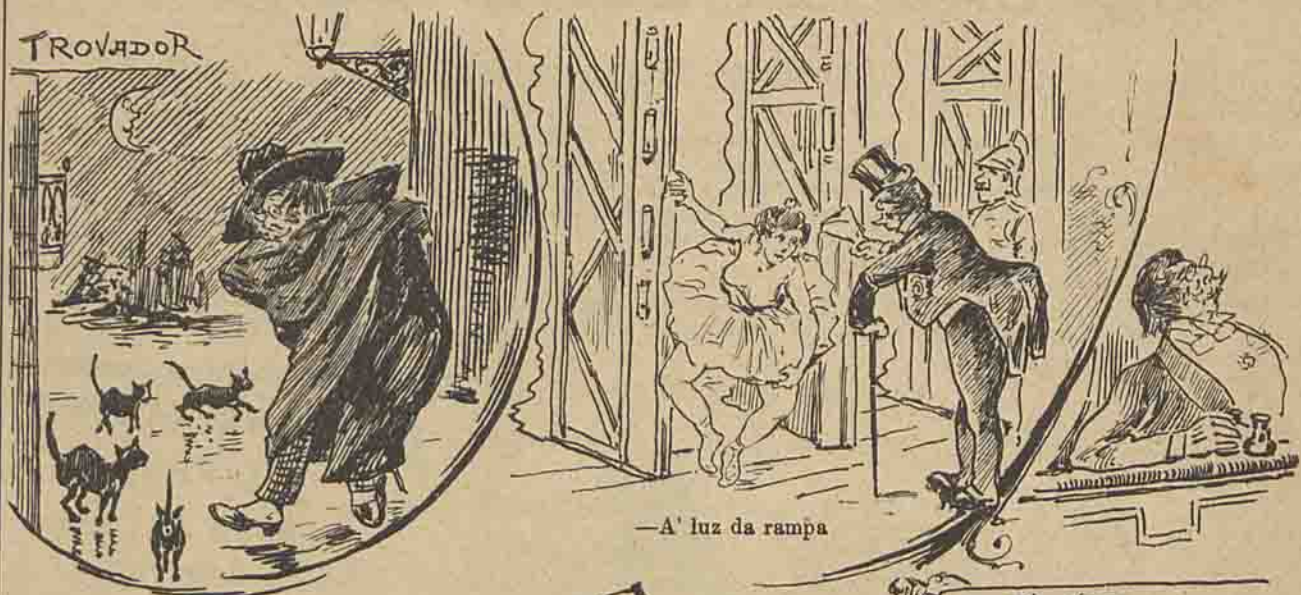
Sendo certo que a luz da historia allumia os heroes e os mostra aos vindouros, o *Antonio Maria*, que historia é e será, tambem quer allumiar o sr. Marquez Dador, para que os vindouros o vejam sob o aspecto das diferentes luzes!



—A' luz da publicidade.

(Cotinna na pagina seguinte)

(Continuado da pagina antecedente)



-A' luz da lua.

# RAIOS X



-A' luz dos raios X

- DE FRENTE.
- 1- Insignias.
  - 2- Charutos para Elle.
  - 3- Charutos para os outros.
  - 4- Carteira com massa.
  - 5- DITA com cheques.
  - 6- Cinto com supprimentos.
  - 7- Chaves de cadeados, de camarotes e outras.
  - 8- Joias, pescadinhas de rabo na bocca, Penços luvos e outras miudezas.
  - 9- Pastilhas, sardinhas assadas embebidas em cheques.



-A' luz cu—ada na mansão litteraria.

PELAS COSTAS - 1. Camisas sobrepostas.  
 2- Chave do babu - Seta de atum, castanhas assadas, photographias, sabonetes, lenços etc.  
 4- Papel hygienico, pentes, navalhas, espelho e iscas de figado...

RAPHAEL BORUCKLO PINNAIRU

-Esmola para os pobres entrevados d'esta freguezia!

(La suite au prochain numero)



# NO CHÔCO DO PARIATO



Não lhe toquem que pôde engeitar os ovos!



## AFFONSO DE ALBUQUERQUE (\*)



Lopes de Mendonça, o poeta e dramaturgo do *Duque de Vizeu e da Morta*, escolheu para assumpto de uma nova peça, em verso, a figura historica de Affonso de Albuquerque, e em volta do estudo completo d'esse grande vulto realisou cinco actos de um drama que, por certo, o publico não deixará de ouvir, no Theatro de D. Maria, como nós o ouvimos em uma leitura feita pelo auctor a alguns dos seus amigos, e por certo applaudirá com verdadeiro entusiasmo, como nós o applaudimos.

Esse drama tem, principalmente, dado o seu assumpto, e conhecido o valor historico do seu protagonista, um grande fundo de lição a aproveitar n'esta desoladora oportunidade, quando, entre nós, a idéa de patria, de honra nacional, de independencia altiva, parece esbatida ao ponto de quasi se perder por completo. A figura incomparavel de Affonso de Albuquerque, modelo de tantas e de tão reaes virtudes, raro exemplar de valorosos talentos alliados, alevantado character da mais pura nobreza, apparece no drama de Lopes de Mendonça a meio da maior ostentação de grandeza e magestade, que foi o periodo de pompa e magnificencia dos triumphos portuguezes no Oriente.

Affonso de Albuquerque é bem, no personagem da peça, e como d'elle disse o nosso Padre Antonio Vieira—na gravidade do aspecto um Saturno, no valor militar um Marte, na prudencia e diligencia um Mercurio, na altiveza e magnanimidade um Jupiter, na fé e na religião, e no zelo de a propagar e estender entre aquellas vastas gentilidades, um Sol. E assim como esse astro allumiou com estupendo resplendor o seu glorioso século, assim escureceu todos os séculos passados. Até que, tendo sahido do Oriente, como o mesmo Sol, tendo subido ao zenith, dando volta ao globo, resplandecendo sempre e allumiando terras e mares—eíl-o por fim chegado aos horizontes da Luzitania, das terras do Occidente a mais occidental, e aqui se afogam os raios da sua luz, e aqui desaparece, perece e se sepulta toda aquella pompa de glorioso resplendor!

Lopes de Mendonça evoca, pela sua grande alma de portuguez e de poeta, todo esse grandioso periodo historico, e d'essa evocação arranja, poderosamente, admiravelmente, um dos mais soberbos effeitos de theatro que conhecemos.

A lucta de Albuquerque, lucta encarnicada, lucta de morte, contra a intriga e a avidez dos compatriotas corruptos aos quaes dava ouvidos o Rei D. Manoel, e a respeito dos quaes era uma phrase d'elle, «que menos lhe custara a conquistar por duas vezes Gôa aos mouros, do que a sustel-a contra a má vontade dos intrigantes e contra a resistencia régia» — essa lucta, diziamos, accentúa no drama, por mão sóbria de mestre, toda a formidavel crueldade d'essa lição de historia, em culminantes scenas de um bem conduzido enredo, d'uma inexcel nivel intensidade dramatica.

Ouida esta peça, e sabendo-se que todos os bons esforços estão do lado dos que ardentemente desejam vel a posto em scena no nosso primeiro theatro, aproveitada para isso a oportunidade do Centenario da India, — estamos em dizer, sem anticipados juizos desfavoraveis, de caso pensado porventura e muito menos ainda de rixa velha, ácerca dos dramas e dos dramaturgos historicos que submettam suas provas ao concurso em aberto para a commemoração do Centenario sobre o tablado de Talma — estamos em dizer que a peça de Lopes de Mendonça vae constituir, por certo, um dos mais bellos, mais significativos numeros da serie de manifestações nacionaes que se preparam para o grande festival da India.



(\*) — Por agglomeração d'original não publicámos este artigo no numero passado. Fazemol-o hoje gostosamente.—N. da R.

## BIBLIOGRAPHIA

**Sousa Martins**, discurso de Ricardo Jorge. — Este bello discurso, cheio de sentimento, de erudição, de arte, foi proferido pelo Dr. Ricardo Jorge na sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto, em que se celebrou o passamento que mais recentemente enlutou a classe medica portugueza. O illustre orador pretende fazer nos crêr, nas poucas palavras com que prece le a publicação de tão preciosa joia, que n'estas paginas não ha mais do que a espontaneidade da expressão que as reveste e do sentimento que as dicta, attribuindo só a um influxo da bondade posthuma de Sousa Martins o terem sido escutadas com entusiasmo as palavras do seu discurso. Ora n'este discurso ha, por exemplo, este curto trecho, que só por si bastaria para arrancar a um auditorio como o da Sociedade de Medicina na noite d'aquella sessão, as mais vivas e mais intensas manifestações de applauso:

«Sousa Martins, ente superior d'um paiz e d'uma classe, seja agora o nosso unguido; e em communhão contricta enderecemos-lhe esta saudação que é um voto e um credo, e prece mesmo se os espiritos redivivem no divino pleroma: Bemdito seja o teu nome, que foste um sabio e um santo—Venha a nós o teu reino da verdade e da virtude—Faca-se a tua vontade, o ideal da nossa sciencia e da nossa profissão—Ensina-nos a ganhar o pão nosso de cada dia, honrada mente e de consciencia limpa—Livra-nos de todo o mal, desde o que de dentro de nós nos trabe as intenções, ao que de fóra iniquamente nos persegue—E antes de adormecermos como tu no somno eterno, que nos toque uma particula da garça infinda, que fez de ti um bemaventurado.»

Do discurso do Dr. Ricardo Jorge se fez uma tiragem de 150 exemplares, impressos em papel de linho e numerados. A offerta de um d'estes exemplares pe-nhora nos muito, e d'aqui enviamos ao Doutor, por isso, os nossos melhores agradecimentos.

O ANTONIO MARIA

# THEATRO DO GYMNASIO

**A Sr.<sup>a</sup> Ministra**

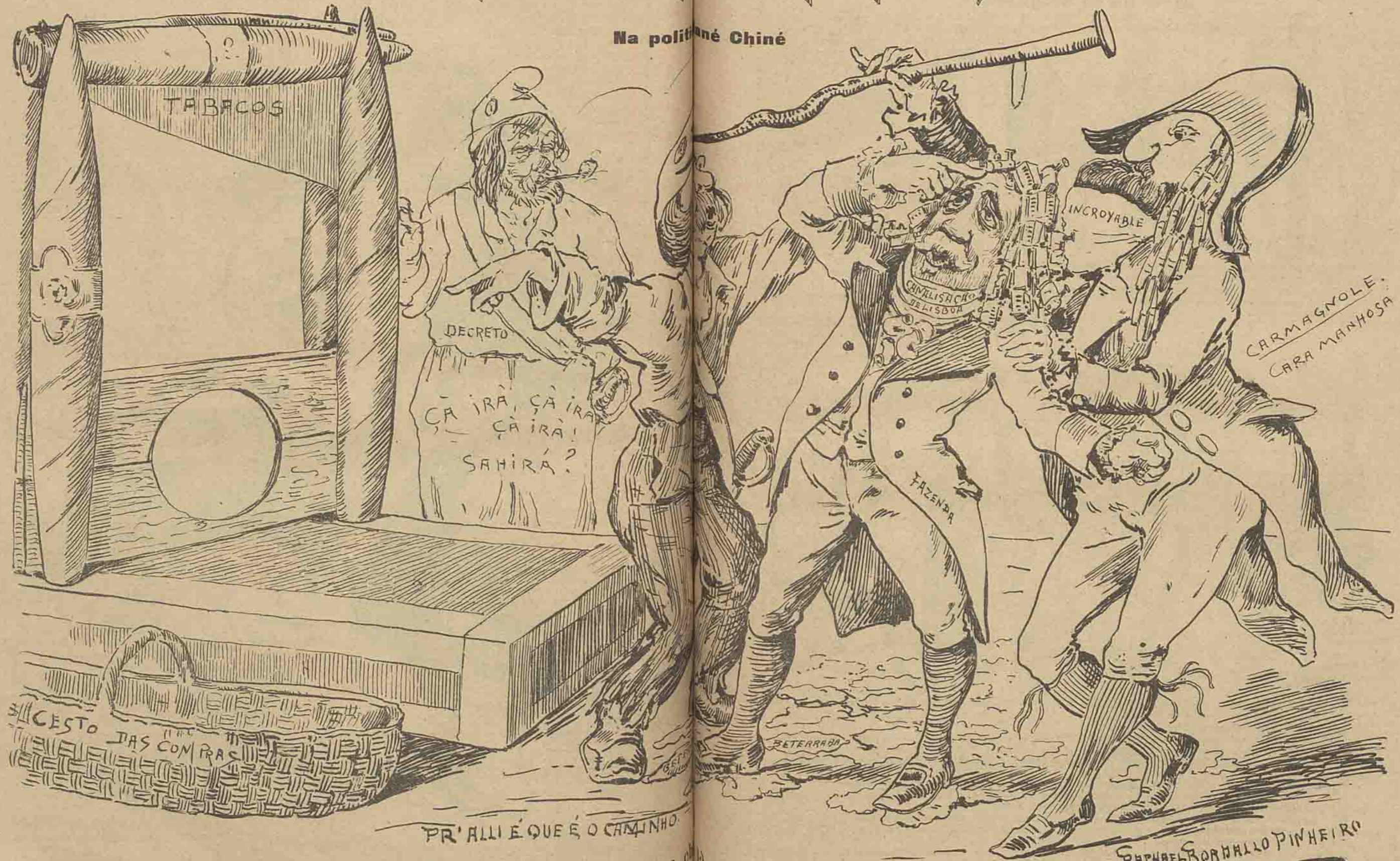
*(Novo triumpho de Eduardo Schwalbach)*



—A *Sr.<sup>a</sup> Ministra* não é nem senhora, nem ministra. E' uma peça que regala o publico, alegra o Pinto, dá que fazer ao Sant'Anna, enriquece o auctor e a nós, dá-nos mais esta occasião de applaudir e felicitar o nosso amigo e collega Schwalbach.

# O NOVO ARÉ CHÊNIER

Na politoné Chiné



PR' ALLI É QUE É O CAMINHO.  
 Et pourtant j'avais quelque chose: — les chemins de fer!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O ANTONIO MARIA

## THEATRO DE D. MARIA

M.<sup>lle</sup> de la Seiglière



Desempenho muito bom por parte de Augusto Rosa, João Rosa, Brazão e Lucinda, principalmente o do primeiro. Lucilia, por um phenomeno phonographico, quando a gente a vê, ouve *su madre*: a voz do sangue! Scenario elegante, merecendo Augusto Pina justos elogios por seu incontestavel progresso. A peça é que parece ter passado pelo cinto do sr. marquez: era *marquez*, como elle; está *mademoiselle*! Os nossos parabens.

## S. CARLOS

A SEMANA LYRICA



**ANDRÉ CHÉNIER.** — Opera nova, moderna e nunca ouvida. Tenor novo, muito novo e debutante.

Rico pasto para a feroz plateia de S. Carlos!

Afinal tudo escapou: opera e tenor.

A orchestra a segurou, Campanini que deu o braço á Tétrazini que deu a mão ao Ancona e todos ampararam o Pozzoni que dava os seus primeiros passos de cantor.

O joven cantor chegou a fazer *tem-tem* no 1.º acto, mas ahí pelas alturas do 4.º acto, pobre creança! já não tinha, já não tinha... voz

Pela primeira vez se ouviu um artista a gritar verdades ao publico com a acompanhamento d'orchestra.

— *Fui letterato*, dizia o Chénier Anastasi para commover os juizes do palco e da plateia, e esticava os braços e abanava as mãos. N'isto, o publico abanou a cabeça e arrastou as botas.

Mas, perante a crueldade dos juizes da peça que achando absolutamente dispensavel a poesia na terra, mandaram o poeta pro' ceu, por intermedio da guilhotina, os juizes da plateia, mais dados a cantigas, absolveram o «litterato» e applaudiram o cantor...

Bacharel, poeta, romancista, cyclista, jornalista e tenor, Pozzoni —, uma especie de Mazzantini, na variedade de aptidões e na coragem — é capaz de se fazer contrabandista se canta a Carmen e se passa por Hespanha então faz-se *matador*, com certeza

A' critica parece-lhe que, pelos primeiros vagidos, o moço artista ha-de ir longe...

— *Il y a quelque-chose là-dedans.*

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Continuação d'A CADEIRA HONORARIA)

Não se admirem os nossos leitores de verem esta pagina com o cinto de castidade. E' que ella pertence ao sr. Marquez, e é só d'elle. Aconteceu-lhe o mesmo que aconteceu á cadeira de S. Carlos : aqui ninguem mais pôe o... pé!  
E, n'esta conformidade, vamos contar-lhe um sonho que teve o mesmo sr. Marquez a noite passada. O sr.



Marquez sonhou que era Adão e que se encontrara assim no paraizo, tendo em vez de parra um chéque de 100\$000 rs. (cambio ao par).

O sr. Marquez, vendo-se no paraizo, apenas parrado, pediu ao Padre Eterno licença para usar sobretudo. Faltavam-lhe as algibeiras para as sardinhas assadas e mais accessorios. O Padre Eterno concedeu, o sr. Marquez enfiou o sobretudo e achou-se bem muito obrigado!

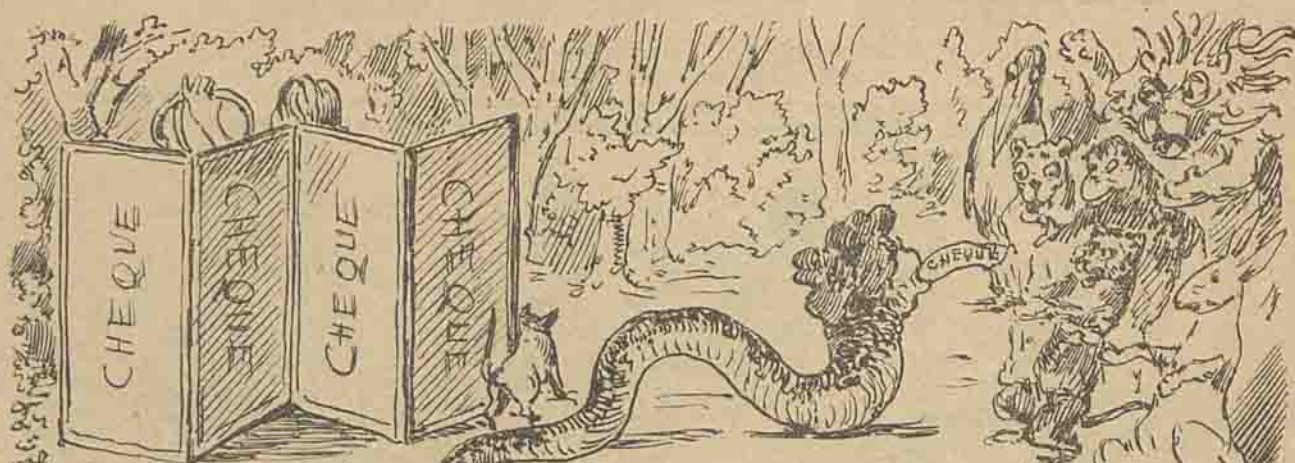
Por um capricho de sonho, o sr. Marquez, embora de parra, não commettera ainda o peccado original. Eva sorria-lhe. A serpente silvava.

N'isto a serpente apparece, e tenta-o. Vae então o sr. Marquez com a dextra arranca o chéque e dá-o á serpente, e com a sinistra arranca da algibeira o cinto de castidade que estende á ex-mãe Eva.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

(Continua)

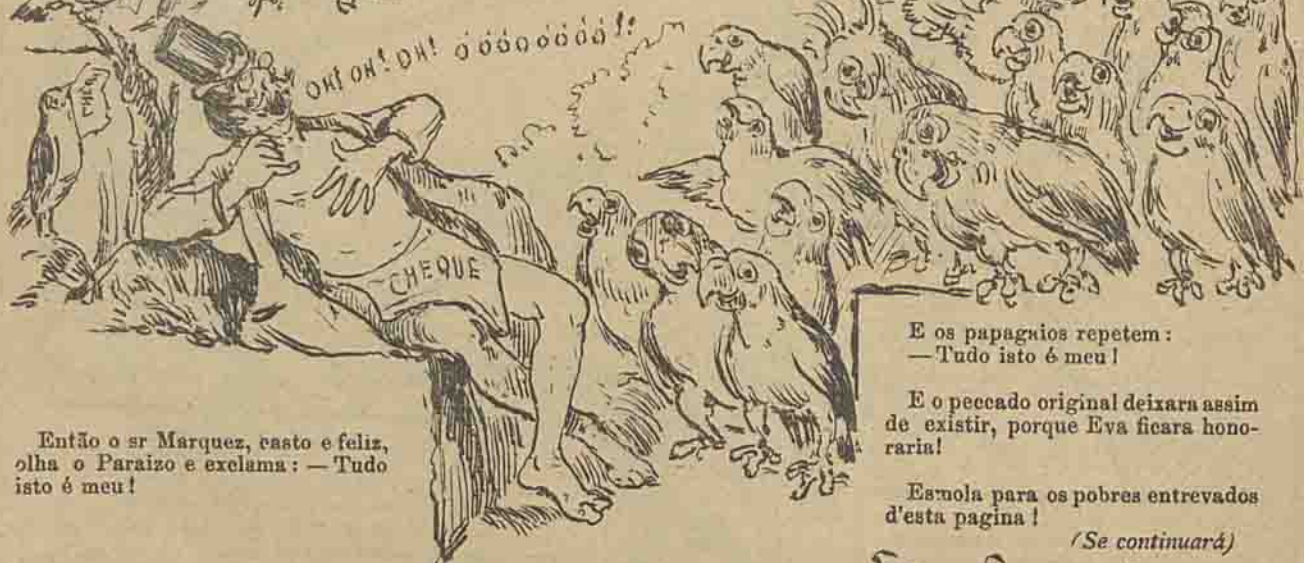
(Continuação da pagina anterior)



A ex-mãe Eva applica pudicamente o cinto atrás d'um biombo. A serpente vai levar o chèque á cosinha economica dos macacos, kangurús, leões, pantheras e mais bicharócos.



Acodem então os castos passarinhos e as manas, louvando tão digna acção, e projectam uma kermesse festival. O sr. Marquez, sorridente, põe-lhe chéques no bico, e a passarinhada bate as azas alegre e agradecida.



Então o sr Marquez, casto e feliz, olha o Paraizo e exclama: — Tudo isto é meu!

E os papagnios repetem:  
— Tudo isto é meu!

E o peccado original deixara assim de existir, porque Eva ficara honroraria!

Esmola para os pobres entrevados d'esta pagina!

(Se continuará)

RAPHAEL BORNALLO PINHEIRO



Assignaturas

Continente e ilhas

|           |      |
|-----------|------|
| 2 números | 600  |
| 4         | 1200 |
| 6         | 2400 |
| Avulso    | 600  |

FOLHA HOMORISTICA DE BORDALLO PINHEIRO

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS

Administrador: GONZAGA GOMES  
ESCRITORIO DA EMPREZA—Largo do Calhariz, 12, 1.º

Annuncios

|              |         |
|--------------|---------|
| Cada linha   | 20 réis |
| Estrangeiros | 50      |

Ilustrados  
preço convencional

Artigos de

novidade  
**PITTA**  
Cirurgião

Rua Augusta  
195 e 197

J. Joaquim Teixeira

Cirurgião  
dentista

265, Rua Aurea, 1.º  
LISBOA

**AGENCIA HAVAS**

Recebe annuncios para  
este jornal.



**CESAR A. PAIVA**

Cirurgião dentista de Suas  
Majestades e Altezas

CONSULTORIO, rua do  
Arsenal, 100, 1.º



# ESTEVES & COMP.ª

DEPOSITO DE VELOCIPEDES  
E SEUS ACCESSORIOS



57, RUA GARRETT, 59  
LISBOA

RALEIGH, GLADIATOR, SWIFT

ACATENE, TRIUMPH, METROPOLE

**Peitoral de Cereja  
DE AYER**  
(Ayer's Cherry Peitoral)



PARA A CURA DE  
TOSSE, ASTHMA, BRONCHITE,  
COQUELUCHE OU TOSSE CONVULSIVA  
e Tisica Pulmonar.

Preparado pela Dr. J. C. AYER & CIA., Lowell, Mass., U.S.A.

Vende-se nas  
principaes pharma-  
cias e lojas  
de perfumarias

Agentes gerata

**James Cassels  
& C.ª**

Rua do Mouicho da  
Silveira, 25, 1.º

**PORTO**

**O Vigor do  
Cabello  
DE AYER**



(Ayer's Hair Vigor)  
RESTAURA O CABELLO  
PRESENTE SUA  
VITALIDADE E COR NATURAL  
PREPARADO SEM IGUAL  
PARA O CABELLO,  
TORCADO-O

MACIO, FLEXIVEL E LUSTROSO.  
Preparado pela Dr. J. C. AYER & CIA., Lowell, Mass., U.S.A.

**CAFÉ CONCERT**

DU

**CHAT NOIR**

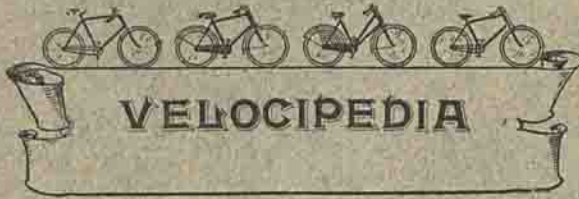
23, Rua do Alecrim, 23

Consommations de 1er choix

CHANSONNETTES FRANÇAISES

# NOTAS DE SPORT

XV



Houve em Paris em dezembro de 1897, duas exposições velocipedicas; uma na Sala Wagram e outra no Palais-Sport. No intuito de bem informarmos os leitores d'esta secção, extrahimos d'um *compte-rendu*, algumas das novidades expostas, que de resto bem insignificantes são:

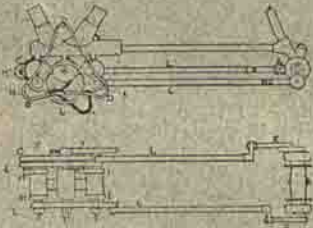
A respeito de transmissões vimos a de engrenagens annunciada com grande reclame pelas casas Columbia e Omega e que em nada differem de essencial da primitiva e já tão acreditada *Acatene Metropole* a qual se nos afigura ser-lhe ainda superior quer pela solidez quer pela facilidade de montagem e desmontagem.

A casa Cleveland apresenta uma corrente aperfeiçoada, na qual os ellos são munidos de cavidades destinadas a receber um oleo especial, que no dizer dos inventores, basta ser renovado de anno a anno.

Ainda como transmissões notamos o muito curioso aparelho da invenção do sr. Gautier e que este applicou a uma machina a que deu o nome d'A Bielette.

Neste aparelho a transmissão e a multiplicação, fazem-se por intermedio de duas biellas paralellas, situadas de cada lado do quadro e guiadas por duas corredeiras triangulares curvilineas, fixadas a angulos diversos sobre o eixo do *pedalier*, de maneira a evitar o ponto morto.

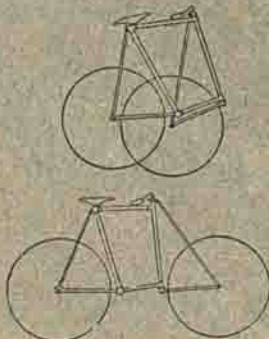
As figuras representam a planta e o alçado do machinismo, suppondo se na primeira, supprimidas as manivellas motoras e na segunda, a manivella e a corredeira.



As duas biellas parallellas L e L' accionam cada uma tres manivellas H I K e H' I' K', fixadas a angulo recto de uma para a outra serie; K e K' estão fixadas ao veio de maior velocidade, H H' e I I' nos eixos situados para diante e para traz do veio motor A.

Os botões d'estas quatro ultimas manivellas, são munidos de rolos que encostam nas corredeiras C e D e são por ellas arrastados; d'esta disposição resulta que cada vez que os rolos percorrem um dos lados da corredeira as manivellas mandadas, dão uma volta e cada vez que as manivellas mandantes dão uma volta, o eixo mandado dá tres ou a roda trazeira dá tres voltas.

Comprehendesse que se em vez de um triangulo se adaptasse um quadrilatero a multiplicação far se hia na proporção de 1:4.

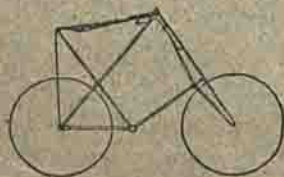


Como bicycletas de dobrar dois modelos notamos. O primeiro facilmente se comprehende pela figura no segundo consiste na substituição das soldaduras por cavilhas conicas.

Os quadros de madeira realisaram um sensivel progresso como se pôde ver pela figura mas não apresentam outra vantagem que a da commodidade pela sua extrema elasticidade que é aliada compensada pela perda

de força e pela falta de solidez.

O quadro Petersen construido sob dados mais scientificos que os actuaes tem o defeito de ser desgracioso mas parece ser o peso menor mais resistente do que o quadro ordinario.



O tandem D. S. e como se vê pouco mais comprido do que uma bicyclette mas falta-lhe elasticidade e logo a commodidade.

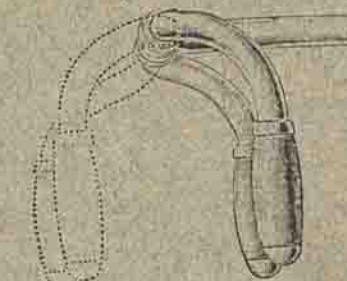
A respeito de guaiadores notamos o Biell de inclinação e altura variavel.

Os movimentos da fabrica de Herstal tornam-se notaveis por umas anilhas collocadas no interior das caixas e que



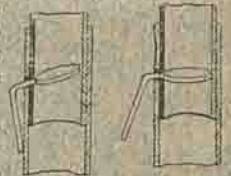
obstam a queda das esferas no acto da desmontagem e em umas rodellas de feltro que além d'impedirem a entrada do pó armazenam o lubrificante.

A casa Wolf Americana apresenta um systema de aperto de selim e guaiadores que facilmente se compre-



hende pela inspecção da fig.

Alguns fabricantes desejando supprimir as peças de ligação dos tubos apresentam systemas em que estas se effectuam de uma maneira invisivel; no systema da casa Brownie os tubos depois de cravados são soldados interiormente por meio da electricidade.



No systema de Herstal a fixagem é obtida por meio do estreitamento e enroscamento conico das extremidades dos tubos.

A Fabrica Metropole sempre em busca de novidades uteis, apresenta uma que deveras recommendamos aos amadores de machinas sem corrente; consiste ella em um freio accionado pelos pedaes.

Compõe-se este freio de duas anilhas uma exterior outra interior, sendo esta pendida em toda a sua largura, quando o cyclista pedala as tres cunhas representadas na nossa figura inclinam-se, quando elle contra-pedala, levantam-se e alargam a anilha interior, a qual friccionando, trava a machina.

Os ars. E. Vauzelle et Morel apresentam um freio invisivel cuja ingenhosa disposição, facilmente se comprehende observando a figura.

O pneumatico Chase não tem de particular senão a dissolução que serve para o concertar e que tem a propriedade de endurecer, logo que se expõe ao ar.

O Eleus é um simples involucro como o Dunlop no qual uma tira de borracha applicada sobre as rodas é mantida pela pressão interior.

Como accessorios nada de verdadeiramente interessante a não ser o telescopia, quarta lamp e



a lanterna da *stylee* inventada pelo Sr. Peave, que enrou os reservatorios da agua e do carboneto, fixando-se um no outro e girando no sentido contrario quando por meio d'um tubo de acouitamento.





# PELOS POBRES!

(Vida nº 40 e 460)

## A CARTA DO SR. MARQUEZ

Incluiu um Cheque de  
 = Cem mil reis =, de que,  
 Sessenta mil reis foram a compra  
 de mil Exemplares do Jornal  
 e que, vendidos imediatamente,  
 o seu produto deveria ser  
 entregue ao <sup>nosso</sup> Governador  
 Civil para ser distribuído,  
 em folhas de doação econômica,  
 pelas necessitadas a cargo  
 do Governo Civil  
 quarenta mil reis para os necessi-  
 tados, protegidos pelo "Antonio  
 Maria"  
 Possam assim estes Infelizes com-  
 partilhar também, de um  
 Naco de Leni Natalico.  
 E ponto final.  
 Cheque nº 26236 sobre o Banco  
 Commercial de Lisbon

Lisboa 25 de dezembro 1897  
 Natal — Anno novo  
 25 de 97 — 1.º Janeiro 1898  
 Ex. mo "Antonio Maria"  
 "Obra a seu dono."  
 "A gloria a quem toca."  
 A ideia "encadeada" não é de  
 Menges, dada.  
 Para tanto mas chego o en-  
 genho e a arte!  
 Oubrem foi o Inventor e Spectator  
 Mas abençoado Inventor que  
 proporcionou ao espirito  
 "Antonio Maria", mais  
 uma (?) bella pagina  
 humanitaria  
 Comemorare de desse Inventor  
 o talento.  
 E mais simplesmente  
 Agui

Lisboa 31 de dezembro 1897  
 Ex. mo "Antonio Maria"

Devolvidos os mil Numeros.  
 O Marquez (por benevolencia nossa)  
 não tem licença tirada da  
 Camara Municipal para  
 Venda de jornaes.  
 Qual seria ter de pagar muito.  
 Estes mil Numeros da os che-  
 de presente a vós, para vobes  
 o que quizerdes fazer.

Continua aberto o leilão da carta do sr. Mar-  
 quez, reproduzida na capa do nosso jornal.  
 Já tem o lance de 53000 réis. Se até a proxi-  
 ma terça feira não houver quem o cubra, leace-  
 mos convencidos de que as pagas literarias do  
 sr. Marquez se tem valor quando são assignadas  
 — exclusivo dos cheques — e não se ir a inu-  
 cação.  
 Fica feito o aviso nos collectadores.  
 53000 réis! Quem lança mais?

# Imprensa Minerva

SANTOS & MOREIRA

144, Campo de Santa Clara, 146

LISBOA

Imprimem-se jornaes de grande e pequeno formato, semanaes ou diarios, para o que tem machinismo movido a vapor. Impressos para associações com desconto de 10 %.—Especialidade em trabalhos para o commercio.—Bilhetes de visita para todos os preços.

## Grande variedade

EM

Objectos de novidade fabricados nas Caldas da Rainha

ORIGINAES DE

**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

A venda no **Gato Preto**, R. da Victoria, 80 e no deposito de Drummond Castle, Praça dos Restauradores, 57.

Agente d'este jornal nas Caldas da Rainha

*José da Silva Dias*

# JULIO AUGUSTO RIBEIRO

ENCADERNADOR

138, Rua dos Retrozeiros, 138

Venda de livros em branco e de Estudo, Encadernações, Cartonagens e Brochuras.

## PORTUGAL

Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha

FUNDADA EM 1884

Premiada com as medalhas de ouro nas exposições: Industrial Portugueza, 1888 — Universal de Paris, 1889 — Colombina de Madrid, 1892 — Universal d'Anvers, 1894 — Industrial Portugueza, 1895

Direcção artistica de Raphael Bordallo Pinheiro

Faianças artisticas e Azulejos

«O ANTONIO MARIA»

AGENCIA NO PORTO

Centro Internacional de Publicações DE

ARNALDO SOARES

125—Praça de D. Pedro—126

## SINAPISMO RIGOLLOT

(CENTRADA AUTORIZADA EM PORTUGAL)

Contra as CONGESTÕES, DORES, DEFLUXOS, INFLUENZA, etc. INDISPENSÁVEL EM TODAS AS FAMILIAS. Vende-se em caixas de lata de 10 folhas, em todas as Pharmacias do mundo. Agir em cada folha o nome e endereço do Invent. P. RIGOLLOT, 24, Av. Victoria, Paris

# CYCLEDOR

**JOSÉ D'OREY & COMMANDITA**

Rua do Principe (Avenida Palace) Antigo Café Internaciona

Vendas a prompto pagamento e a presta



Unicos agentes em Portugal das celebres bicycletas **CYCLEI**

Unicos agentes da melhor machina franceza **PEUGEOT**

*Ensina-se gratuitamente a andar em velocipede*

Unicos agentes das celebres bicycletas **Peugeot** e das bicycletas **PI** marca escolhida pelo nosso campeão José Bento Pessoa, em Paris.

Accessorios para cicylstars e velocipedes. Camisolas inglezas e allemãs de camurça para velocipede. Artigos de Lawn-Tennis, Raquetes e bolas de A Slazengers, artigos para Foot-ball.

Reparações com a maior perfeição. Encarrega-se de todos os trabalhos n'est

Unicos agentes em Portugal dos **AUTOMOVEIS PEUGEOT**

**José d'Orey & Commandita**

Rua do Principe (Avenida Palace (Antigo Café Internaciona

Vendem-se na Praça dos Restauradores, 57 e Rua da Victoria, 80.  
**Patacos a 35 reis!**

**J. P. G. Paiva**

CIRURGIÃO DENTISTA  
R. d'Assumpção, 103, 1.º

# LOUÇA DAS CALDAS

**GATO PRETO**

Rua da Victoria, 80



Preços resumidos

Casa fundada expressamente para vende

**Louça das Cal**

## CAPAS EM CHROMO

DESENHO DE

**BORDALLO PINHEIRO**

Para encadernação de todos os volumes do

**ANTONIO MARIA**

Preço 400 réis

A venda na Administração d'este jornal — Largo do



CÁ E LÁ



Cá dentro. papelorio !

Cebolorio !

Lá fóra. . . peditorio !

## OS DOIS GAROTOS

É muito emocionante o drama que n'esta semana subiu á scena no theatro da Trindade, e se alguma coisa ha n'elle que desgoste o publico é por certo a supposta morte de um d'elles, precisamente na occasião em que tudo se prepara para a felicidade de ambos. Ora a verdade é que esse garoto não morre, como se suppõe na peça. Houve necessidade de fazer crêr ao publico que elle morre, no ultimo acto, porque o auctor, quando chegou áquella altura, viu que passavam já vinte minutos das 2, e que se a creança não fingisse que morria, teria o publico de passar toda a noite em claro, porque o drama só então poderia chegar ao seu verdadeiro fim com o sol já fóra.

Affigura-se nos pois do mais vivo interesse pôr os nossos leitores ao facto do que acontece depois aos Dois Garotos, pela vida adeante, segundo nos é contado por pessoa de todo o credito, que a ambos conhece muito bem, e com quem mantem até as melhores relações — porque, e antes de mais nada, convém saber-se que um e outro são vivos, são e escoreitos, e ambos occupando situações proeminentes no seu paiz.

Depois de cabir o panno no ultimo acto, o garoto que se julgava morto, recupera os sentidos, e é levado por conselho dos medicos, para a Madeira, onde experimenta melhoras que de mais em mais se accentuam, graças ao clima da Ilha e ao muito oleo de figados de bacalhau que Fanfan continua a metter-lhe, sollicitamente, pelas guelas abaixo.

Os paes de Fanfan não se fartam de rever-se no filho, que cada vez está mais perfeito e mais gordo, com cada bochecha e cada pernóca que é um regalo, mas não conseguem corrigir-lhe os desmandos da linguagem aprendida na convivencia d'aquella tropa de malandrões com quem foi creado. De maneira que, para verem se algum remedio é possível dar-lhe, decidem-se a mettel-o na Universidade de Coimbra, matriculando-o em Direito. Mas Fanfan não consente em separar-se do seu grande amigo, e lá vae o outro com elle para a mesma Faculdade.

Como são ambos espertos, depressa arranjam o bacharelato com uma perna ás costas, e quando chega o momento de sahirem da Universidade, já o Posser lhes tem arranjado a representação de dois circulos no Parlamento, graças á grande influencia eleitoral de que dispõe nas Duas Beiras. A sorte continua favorecendo de grande os dois garotos e ahí os vereis, a ambos, nas principaes commissões parlamentares, desde a commissão de resposta ao Discurso da Coroa, até á commissão do Orçamento. Entra então em discussão o famoso contracto das pontas de cigarro, e é n'esse debate que Fanfan faz prova das preciosas qualidades de parlamentar, que depois lhe servem para o guindar bem alto na Gymnastica da Politica. Entretanto o amigo de Fanfan, que é muito mais poucochinho, e que talvez nada viesse a dar se o outro lhe não estendesse a mão para o salto de todas as difficuldades, promove os appoiados da Camara para tudo quanto Fanfan diz ou faz, e assim vae affirmando tambem, á sombra do amigo, a sua individualidade parlamentar. Quer d'uma vez tomar a palavra, quando se discute um projecto de lei sobre responsabilidade ministerial,

mas vem-lhe um d'aquelles impertinentes ataques de tosse, que já tanto contristavam os espectadores da Trindade, quando aquillo lhe dava em scena, e é tal a impressão de piedade que a tosse produz na Camara, que os dois lados da Camara acabam por pedir, em altos berros a Emulsão de Scott.

Não tardam depois acontecimentos politicos que originam a queda do Ministerio, e quando se trata de organizar uma nova situação politica, o nome de Fanfan entra a ser indicado, apontado a dedo, para uma das pastas que maiores difficuldades offerecem n'esse momento grave: a pasta da Fazenda. Effectivamente, uma bella tarde, as folhas noticiam, á ultima hora, a constituição do Gabinete, Fanfan apparece sobraçando a pasta da Fazenda.

Já então, e nas alturas em que a situação do Thesouro se encontra, quando o desespero começa a assoberbar os animos em presenca das ameaças dos credores, o nome de Fanfan representa já uma esperanza. E Fanfan, querendo desde logo corresponder á confiança do paiz, vem ao meio do Rocio n'uma caléche descoberta, e de dentro da caléche, em concorrência com os dentistas que ali costumam apregoar as virtudes dos seus elixires, e dos quaes cada um é sempre, segundo elles gritam, o verdadeiro, o legitimo, o melhor de todos, expõe abertamente os seus planos financeiros. O enthusiasmo é indiscriptivel, a confiança do paiz é óega, e Fanfan parte, n'essa mesma noite, para Paris, a contractar um grande emprestimo, tendo antes nomeado o seu grande amigo para Director Geral da Contabilidade Publica.

Chegando a Paris, porem, tremendas difficuldades surgem. Entre os portadores dos titulos de D. Miguel, apparecem como um dos maiores, imaginem quem? Reilhaç? Não! Apparece — esta só pelo diabo! — o Ferreira da Silva, que toda a genta imaginava afogado no Sens, d'aquella vez em que Fanfan lhe abriu as ecluzas, na Trindade!

Ferreira da Silva conseguira salvar-se a nado, e apparecia agora a reclamar, ao cambio do dia os 30:000 francos que lhe haviam sido promettidos por Posser em troca dos suppostos titulos de D. Miguel que elle possuia, e que afinal não passavam de um masso de cartas de namoro. Fanfan não vê outro meio de pôr termo á campanha de descredito que Ferreira da Silva lhe promove, cortando-lhe as vazas em todas as combinações financeiras, se não entregando-lhe os 30:000 francos, e resolve se a entregar lh'os.

O caso consta, porém, e o escandalo assume porporções formidaveis, quando se sabe que aquelles 30:000 francos representavam, no fundo, um negocio particular de familia, em que Fanfan se acha directamente envolvido. N'essa occasião, é que o outro garoto, que tem as contas do Estado á sua conta, dá uma grande prova da gratidão que deve a Fanfan, desde o tempo do oleo de figados de bacalhau, que nunca lhe esquecerá: Fanfan é accusado, em plenas Camaras, de haver disposto em seu proveito de dinheiros do Estado, e tudo está pendendo para o lado d'essa tremenda accusação criminal, quando o outro garoto se levanta e produz, na sua qualidade de Chefe da Contabilidade Publica, documentos numerosos que conseguem voltar, n'um

abrir e fechar de olhos, a favor de Fanfan, toda a Opinião que pouco antes, o declarava criminoso!

Fanfan rehabilita-se, assim, aos olhos do paiz, mas quando vem a sahir de S. Bento, já outra vez rodeado de amigos e partidarios ferrenhos, á estacada lhe saem, come por encanto, o Ferreira da Silva, a Amelia de Barros e o Augusto, todos portadores de titulos do emprestimo de D. Miguel, exigindo outra vez os 30:000 francos, dos quaes Fanfan se esquecera de cobrar recibo.

N'este momento é que deve cahir, definitivamente, o panno, porque para o desenlace da peça não importa já saber se se o Thesouro vem a pagar segunda vez os 30:000 francos que já tinha pago...

### A Marselheza e os apalpadeiros

Abriam-se agora umas novas pistas na cidade, á ordem da policia: as do predio onde está a lithographia que imprime a *Marselheza*. A policia egualou este nosso collega á *candonga* do consumo, e estabeleceu apalpadeiros para quem sae d'aquelle predio.



Nós lembramos respeitosamente que á porta da Imprensa Nacional é que devia havel-os, porque não conhecemos jornal que publique mais *candonga* que o *Diario do Governo*!

Alli é que o Sacarrão e o Fagulha tinham que sa-ciar e fagulhar á farta!

## COLYSEU DOS RECREIOS



### The Biograph

The most delicious animatograph of the world!  
Tal qual o *sauce*! All right! Hurrah! Hurrah! Hip!  
Hip!

### Um collaborador



Trago aqui uma anedocta no geneno da do penultimo numero.



Mas isto não tem graça nenhuma!



Acha graça a isto?



O homem acha lhe graça!



E' de morrer com risc...

# AS VARIAS CONVERSÕES

## NA ARCA ESTADO

Dentro de portas



Jogam os 4 cantinhos com a Conversão, e transformam-n'a em espantalho... para cada um fazer o jogo que quer.

Em familia



Conversões domesticas. Volumosas, mas não rendozas!

Fóra de portas



Jogam os 4 cantinhos com a Conversão, que os transforma em espantalhos, não os deixando fazer o jogo que querem.

Pelo paiz fóra



Conversões concelhias. (\*) A Telha fica cá para o Palhaes! Alhos Vedros deixaram de ser Vedros porque passaram para a Moita!



Conversão ratona. Celler... para os ra-  
tos. Palha propria... para

(\*) Pela nova reforma concelhia Alhos Vedros passou para a Moita menos a freguezia da Telha, que foi anexada a Palhaes.

### Bolachas Taborda



Eduardo Costa conseguiu que Taborda fizesse a unica scena comica, que lhe faltava na sua vida:—coer-se a si proprio. O que o grande actor não tem é cara para massa. Para massa só o sr. Marquez.

### Concurso de fome



Está aberto concurso para 100 cadeiras de instrucção primaria.  
Logo que forem despachados a pão e agua, os srs. professores organizarão uma kermesse.  
Sr. Marquez, salta 100 chéques para 100 professores, com cintos de castidade nos generos alimenticios!

### Theatro do Gymnasio

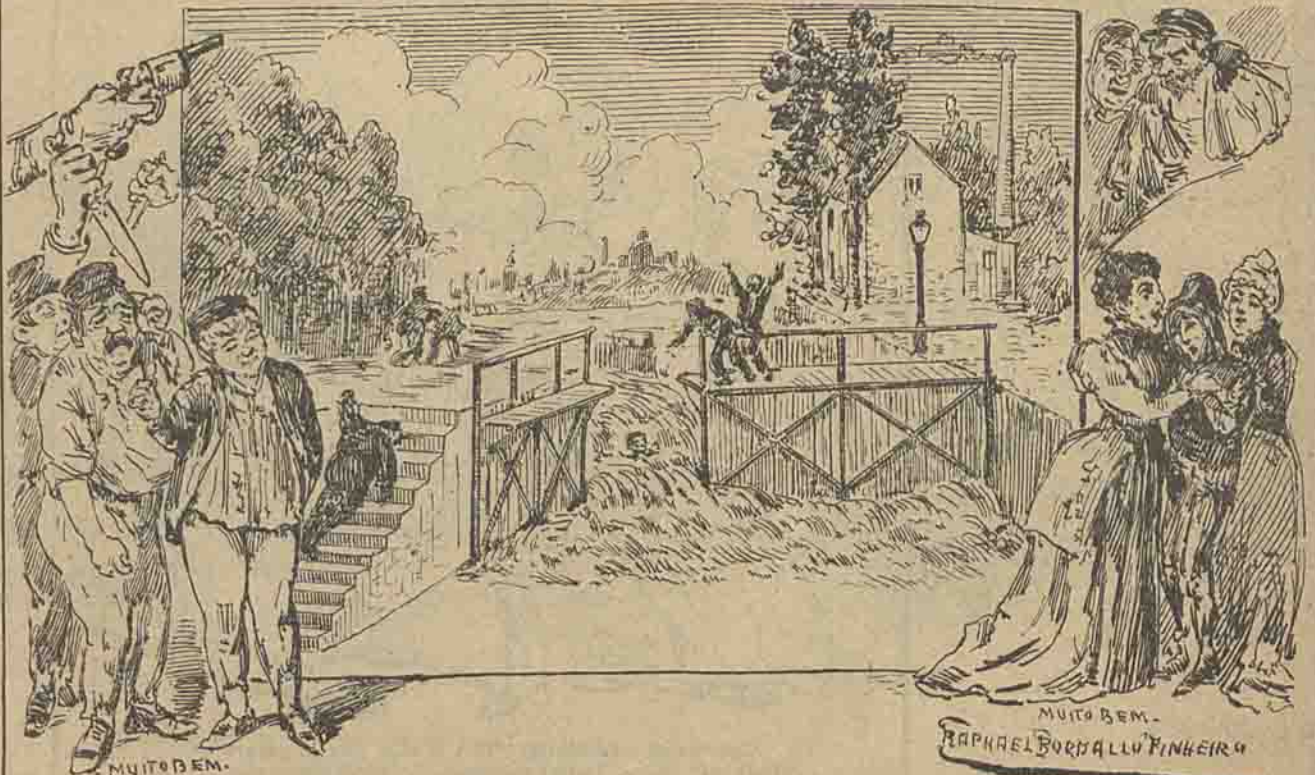
Pobresa, Miseria & C.<sup>a</sup>

Comedia n'um acto de Eduardo Coelho



Pobresa e miseria no titulo, mas riqueza e abundancia na graça e alegria com que toda ella é escripta. Muitos e muitos parabens.

### Trindade OS DOIS GAROTOS



Tudo a valer. Agua a valer, enfermeiro a valer, perna de gallinha a valer, e talento a valer em Palmyra Bastos.  
Só notámos pouca agua, sendo a traducção da sr.<sup>a</sup> D. Guimar.

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Continuação d'A CADEIRA HONORARIA)

(Recinto reservado)



—Esta vida é uma comédia; e eu represento n'ella!  
oh! oh! oh! ó ó ó ó ó— exclama o sr. Marquez varias vezes com os seus botões, porque s. ex.ª não exclama senão para si.

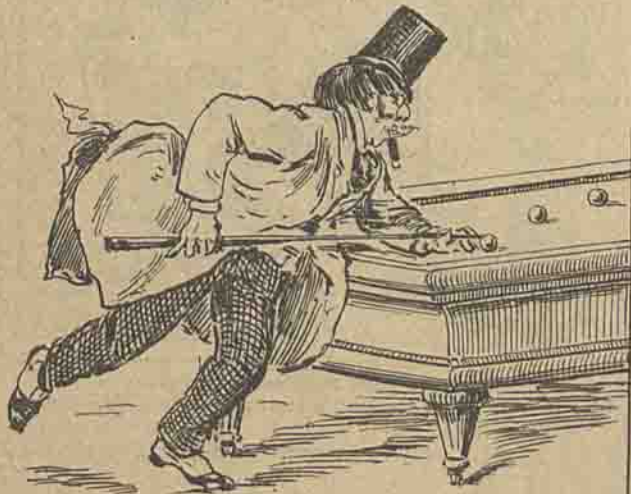
E tem carradas de razão o nobre Marquez. Se não vejam.

Soube o illustre fidalgo, então apenas valete — perdão, simples conde—, que no reino visinho os duques de Almodovar eram grandes de Hespanha cobertos, e, vae, appeteece-lhe tambem ser de Almodovar para ficar coberto. Caprichos di a phantasia!



Não se lembrou, porem, de que as linguas variam de accento, e que o Almodovár hespanhol passa a ser Almodóvar em portuguez. E d'ahi, pela variação do accento, ficon o sr. Marquez descoberto.

Furioso, quiz ao menos permanecer coberto a jogar o bilhar, e passou a jogar! o unicamente no Gremio, porque em casas particulares teria de tirar o chapéu. E é por isso que todas as noites os socios do Gremio o vêem, coberto, a jogar a sua partida.



Mas o bilhar, que para as outras pessoas é um recreio, para o sr. Marquez é bicarbonato. Applica-o uma hora depois do jantar, para ajudar a digestão S. ex.ª tem o bilhar digestivo. Dá uma tacada, ou duas, e... marca.



Ora, ha dias, o ventre de s. ex.ª estava rebelde á tacada, de tal forma que o sr. Marquez não marconem uma, e adormeceu. Então sonhou — conforme o seu costume — e como o sonho era só d'elle, e se apertava no estreito limite d'um cinto de castidade, sonhou que tinha fallekido e ia de palmito e capella, eaminho do Ceu.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
(Continua)



(Continuação da pagina antecedente)

Chegado lá, appareceu lhe S. Pedro e perguntou-lhe se queria entrar. O sr. Marquez repontou — que não



entrava pela porta por onde entravam os outros, que só se lhe abrissem uma porta particular só para elle. Ia S. Pedro a fazer-lhe a vontade, quando s. ex.<sup>o</sup>



ainda teve maior exigencia. — Estavam lá as onze mil virgens. Com elle de palmito e capella, seriam onze mil e uma. E virgem só elle! Ou o Padre Eterno dissolvia as onze mil virgens, e o nomeava dictatorialmente a elle só Virgem unico no ceu, ou que ia... para casa do diabo!

S. Pedro, como resposta deu-lhe com a porta na cara, e ao estrondo s. ex.<sup>o</sup> accordou.



A seu lado, estava o cobrador da Associação dos Bombeiros Voluntarios. Vinha cobrar o ultimo recibo. Raciocinou o sr. Marquez (muitos parabens a s. ex.<sup>o</sup>) e recordando-se de que não conseguira em sonhos entrar no Ceu como Virgem Unico, deliberou sabir da Associação, e despediu-se n'estes termos:



—Risco-me de socio dos bombeiros voluntarios. Só ficarei se me derem uma bomba só para mim! uma mangueira só para mim! e um incendio só para mim!



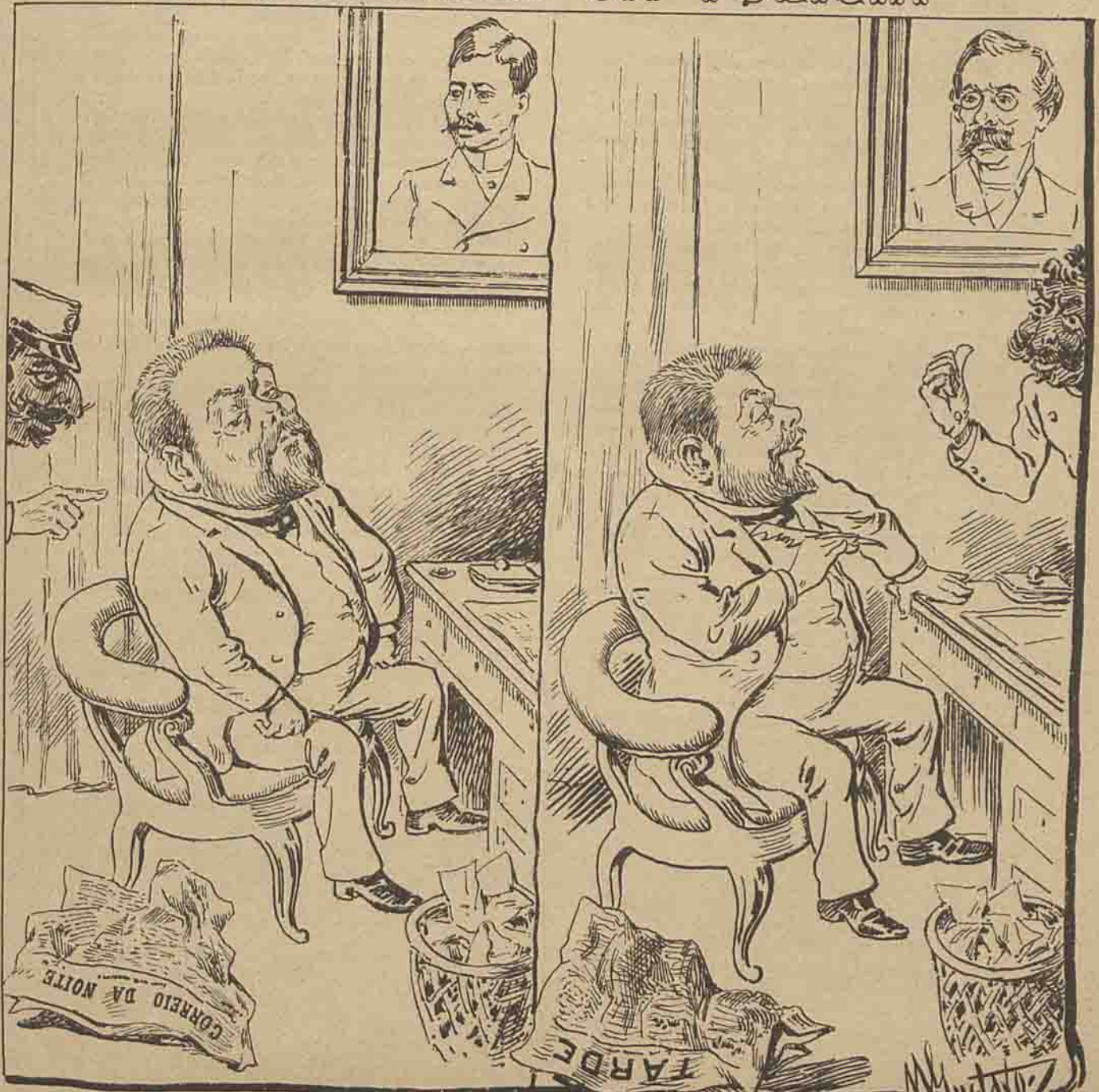
O cobrador ia para replicar, mas n'esse momento o ventre cedia á tacada, e sua ex.<sup>o</sup>... foi colligraphar.

(No outro numero bae a cuntinuaxon)

Esmola para os pobres d'esta pagina!



# A REFORMA DA POLICIA



D'antes

Agora

Unica diferenca — a dos retratos. Até a moldura é a mesma !

## As attribuições d'um chefe de partido

*Em casa de S. Ex.<sup>a</sup>, no seu gabinete de trabalho. A' direita, recebendo em cheio a grande luz do dia, uma ampla secretaria de moyno, d'estas tapadas até abaixo, com muitas gavetinhas. Algumas poltronas, uma estante de codigos, um retrato de S. Ex.<sup>a</sup>, a olro... de linhaga, na parede. S. Ex.<sup>a</sup>, inclinado sobre a secretaria, escreve apressadamente.*

S. Ex.<sup>a</sup> — que tem acabado de escrever uma carta, dobra-a, mette-a n'um envelope, cujos bordos humedece com a ponta da lingua, fecha a, sobre scripta a, põe para o lado, e começa immediatamente uma outra, e outra... Ouve-se o toque de uma campainha electrica. Acto continuo, um creado vem annunciar o Sr. Elviro de Bristol. Faça favor de entrar.

O Sr. ELVIRO DE BRISTOL — Bom dia, meu caro chefe, que foi... Venho dizer-lhe que já o não é. Foi!... Foi!

S. Ex.<sup>a</sup> — erguendo se de sobresalto e atirando-lhe os braços ao pescoço e deixando-lhe pender a cabeça sobre o hombro direito: Oh! meu amigo. Mas que resolução foi a sua?! Decididamente, o meu amigo quer perder-me, e quer perder o partido!

O Sr. ELVIRO DE BRISTOL, inabalavel: Nada me commove, nada me demove, nada me remove! Insisto, persisto, resisto. E' isto!

S. Ex.<sup>a</sup>, beijando-o na testa, e dizendo-lhe qualquer coisa ao ouvido, e logo o olhando bem de frente, agarrando o sempre pela cintura, e sorrindo como quem espera uma resposta que não vae falhar: ... Valeu!

O Sr. ELVIRO DE BRISTOL, vindo ás boas, e sorrindo já, tambem: ... Vá lá! Valeu!

Abraçam-se effusivamente, beijam-se, e despedem-se. O Sr. Elviro sae, S. Ex.<sup>a</sup> fica, e de novo se senta á secretaria. Outra carta, outra ainda.

S. Ex.<sup>a</sup>, contando as cartas que tem já promptas, e que já formam um monte: Vinte e uma, vinte e duas, vinte e tres! Bem, já agora, vae o quartêirão...

A campainha tóca outra vez. O criado reaparece. Agora, é o Sr. Jesus, Maria, José d'Alboim. Que entra.

S. Ex.<sup>a</sup>, levantando-se, indo ao encontro do recémchegado: Ditosos olhos...

O Sr. JESUS, MARIA, JOSÉ D'ALBOIM, assoprando, suando por todos os póros, rubicundo, testa franzida: Prompto! Cá estou! O que me quer V. Ex.<sup>a</sup>? Para que mandou chamar-me?

S. Ex.<sup>a</sup>, procurando o melhor dos seus sorrisos, puzando uma cadeira, e batendo-lhe com a mão espalmada no assento—da cadeira: A minha excellencia quer, antes de mais nada, que o meu amigo se assente...

O Sr. Jesus, Maria, José d'Alboim assenta-se; S. Ex.<sup>a</sup> dá um pulinho, salta-lhe para as coxas, e repete a scena affectuosa que fizera com a primeira visita. Por fim, o mesmo segredo, ao ouvido

O Sr. JESUS, MARIA, JOSÉ D'ALBOIM, desfranzindo o sobr'olho: E mais nada?

S. Ex.<sup>a</sup> — Pois que poderei eu fazer mais, meu Deus? Não será de si que eu possa esperar o pedido de alguma infamia... Quando se estima uma pessoa...

O Sr. Alboim fica-se com essa. Fica-se, mas sae. E sae persuadido de que entra!

S. Ex.<sup>a</sup> volta para a secretaria e prepara-se para acabar o quartêirão. Mas não o deixam. Outra vez a campainha. Outra vez o criado. Deve ser outro dissidente. E', com effeito, outro dissidente. E'

O Sr. BARBAS ROSA DE MAGALHÃES, todo abespinhado, com a luneta a fugir-lhe do nariz: Mas, afinal, que chuchadeira é esta? V. Ex.<sup>a</sup> arrepende-se, com certeza, de tanto troçar com a tropa! Eu declaro-lhe, peremptoriamente, que não o reconheço mais como chefe. V. Ex.<sup>a</sup> está praticando actos que não parecem de um chefe de partido, que mais parecem até de um chefe d'esquadra! Eu cá, pela minha parte, estou furo!

S. Ex.<sup>a</sup> tem com este mais alguma difficuldade, mas com o geito que lhe é peculiar, e com alguma saliva que lhe sobejou do quartêirão de cartas, acaba por vencer essa difficuldade, e o partido pôde continuar a contar com o valioso auxilio d'esse illustre correligionario.

O Sr. Barbas Rosa sae, muito mais contente do que quando entrou. Mas apenas S. Ex.<sup>a</sup> tem dado um passo depois de lhe fechar a porta, e a campainha de novo tóca.

S. Ex.<sup>a</sup> faz então um gesto de irritado com tanto tocar da campainha e pronuncia uma palavra que é ainda um dos melhores desabafos que conhecemos, em dadas occasiões, mesmo para um chefe de partido, mas que não se pôde repetir precisamente agora. Que diabo será ainda!

O creado apparece, levantando de mansinho o reposteiro, e piscando o olho a S. Ex.<sup>a</sup> annuncia-lhe, quasi ao ouvido, essa outra visita, que tanto mysterio envolve.

S. Ex.<sup>a</sup>, impertigando-se, e arrançando os collarinhos: Manda entrar para aqui, mas nos bicos dos pés, com precauções...

O reposteiro cae, mas um segundo depois outra vez se levanta, e uma linda rapariga loira, toda espaventosa de toilette e joias, apparece no limiar, e solta um pequenino grito, e d'um salto se precipita nos braços do venerando chefe.

E S. Ex.<sup>a</sup>, mal regressado ainda a si d'essa surpresa, e radiante, e não se fartando de a olhar, e esfregando e apertando as mãos, muito contente, muito contente, não cabendo em si:— Ora a Palhaça! ora a minha querida Palhaça!...

S. Ex.<sup>a</sup> tóca então, por sua vez, a campainha. E quando o criado chega:

— «Agora, se vier alguém, diga que eu não estou!»

## REAL COLYSEU

### As Farroncas do Zé



As farroncas, apresentando-se sem ellas, pode-se dizer que *marcaram* e não de *marcar*, enquanto houver gente em Lisboa, que queira passar uma noite divertida!

Ahi, seu Zé!



**A aranha e a mosca**, por Luiz Guimarães, filho.  
 — Nunca houve motivo para espantos em ver um filho de peixe sabendo bem nadar. Não deve pois causar pasmo que um filho de um poeta seja dado aos versos; e sendo o pae bom poeta, que sejam bons tambem os versos de seu filho. Ora Luiz Guimarães, filho, não deslustra, no convívio das Musas, a fama grande de Luiz Guimarães pae. Dir se ia até, lendo alguns dos versos d'esta phantasia, toda perfumada e fresca, que do pae para o filho, o mesmo espirito santo bate, suavemente, as suas azas brancas. Olhem para isto:

Para que tendes vós uma bocca vermelha,  
 se ella não vae pousar, como a amorosa abelha,  
 na bocca de um pastor, affavel e cruel,  
 buscando em cada beijo a illusão do mel!

E por ahí fóra, vão vendo, até ao fim. Fica a gente sem saber, até, se os parabens que quer dar devem ser para o pae, se devem ser para o fedelho... O melhor é que vão para ambos!

E agora, que o moço poeta nos permita uma ligeira interpretação d'alguns dos seus versos.



«Da minha bocca em flor lão de sair gorgeijs  
 «Quando sentir a d'elle a separar-me os seios!

«Aqui me tens, pastor!... e dize-me se existe  
 «Um corpo igual ao meu! repara bem! já viste!  
 «Duas coxas assim tão lizas como as minhas!  
 «Contempla do meu corpo as seductoras-linhas.



«— Os teus braços de neve imitam cobras brancas!  
 «— E a pelle do teu corpo é mais fina nas ancas!  
 «— Teus hombros são egueses às azas da cegonha?



«Meu pastor, meu pastor! não gosto dos mancebos!  
 «Prenho a rude bocca, indifferente ao inverno  
 «Cheirando à crespá serra e ao vinho de Falerno.

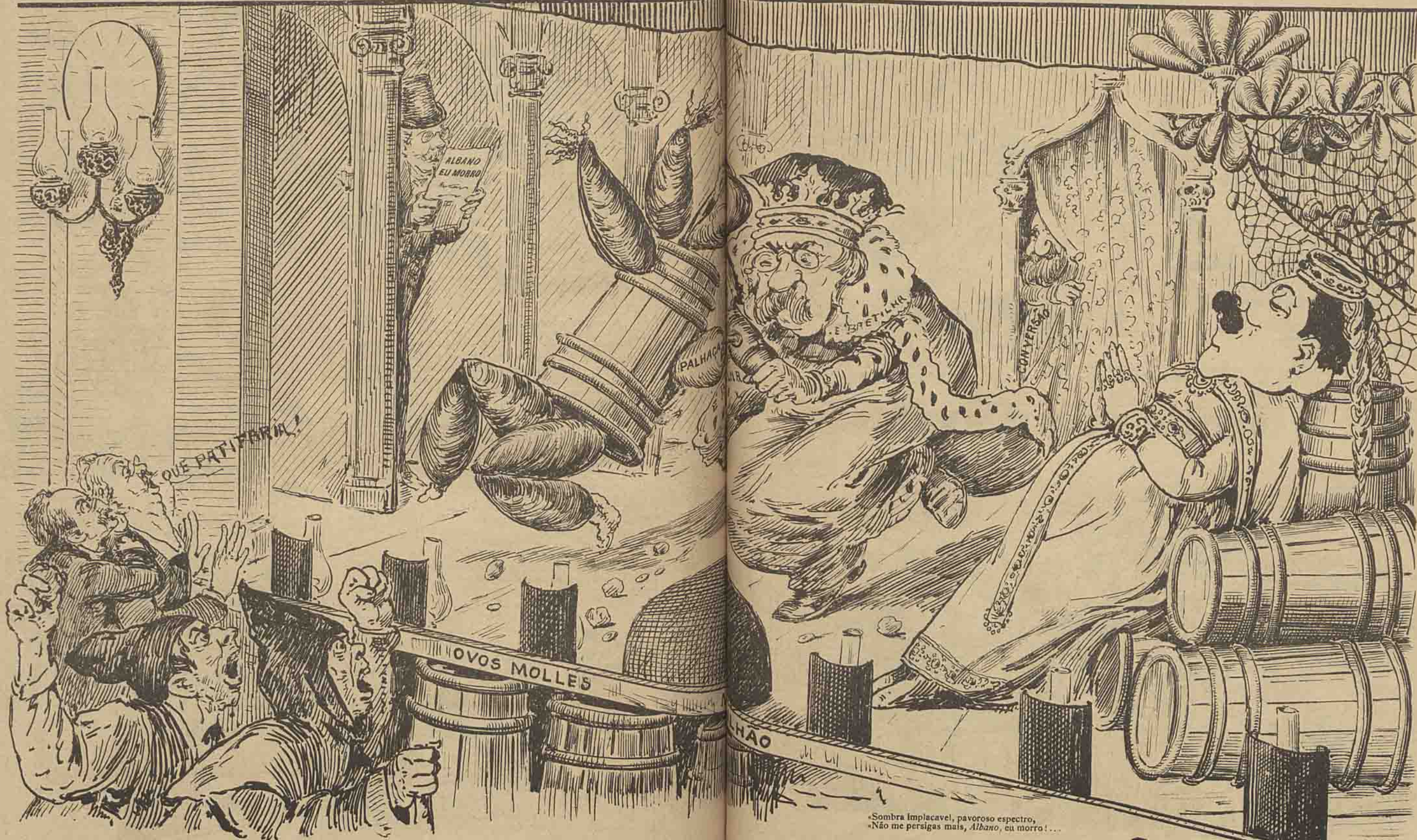


«Ja apalpaste, cruel, a pelle dos meus braços!  
 «Tão perfumada e fina! Estupido!



Cupido quando nasceu  
 Os olhos com'oculos verdes tapou  
 Dos loucos amantes!

# O FIASCO DA «OVA CASTRO»



Pedro o Cru, cosendo-se com o jogo, arranca de surpresa a Aveiro a Palhaça pelas costas. É uma patifaria! O visinho repete a phrase em voz alta, e o publico, como no Principe Real, desce. No fim de contas ... tudo theatro. Quando cae o panno, ficam todos amigos!

«Sombra Implacavel, pavoroso espectro,  
«Não me persigas mais, Albano, eu morro! ...»

(Novidades de 21 de Janeiro)

«O actor ingenuo toma, porém, o caso a sério, e segreda ao visinho que é o tyranno da peça.»

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

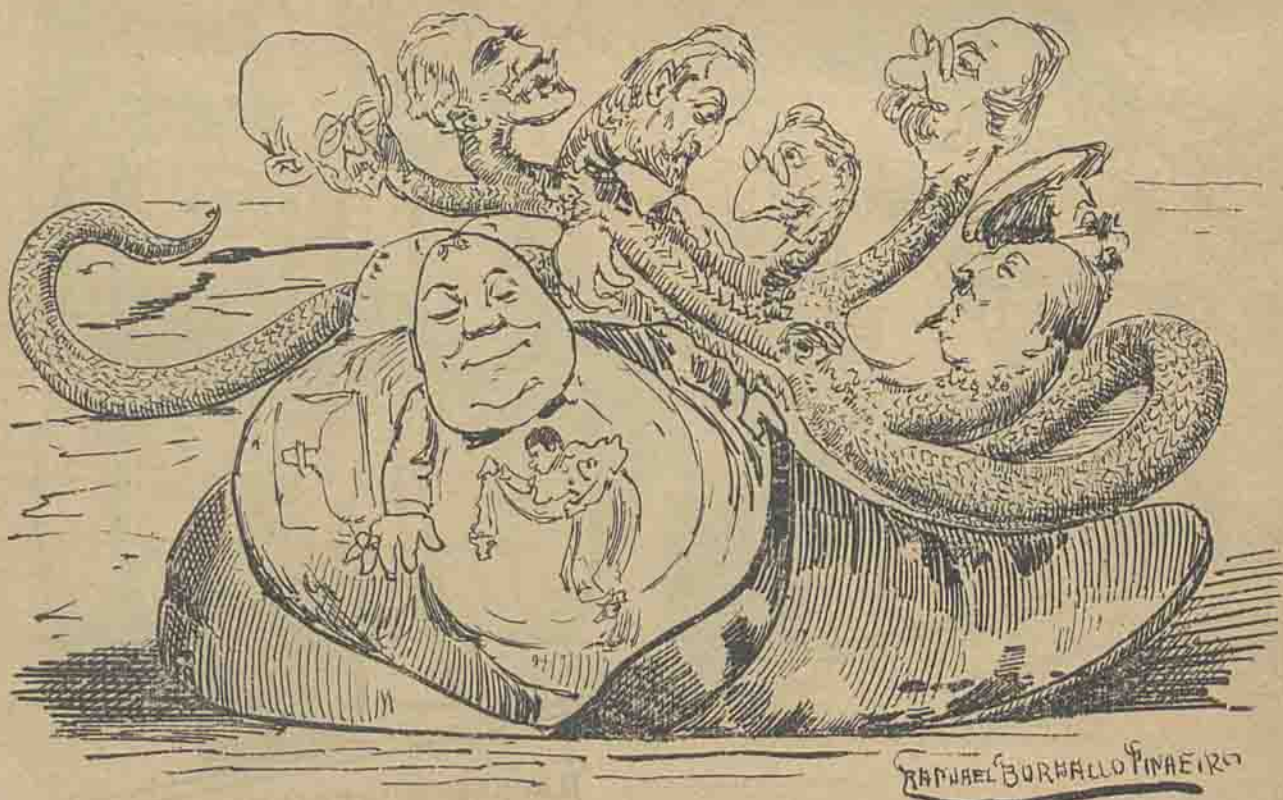
## THEATRO DO GYMNASIO

Homenagem a E. SCHWALBACH — 15.ª da «Senhora Ministra»



Amanhã, 28, apanha a taluda o nosso querido Shuwalbach, no Gymnasio. Sobre á scena pela 15.ª vez a *Senhora Ministra*. Todos os amigos do auctor se preparam para irem deitar lhe á porta a areia encarnada e os foguetes dos dias de sorte grande.

## A DIVIDA FLUCTUANTE



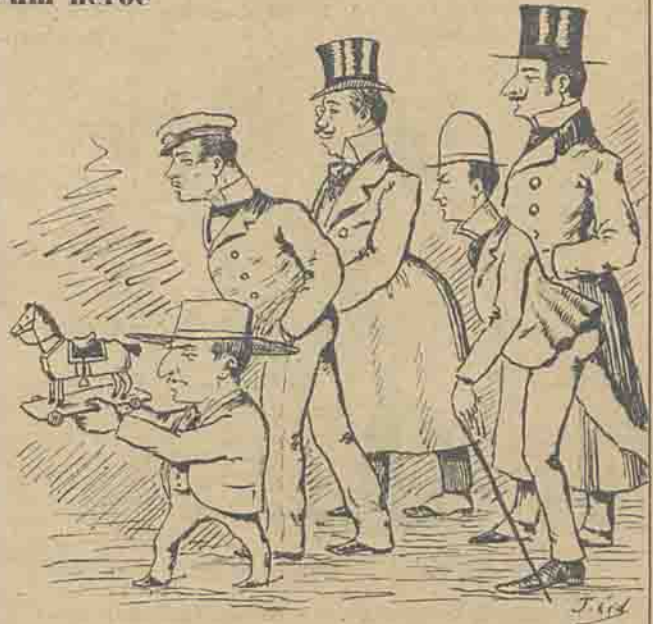
Em nove mezes cresceu 9:000 contos! — uma belleza de barriguinha!  
E' de metter n'um chinello todos as outras barrigas nacionaes!

# O CARNAVAL NA POLYTECHNICA

A recepção d'um heroe



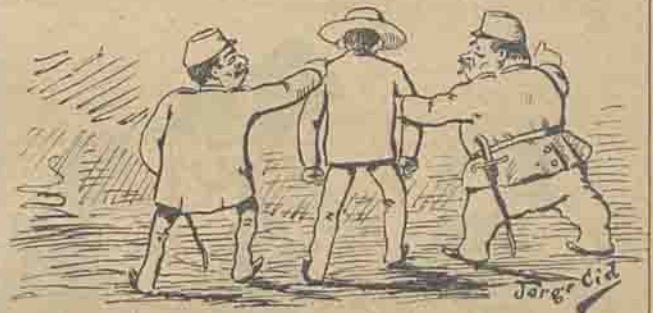
Como devia ter sido a recepção da rapaziada



A dos sportmen



A dos professores



Como foi a recepção da policia



O Gouveia Pinto aconselhando-o a que fuja da politica

# O CONCURSO PARA O DRAMA DO CENTENARIO DA INDIA



Segundo consta, ha 15 concorrentes a 5 actos por cabeça, o que equivale a 75 actos. Dando a média de 15 scenas por acto, temos 1125 scenas, que o jury tem de ler e rereer para emitir voto seguro.

Sabemos de sobejo como é o trabalho das commissões; por isso, admittindo que o jury leia uma scena por mez = trabalho herculeo ainda não visto em Portugal—conclue-se que são necessarias 1125 sessões (isto não se fazendo estudo comparativo) para a classificação das peças. Isto é, o voto só pode ser emitido d'aqui a 93 annos e pico! O drama não poderá, pois, ser representado senão para o outro centenario, d'aqui a um seculo!

Succeder-se hão outros jurys—os nossos filhos, netos e bisnetos—que em testamento irão recebendo a opinião dos seus maiores, e ao novo Cordeiro (Luciannus) do futuro é que he de caber a honra de pôr a peça em scena... por alma do auctor da dita!

Ler se-ha então nos jornaes:



## Drama historico

A'manhã, pelas oito horas da noite, resar-se-ha no theatre de D. Maria o drama historico do centenario da India, por alma do illustre escriptor sr. Fulano de tal

A commissão do centenario agradece a todas as pessoas que se dignarem honrar com a sua presença este acto funebre.

Não se ralem, pois, os concorrentes. D'aqui a 1998 ainda vae um seculo!

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Continuação d'A CADEIRA HONORARIA)  
(Recinto reservado)



Surprehendemo-lo, ha dias, no barbeiro: é en-canta dor!

O nobre Marquez faz a si a barba! Não tendo conseguido um barbeiro só para si, matutou, e raciocinou: — Barba a um Marquez, só um Marquez pode fazel a! E eil-o barbeando-se.



Mas como não tem a mão firme, é golpe sobre golpe. E por isso não se ouve senão:

—O' seu Zé dê cá papel!

E o seu Zé dá-lhe chéques — porque o dinheiro é sangue! — com que elle vae estancando o sangue azul que das facias lhe corre.



Quando acaba de barbear-se, a sua cara não vale menos de 1 conto de réis em chéques — é o segundo premio da loteria da Misericordia. Então sim, então é que se pode dizer: — Que rica cabeça!

Ora no dia em que o vimos golpeado e chécado, falava-se em Mousinho, e ergo em heroes.

Ouviu o nobilissimo Marquez as varias opiniões, até que se dignou apresentar a sua. E bublicamente fallou:

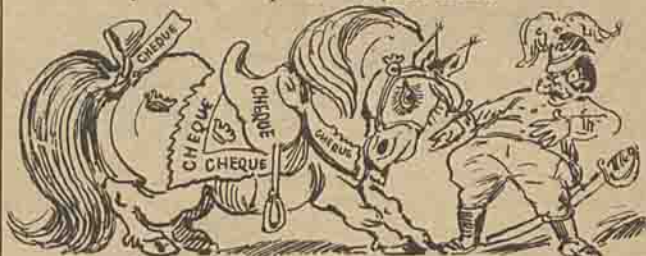
—Se eu quizesse ser heroe, se eu quizesse ser Mousinho, procedia assim:



—Comprava uma farda — só para mim!



Comprava uma espada — só para mim!



Comprava um cavallo — só para mim!



Comprava um inimigo preto — só para mim!



Comprava um campo de batalha — só para mim!



E... dava um chéque ao inimigo, dizen lo-lhe: Pon-to final! E o inimigo retirava.



N'isto um papagaio do lado repetiu:

—O' seu Zé, dê cá papel!

(Somma e segue)

Esmola para os pobres d'esta pagina!

## TRES RUFOS

Ultimo aviso

Vide carta do sr. Marquez, publicada na nossa capa.





S. Ex.<sup>a</sup> perante os collegas europeus.



Bismark, Crapini, Hohenlohe, Salisbury, Gladstone, Rudini, Crispi, Sagasta e quejandos, todos em cõro:

—Que grande homem!  
—Que estadista tão conceelho!

**Roberto Ivens**



O Antonio Maria também sabe o que são lágrimas, e também sabe tel-as, quando algum momento chega em que, interrompido o riso e a alegria que são a base e a razão de ser da sua existência, o seu coração de portuguez se associa ás grandes dôres da sua Patria. Roberto Ivens morreu, e o lucto pela sua morte é um lucto nacional porque foi ditosa a patria que tal filho teve. O Antonio Maria, que em vida o acompanhou na gloria, acompanha-o agora á sepultura.

**Menino, ou menina?**

*Consultorio medico. Especialista no systema do Dr. Shenck, para a geração facultativa dos dois sexos. A um certo signal de campanha, o creado começa a introduccão dos clientes, que são muitos, no gabinete do Doutor.*

UMA CLIENTE, nova, gentil, extremamente sympathica: E' V. Ex.<sup>a</sup>, Doutor, quem entre nós está no segredo da descoberta que resolve o problema da geração facultativa?

O DOUTOR: Eu mesmo, minha senhora.

A CLIENTE: Maravilhosa descoberta! Como eu me sinto feliz!

O DOUTOR: V. Ex.<sup>a</sup> deseja, naturalmente, que eu lhe forneça as indicações necessarias para a resolução do problema em qualquer dos casos em que elle pôde ser proposto?

A CLIENTE: Não vim por outra coisa. Devo casar-me dentro de oito dias. Os pregões estão feitos, os padrinhos escolhidos, os convites enviados. A demora só depende da modista. Mas pôde o vestido estar prompto d'um dia para outro, e eu não desejo precipitar-me nos laços do matrimonio sem todas as instrucções necessarias a um casamento moderno.

O DOUTOR: Eu devo, porém, informar a V. Ex.<sup>a</sup>, com a maxima lealdade profissional, que a especialidade do meu consultorio não comprehende certas instrucções preliminares, que constituem, por assim dizer, o Manual das noivas. E para que as minhas consultas possam trazer proveito a quem venha por ellas, esses preliminares devem já ser, necessariamente, do perfeito conhecimento da cliente.

A CLIENTE: Ah! Compreendendo... Mas não ha duvida. O Doutor poderá suppôr que eu conheço os preliminares a que tão delicadamente allude, e introduzir-me ha, sem mais rodeios, no segredo do problema.

O DOUTOR: N'esse caso, estou ao dispor de V. Ex.<sup>a</sup>

A CLIENTE: O que é pois necessario fazer para conseguir o nascimento de um menino, ou de uma menina?

O DOUTOR: Devo observar a V. Ex.<sup>a</sup> que a conjuncção disjunctiva implica materia de duas diversas consultas...

A CLIENTE: Mas eu não fallei a V. Ex.<sup>a</sup> em conjuncção disjunctiva... Por amor de Deus! Tudo quanto eu desejo saber é com respeito á conjuncção copulativa!

O DOUTOR: Bem. N'esse caso, a consulta é uma só, effectivamente, mas ainda devo advertir V. Ex.<sup>a</sup> de que o custo d'essa consulta, como é logico, duplica se.

A CLIENTE: Mas perdão, Doutor. Quer parecer-me que não nos entendemos bem. O que eu desejo saber é que passos terei a dar para chegar a ser mãe de uma creança do sexo masculino, ou mãe d'uma creança do sexo feminino.

O DOUTOR: Em principio, ou antes, a principio, o passo, como V. Ex.<sup>a</sup> diz, que ha a dar, é sempre o mesmo, para o primeiro ou para o segundo caso, e ainda para o terceiro...

A CLIENTE: Mas então, mas então, ha um terceiro caso?!

O DOUTOR: Precisamente o caso da conjuncção copulativa, de que V. Ex.<sup>a</sup> me fallou ha pouco: o caso em que V. Ex.<sup>a</sup> poderá ser mãe de um menino, e mãe de uma menina, ao mesmo tempo.

A CLIENTE: Ah! bem sei! Começo a comprehender...

O DOUTOR: Dado o primeiro passo, entra-se então, immediatamente, no regimen especial da alimentação, do qual depende, para qualquer das hypotheses, o bom successo que se tenha em vista. Assim, V. Ex.<sup>a</sup> deseja ser mãe de uma menina...

A CLIENTE, radiante: Sim, Doutor! Primeiro uma menina, d'olhos azues...

O DOUTOR: Ora, para se chegar ao resultado de uma menina, e d'olhos azues, como V. Ex.<sup>a</sup> deseja — sorrindo d'uma certa maneira, e esfregando as mãos — temos nós de...

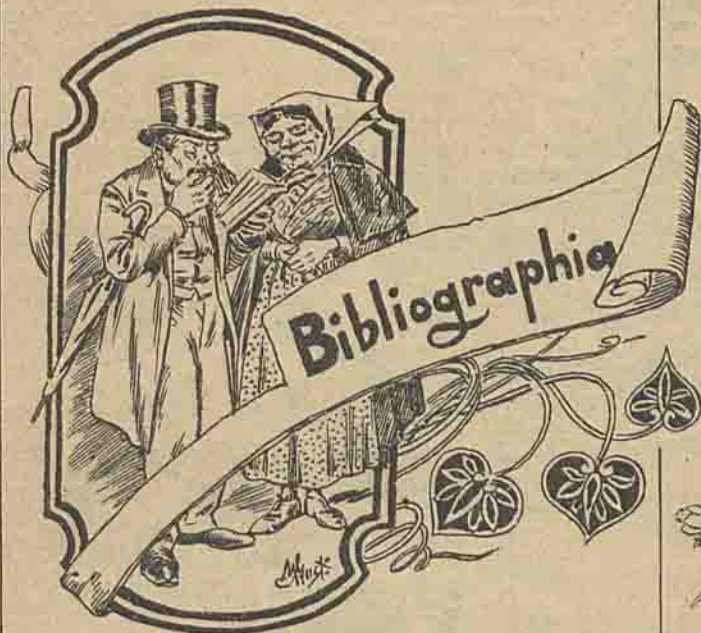
A CLIENTE, levantando-se franzindo a testa: Perdão, Sr. Doutor! V. Ex.<sup>a</sup> abusa da sua situação, e da minha. Eu vim aqui para ser aconselhada, não vim para ser offendida. Dentro de poucos dias, sezei uma mulher casada, terei um homem, e para esse reservo, para esse só, o direito de comigo conjugar a primeira pessoa do plural de todos os verbos activos ou passivos, que uma esposa honesta deve a seu marido!

Corre o reposteiro, n'um repellão, e sae precipitadamente.

**Theatro da Trindade**

Segunda feira 7 de Fevereiro

Festa artistica d'Amelia Vieira com a peça de grande successo «Os dois garotos»



A ILLUSTRE ACTRIZ MUITOS APPLAUSOS  
DO ANTONIO MARIA

**Rhytmas e Rhythmos**, de Ramiro dos Santos.  
—Este novo nome de poeta bem poderá vir a ser, com fé, com paciencia e com tempo, se Deus quizer, o nome de algum poeta a valer, capaz das mais arriscadas aventuras com as bellas Musas, nem sempre dispostas a brincadeiras com desconhecidos e jovens de fraca figura. O Sr. Ramiro dos Santos tem alguma coisa lá dentro, embora o seu livro não tenha, lá dentro, grande coisa de geito. Os versos são, em geral, duros e acidos como fructa verde. Entretanto, alguns ha que já dão mostras de quererem amadurecer com cêdo, e esses de boa cara, embora ao dente custe, por enquanto, entrar com elles. Mas ha d'isto, por lá:

**IDYLLIO CAMPEZINO**

Tu, que tens uma perna tão bem feita  
Que quando sobes, sempre eu fico atraz;  
A apanhar fructa, eu vou com o cabaz,  
Dizendo «Trepá tu, que estás afelta».

Oh não te enfades por me vêr á espreita.  
«Não olhes», dizes. Mas não sou capaz.  
Pois que queres? E' vezo de rapaz,  
Espreitar, quando a occasião se ageita...

Oh florinha da serra, flôr agreste!  
Irei contigo buscar agua á fonte  
E deixa-me beber d'onde bebeste.

Emquanto a infusa se enche, se te agrada,  
Vamos apanhar matto pelo monte,  
Vamos vêr como a uva está já grada.

D'onde se vê que não estivemos a procurar palavras de lisonja para o novo poeta, quando lá mais acima dissemos que justo é d'elle esperar coisas melhores do que este seu primeiro livro.

E muito obrigados, caro poeta, não só por aquelles dois versos do *Soneto péco*, a paginas 155, que assim dizem:

Oh tu, corpo formoso como a talha  
Manoelina de Raphael Bordallo...

mas ainda pela offerta do volume inteiro de versos, que aqui fica entre uns certos, escolhidos.

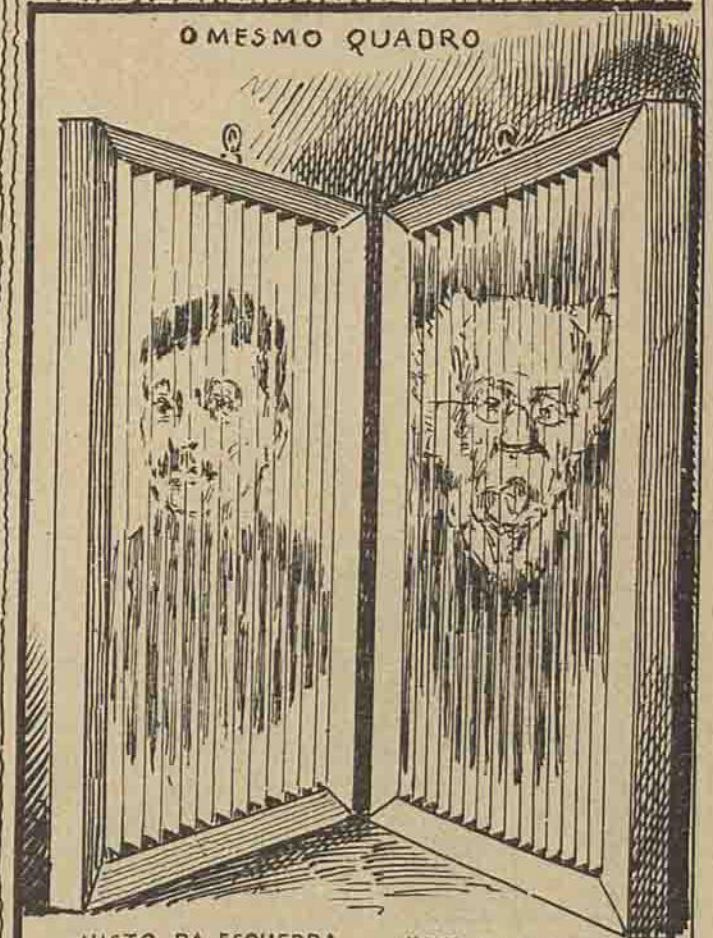
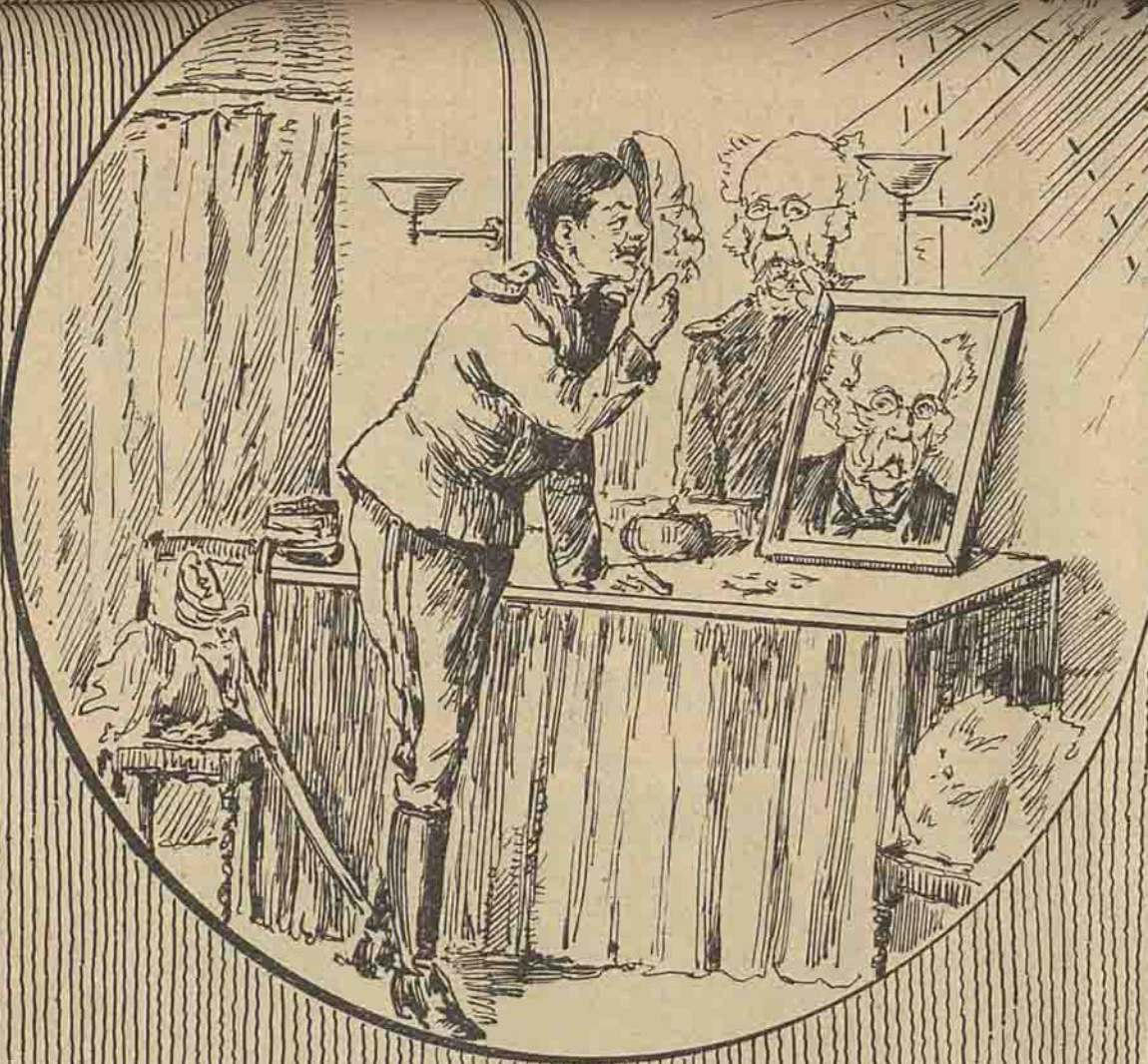
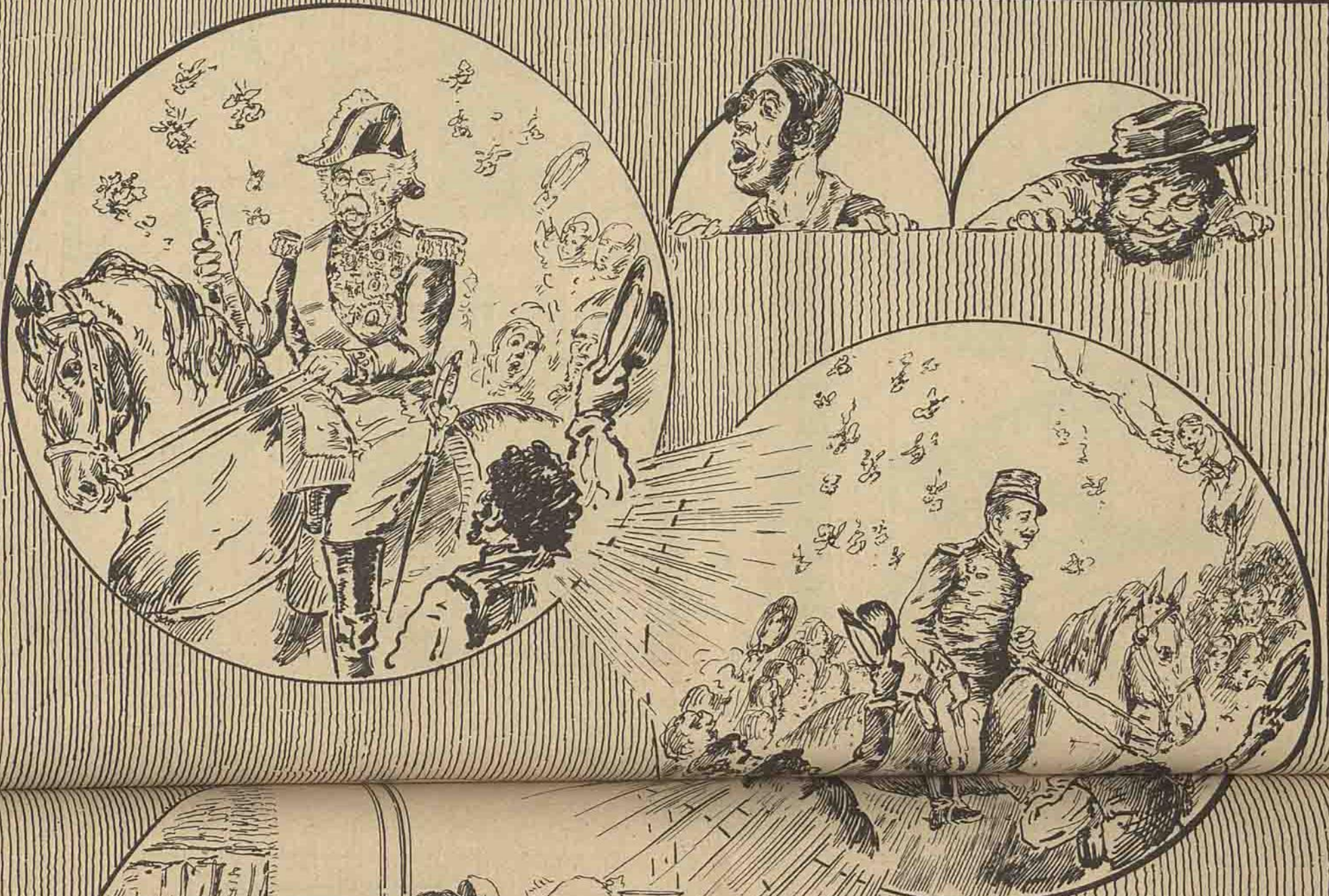
**A D. Iñez**



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Escreve-nos a sr.<sup>a</sup> D. Iñez de Castro e Palhaça que o seu rosto não estava parecido. Tem toda a razão. Assim é que estavas linda Iñez!.....

# QUADROS DISSOLVENTES



O MESMO QUADRO

VISTO DA ESQUERDA VISTO DA DIREITA

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Está certo.

# AINDA A REFORMA CONCELHIA

(Triplíce alliança)



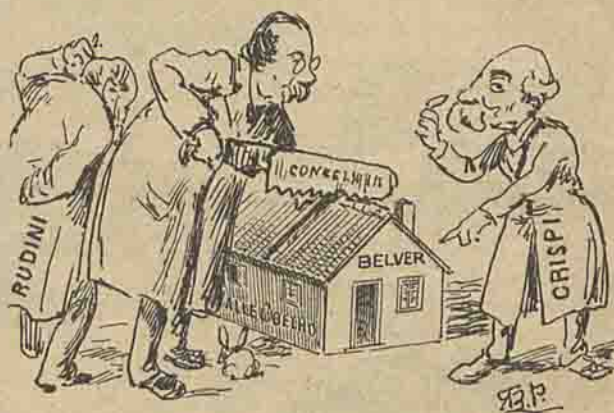
Laparo amigo, querendo approximar o sr. José Luciano de Crispi e Rudini, escreveu um artigo intitulado *Aproximações*, mas poz-lhe um pé só, o que indica que os quer approximar de pé coxinho.

D'esse artigo destacamos este trecho que nos fornece curiosas revelações:

«Como disse Crispi aos seus compatriotas, carecemos de insuflar e manter no povo o amor ás suas tradições e ao seu passado; e um dos meios de o conseguir, é irmos, segundo Rudini, descentralizando na administração publica aquelles serviços que forem descentralisaveis, sobretudo os que foram ultimamente centralizados, e que estavam já arraigados nos usos e hábitos da nossa população. É uma obra de restauração que pertencia aliás a todos os nossos partidos constitucionaes. Ora a reforma administrativa, projectada pelo sr. conselheiro José Luciano de Castro ao receber da Corôa a missão de formar gabinete, não visa, no entanto, senão a restabelecer principalmente o que ficou desmantelado pela famosa dictadura Hintze-Franco, mas—sob a base do grande principio.»

Está, pois, explicado que a reforma concelhia é filha da triplíce alliança—Crispi, Rudini e Luciani, e que a transferencia de Pias foi imposta pelo sr. Rudini, como da Telha a transferencia foi obra do sr. Crispi. A Palhaça e a Sapataria é que são obra do sr. José Luciano.

Mas o melhor da passagem, como nos diz um nosso assignante, é o que se passou com a povoação de Valle Coelho, de que o Laparo modestamente não tratou. Metade d'esta povoação ficou pertencendo a Envidos, e a outra metade a Belver. Foi assim que



o sr. Luciani quebrou ao meio a contenda entre o sr. Crispi, que era todo Envidos, e o sr. Rudini, que era todo Belver, deliberando que as casas que tenham entrada pelo nascente pertençam áquella primeira freguezia, e as que tenham entrada pelo poente á segunda. Depende tudo das trazeiras.

D'este modo quem de Valle Coelho quizer pertencer a Envidos trazeira ao poente frente ao nascente, e vice-versa para Belver.

Ora a triplíce alliança a metter o nariz nas trazeiras dos concelhos! Esta só do Laparo!

# A CAMARA DOS DEPUTADOS



Sae tudo ao contrario do que se espera. Discute-se a conversão, e o sr. José Luciano falla de administradores de coneelho! Trata-se de Chai-Chai, vê-se um Ché-Ché! faz-se Chi! Chi! e ouve-se Chó!... Chó!

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

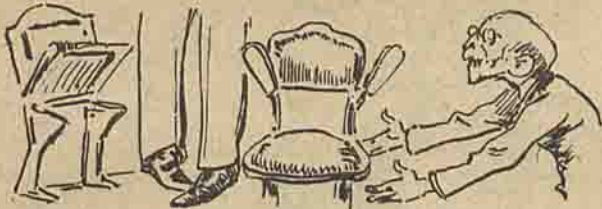
(Continuação d'A CADEIRA HONORARIA)

(Recinto reservado)

Liberdade! oh! liberdade! exclama a estas horas a cadeira ex-honoraria com a sua voz de palhinha. Mão herculea quebrou-lhe as algemas, e hoje a cadeira já está como o sr. Augusto José da Cunha, está efectiva!

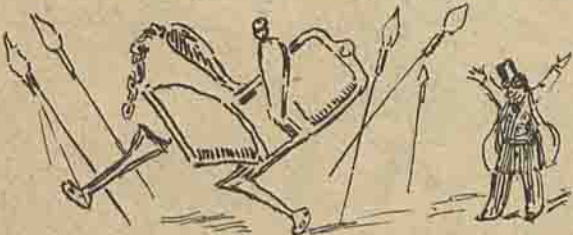


Porque—perdõe-nos o nobre Marquez de consentirmos que o sr. Cunha salte á praça, isto é, ao recinto reservado—a unica differença que existia entre a nobre cadeira do nobre Marquez e o não menos nobre ministro das obras publicas, é que a cadeira para ser efectiva foi primeiro honoraria, e o sr. pedra das obras publicas, para ser honorário, foi primeiro efectivo! Quanto ao mais os mesmos termos de equalda-



de. A cadeira tinha pernas, o sr. Cunha idem; a cadeira tinha braços, o sr. Cunha idem; a cadeira era de pau e palhinha; o sr. Cunha era de palhinha e pau e tenho dito, era de pau e ben. bonito! Finalmente, a cadeira não tinha cabeça:..... é escusado dizer o segundo termo da equaldade. Unica differença a cadeira custava 60:000 réis por anno, sem fazer decretos nem projectos; e o sr. Cunha custa 2 contos e pico afóra celleiros de palhinha ao natural a cerca de 300 contos!

Mas voltemos ao sr. Marquez. A cadeira honoraria teve no dia 26 de janeiro, o seu 24 de julho! Quebradas as algemas, como dissemos, pela possante mão, a



cadeira dança, a cadeira pula, a cadeira canta o hymno da Carta, a cadeira faz *ped de nez* ao seu D. Miguel, que lhe foge com o rabo... á palhinha!



Logo que tal acontecimento se deu, a alegria percorreu todos os assentos de palha e sem serem de palha, e os elos da cadeia foram distribuidos como quebra enguiços contra marrecas e outros... outros mui-



tos! Se até hoje o corninho e a figa serviam de *mas-cotte*, de hoje para o futuro cada elo d'aquella cadeia (tal qual as pedras da illustre Diu—um epitaphio mudo!) vale por uma duzia de figas e duas duzias de corninhos. Salve sr. Marquez! E assim que se chega á puteridade!

Por uma amabilidade para comosco enviaram nos o cadeado de *cujo*, como diria o sr. Marquez, damos hoje o verdadeiro retrato. Eil-o:



S. ex.<sup>a</sup> recebeu com a sua proverbial phlegma a noticia da quebra das algemas, e apenas murmurou:— Oh! oh! ó ó ó! E' o que nunca me poderá succeder—quebrar!



Apesar, porém, da sua apparente indifferença, o nobre Marquez foi para casa engallinhado, e, se Pilatos lavou as mãos, elle foi lavar os pés.



Apre! que não sabemos como passar para a lavagem dos pés de sua ex.<sup>a</sup>. Mas passámos, e cá estamos para lhes contar como elle faz esta operação devéras curiosa.

CONTINUA

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Continuação d'A CADEIRA HONORARIA)

(Recinto reservado)

E' assim



O sr. Marquez senta-se n'um banquinho.



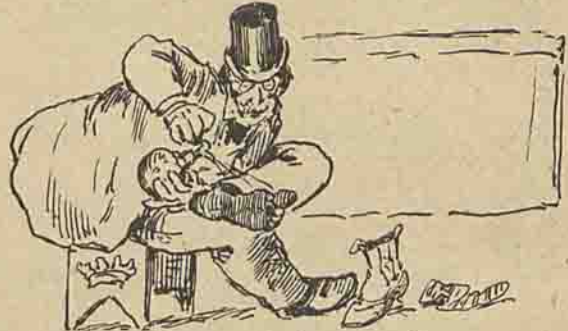
Descalça uma bota e uma meia.



Depois péga no pulverizador de magnifica agua de Colonia... pulverisa o pé, ao de leve muito ao de leve... um borrifinho!



E calça logo a meia e a bota, para o pé não se constipar.



Em seguida procede da mesma fórma com o outro pé.



Agora a explicação porque lava um pé de cada vez. Se descalçasse os dois ao mesmo tempo, cada pé via no outro um preto, e fazia—atehim!



RAPHAEL BORDALLUPIVHEIRO

Ora como a bocca d'um Marquez não póde acudir com um Dominus tecum a um pé, embora seja tambem de Marquez, e s. ex.<sup>a</sup> não quer deixar de ser gentil e sempre de luva branca, (com perdão do pé preto) aqui está porque vão—dois separados!

(Quinta feira anda a roda)

Esmola para os pobres d'esta pagina!



# NO MUNICIPIO



A Camara, (recebendo a visita) — Vens com demora, oh! tu?  
 A formiga branca — Não. Apenas o tempo de roer tudo. Vou de passagem para os ministerios ...  
 A Camara — Ai, menina! Então avia te senão morres á fome...



**FRANCISCO D'ANDRADE**

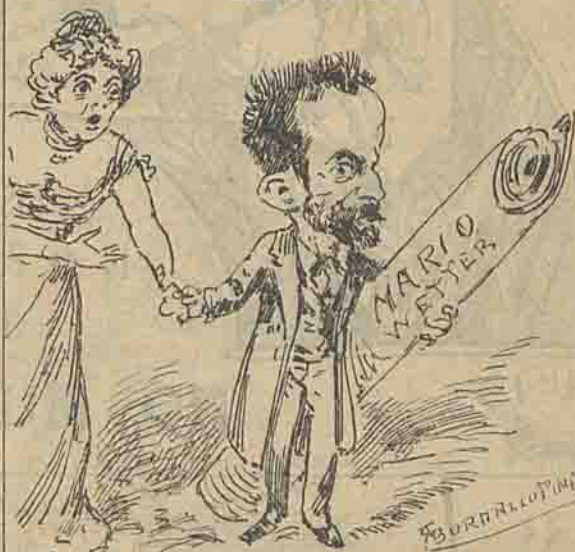


Como tudo isto anda errado! Mandámos ao estrangeiro o sr. Burnay e o sr. Perestrello, que não dão uma nota, e chamamos a Lisboa o sr. Francisco d'Andrade, que tem notas as que tem! E realmente é elle o unico portuguez capaz de tratar da conversão. Vejam como elle converte as suas bellas notas... em bellissimo oiro. Estamos certos que, pelo menos, os nossos crédores antes o queriam ouvir a elle... que ao sr. Perestrello e ao sr. Burnay.



**AUGUSTO MACHADO**

Marlo Wetter



Artista de alma e coração, esquece-se, porém, de que em Lisboa ha a rua dos Fanqueiros. Não o admiram talvez as meninas da Baixa, mas cobrem-n'o de applausos todos os verdadeiros apreciadores da grande Arte.

**JOÃO POSSOLLO**



Prepara-se para hoje no Colyseu dos Recreios, uma festa de estrondo em homenagem ao gymnasta amador João Possollo, que nem por se intitular apenas amador deixa de ser um bem notavel artista.

Na figura forte e sympathica de Possollo, a mocidade adextrada do Real Gymnasio Club e do Atheneu Commercial de Lisboa personifica o merito d'essa arte energica que em si reúne a praticas de todos os exercicios proprios a tornarem o homem mais intrepido e mais solido, mais corajoso e mais sensível, mais audacioso e mais agil; e ao mesmo tempo que assim dão ao amigo e ao collega uma prova cabal de sympathia e dedicação fraterna, realisam como que uma apothese da Perfeição viril.

O Antonio Maria, que tambem muito dado é, em suas horas vagas, aos exercicios de uma outra gymnastica de seu uso, nas barras fixas do riso e da galhofa, jubilosamente se associa á idéa da mocidade desempenada de Lisboa, e do seu jardim offerece a João Possollo, n'esta noite, uma avultada braçada de flores.



Acabaram-se os pingos de tocha!  
Extinguiu-se a pingadeira nacional!  
O genero humano já não se pinga!



Os gatos, que n'outro tempo eram pingados, passam hoje a ser despingados!



Os côtos já não pingam e vão passar á historia, e os sacristães vão ficar desprovidos dos côtos, assim como as velhas beatas vão ficar sem verem findar os seus ricos pingos!

Até hoje todos arrelivavam pegar na tocha; d'hoje para o futuro todos querem andar de tocha na mão! E porque?



Porque o nosso collega Reys e Sousa (Anto-Nito) inventou uns apparatus authomaticos que consomem pedaços de cêra até final sem desperdicio de um pingo!

Ha quem diga que os cereeiros vão dar ao côto com o aproveitamento dos taes côtos. E nós somos da mesma opinião.



O que não podemos é deixar de felicitar o nosso amigo Reys e Sousa pelo seu utilitario invento que veio solver um difficilissimo problema nos usos e costumes da nossa terra: — fazer-se menos cêra!!!

## A CARTA DO SR. MARQUEZ

Em consequencia de não ter havido mais licitantes, o que não é muito favoravel á obra litteraria, vae ser adjudicada ao sympathico anonymo a carta do sr. Marquez pela quantia de 5\$ 00 rs.

No proximo numero daremos a lista dos pobres contemplados com esta verba.

## Homem ao mar



O Sinistrado — Quem me acóde! Por Deus! Atire-me uma corda senão afogo-me.



Um homem cheio de boas intenções — Quer uma corda? Ahi vae ella...

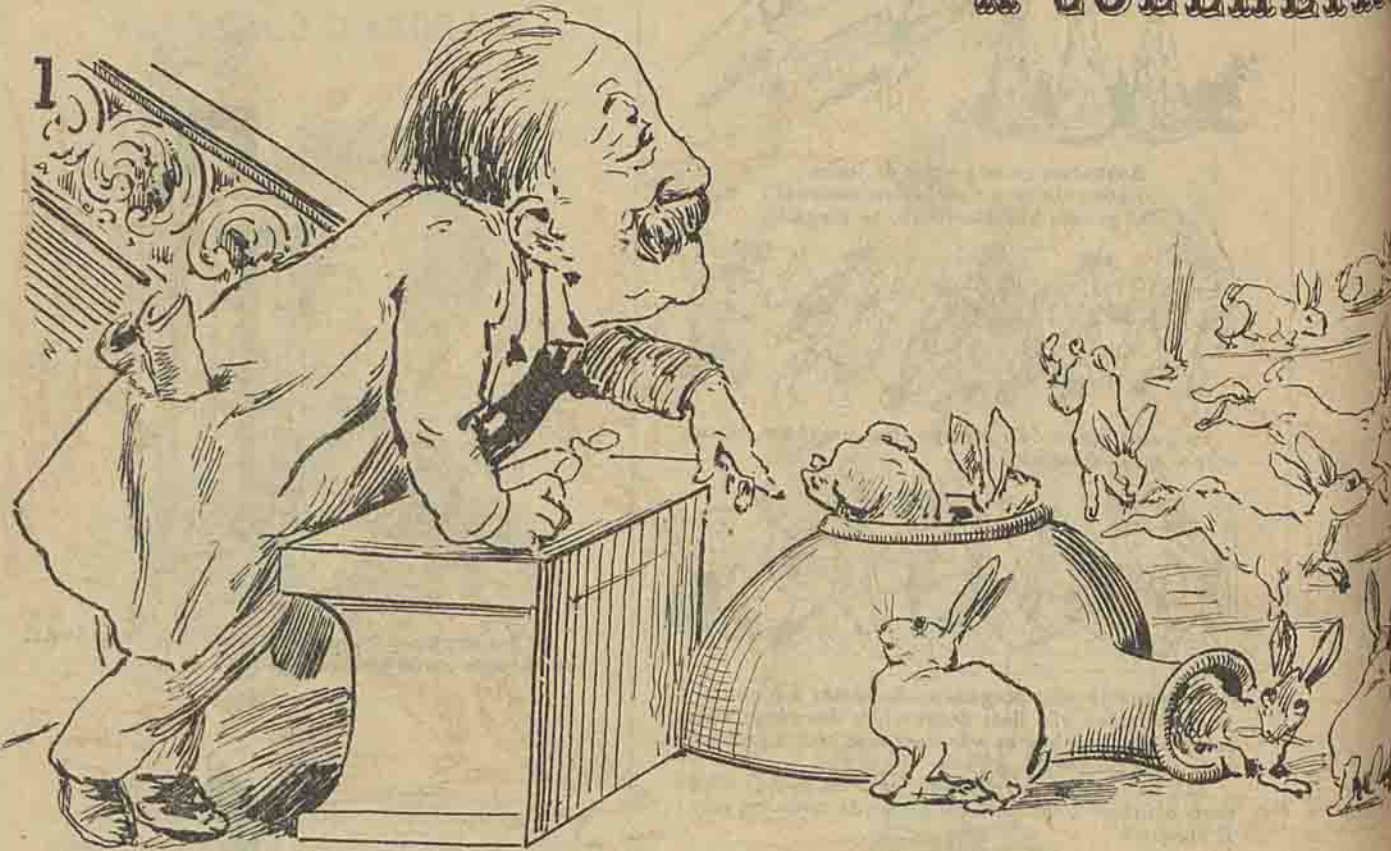
## REAL COLYSEU

11 de fevereiro

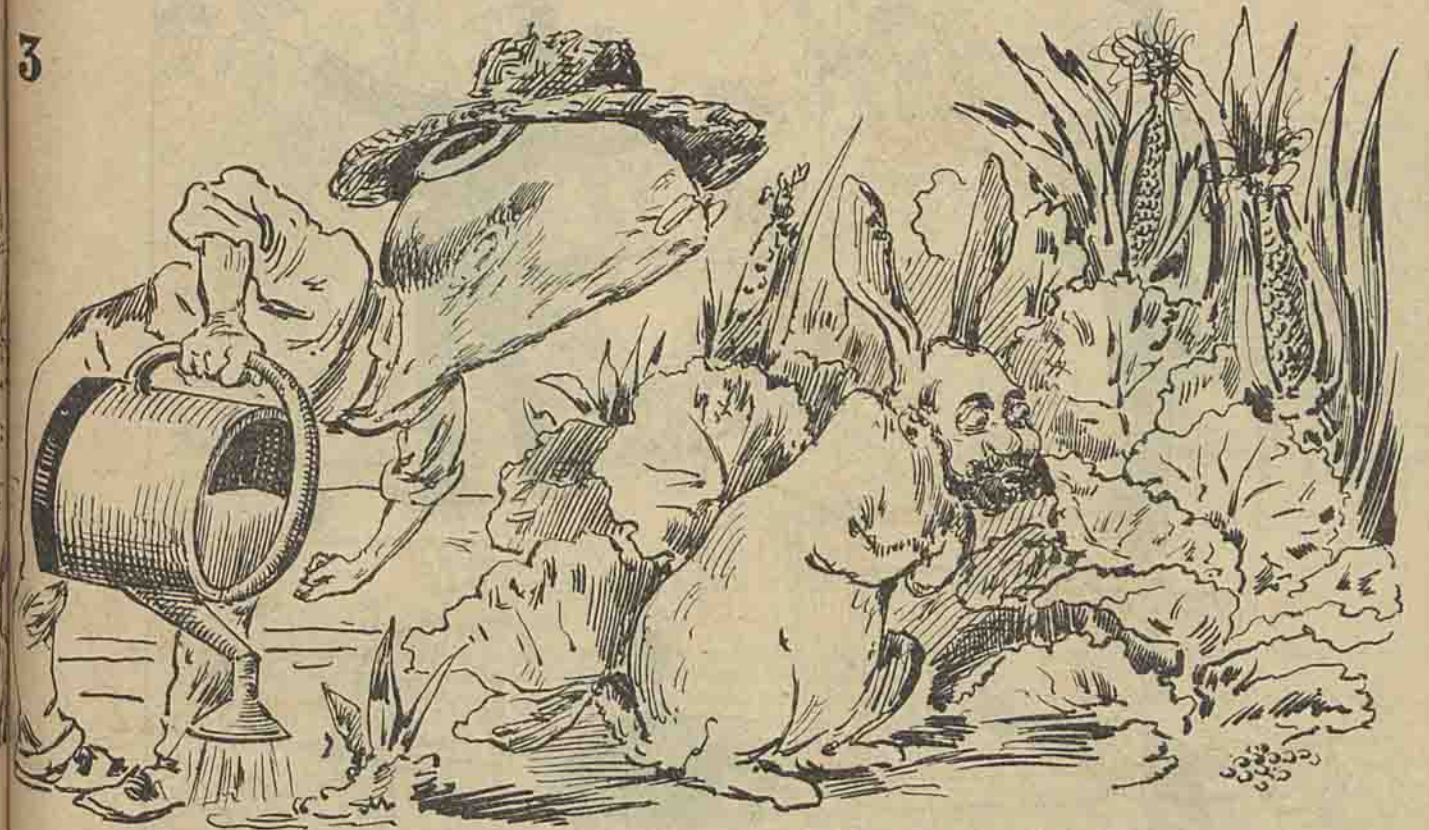
## Beneficio de Mercedes Blasco

Por mais papeis que tenha uma revista ella entende-se sempre com elles. Enquanto o governo lhe não entrega o dito da Guiné, para ella se entender com os papeis pretos, vamos nós applaudindo a nos que actualmente desempenha n'As Farroncas do Zé, e por signal que mnito bem.

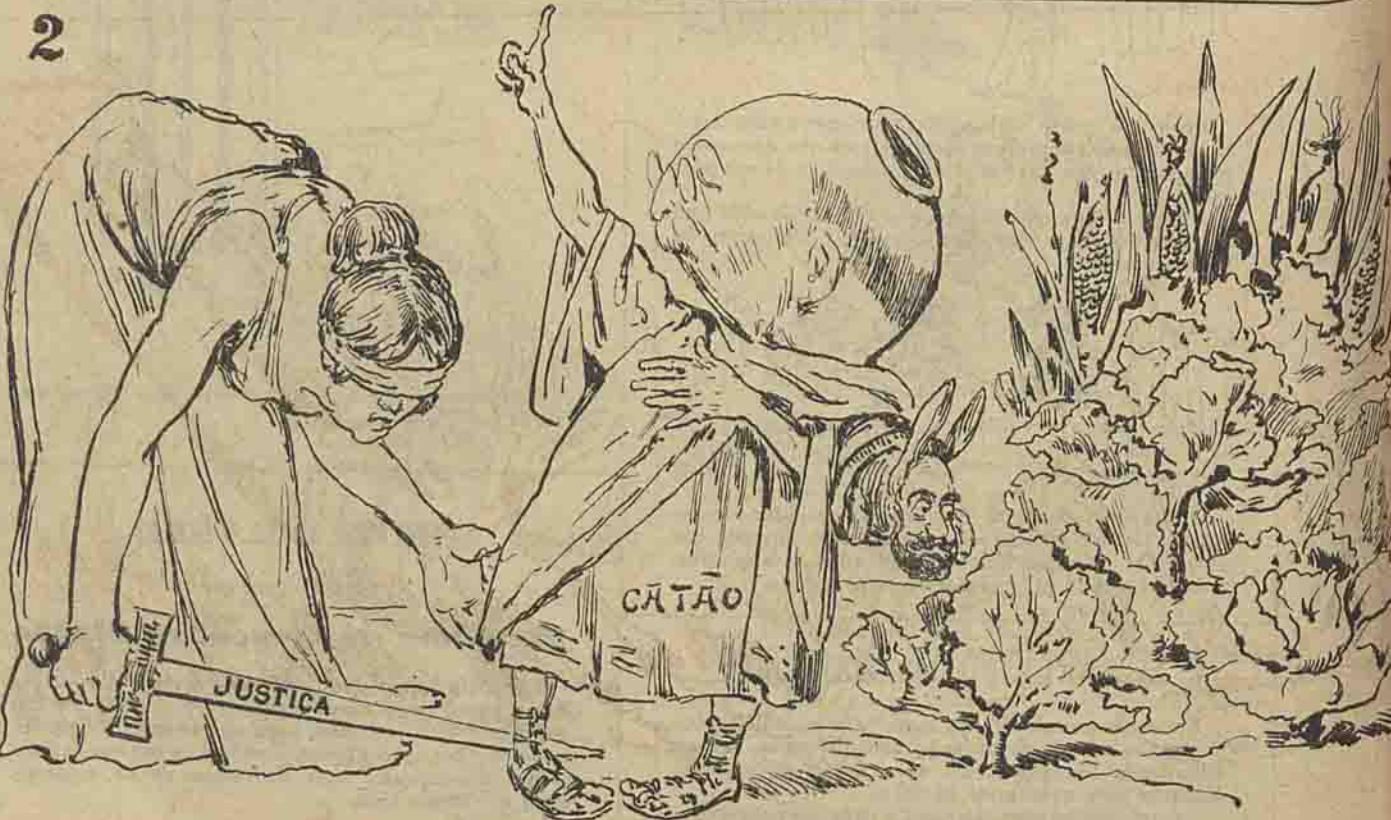
# A COELHEIRO SR. CUNHA



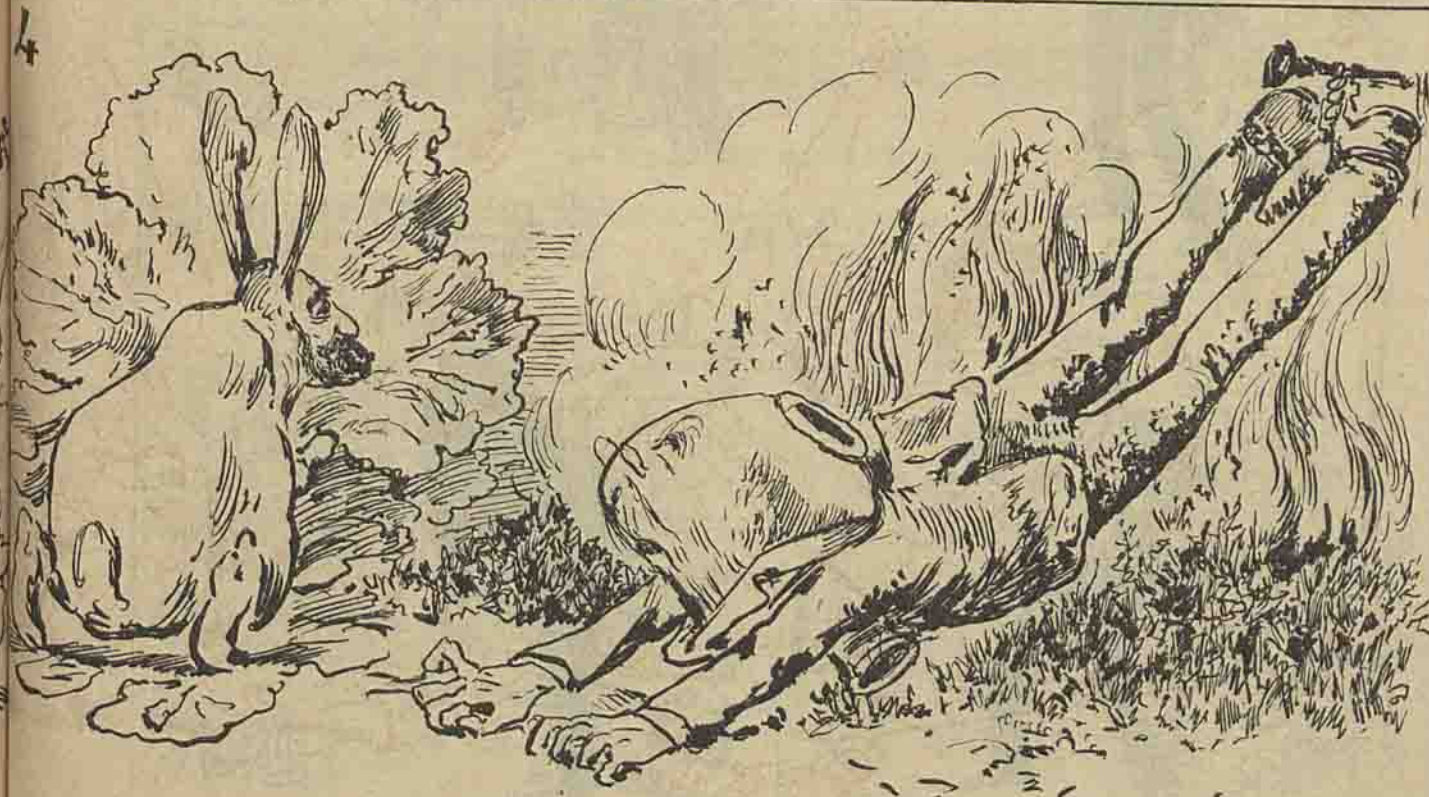
Lembrou o sr. Mariano na camara, em piada a chegar, que os animais de maior procreação são os roedores. — Vide as coelheiras!  
— Ah! seu Ulysses!



Nos seus terrenos da Chamusca, o coelho roe a couve da concessão, contemplando o bello milho, enquanto o hortelão Cunha rega o terreno... com acido phenico.



E tem razão o sr. Mariano. Dizia-se do sr. Cunha, Catão de pedra, que era toca d'onde não sabia coelho! E no fim de contas isidrou um laparão... com 64 hectares de terreno em hasta de secretario particular.



RAPHAEL BORNHILLO PINHEIRO

Foi na Chamusca que te chamuscastes, meu lindo! E's um ministro ehamuscado!

# UN CANTOR DE SALA

(Ofo meu amigo J. Bregaro)



IDEALE

Io ti seguiti come un'amica face  
De la notte nel velo. (club)



In te rapito, al suon de la tua voce,  
Lungamente sognai;



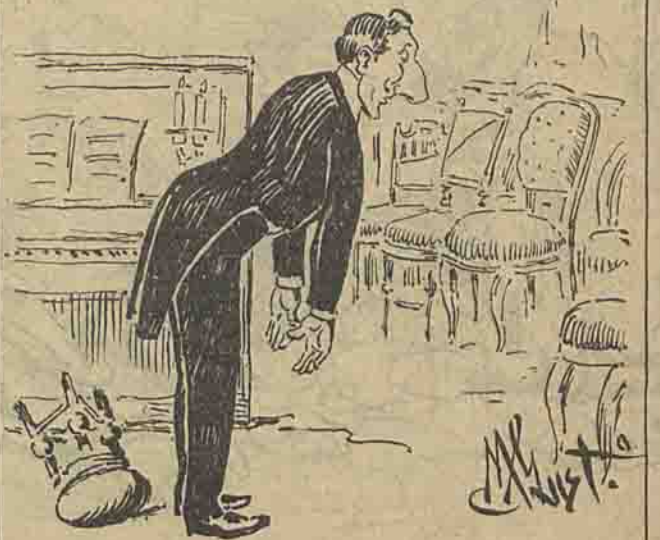
E ti sentii ne la luce, ne l'aria  
Nel profumo dei fiori;



Torna, caro ideal, torna un instante  
A sorridermi ancora,  
E a me risplenderà, nel tuo sembiante  
Una novella aurora.



E fu piena la stanza solitaria  
Di te, dei tuoi splendori.



M. Mustafà

# THEATRO DO GYMNASIO



## JOAQUIM D'ALMEIDA

Ha muito tempo que não presenciamos em theatro nosso um tão completo, tão extraordinario successo como foi o de Joaquim d'Almeida, esta semana, no Theatro do Gymnasio, representando o *Papá Lebomard*.

O actor, que tantas vezes applaudimos em tantas outras interpretações dramaticas, attingiu n'esta—aos nossos olhos, que podem não ver bem ne entender de outros, mas que para nós são ainda os que nos permitem ver melhor—o maximo de perfeição que é possivel esperar do seu admiravel talento scenico.

Dentro d'aquelle papel, tão difficil pela naturalidade simples do que é cheio, e que lhe dá toda a feição, todo o interesse do theatro moderno, não será possivel nem dizer melhor, nem gesticular melhor, nem pisar melhor. O actor italiano Novelli, que d'esse mesmo personagem fez uma das suas mais bellas corôas de gloria, e em que nós o vimos, deu ao papel, sem duvida, uma perfeita interpretação e um desempenho perfeito; porém Joaquim d'Almeida conseguiu mais, porque, tendo se visto Novelli, e persuadindo-se a gente de que impossivel seria d'ali tirar um diverso effeito, vendo agora no Gymnasio, realisado pelo nosso actor, tem de confessar que o Papá Lebomard é outro, mas é a mesma perfeição no desempenho.

Um grande bravo, d'aqui, a Joaquim d'Almeida.

# THEATRO DE D. MARIA

## Familia americana

PRIMOROSAMENTE ENSAIADA MAS... PEÇA D'ENTRUDO

METTECHÉ-CHÉ



Esta familia americana de D. Maria gira muito melhor sobre os rails que a familia americana de St. Amaro, que anda sempre a descarrilar!

# SECÇÃO DE BENEFICENCIA

(Conclusão d'A CADEIRA HONORARIA)

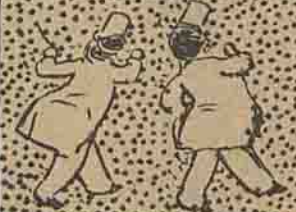
(Está livre o transito)



E' mais velho que a Sé de Braga, que cessando a causa cessou o effeito. Solta a cadeira honoraria, solto deve ficar o seu dono. Está, pois, á solta o sr. Marquez, e n'esta pagina já está livre o transito para os outros muitos marquezes d'esta grande marquezado!

Elle fica em paz; fica no Paraizo, livre de nós (em recinto reservado, é claro).

Nós ficamos no inferno do lapis e da tinta.



SÓ PARA MIM. OH! OH! OH! O O O O O



Agora somos nós que dizemos: Ponto final! D'aqui por diante, quando o sr. Marquez quizer reclame, ha de pagal-o a tostão o millimetro, sendo do pescoço para baixo, e a dois tostões, sendo do pescoço para cima, revertendo o producto a favor dos nossos pobres. E estes que nos prestem a devida justiça, nós fizemos tudo que em nossas mãos cabia a favor da sua sacola; o sr. Marquez é que faltou nos seus deveres de dador.

Está, pois, livre o transito por esta pagina. O nosso poder moderador não se exerce na semana santa; exerce-se no carnaval. Tudo tem a sua epoca. Damos por expiada a culpa ao nobre Marquez.

E... adeus, ó Salsa!



RAPHAEL BORDALLO PIMHE



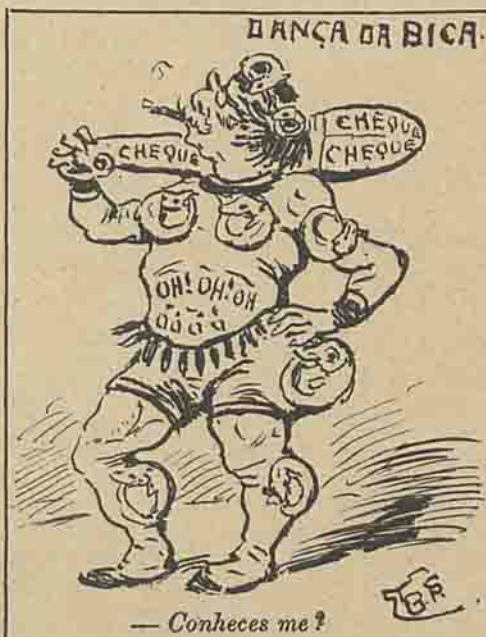
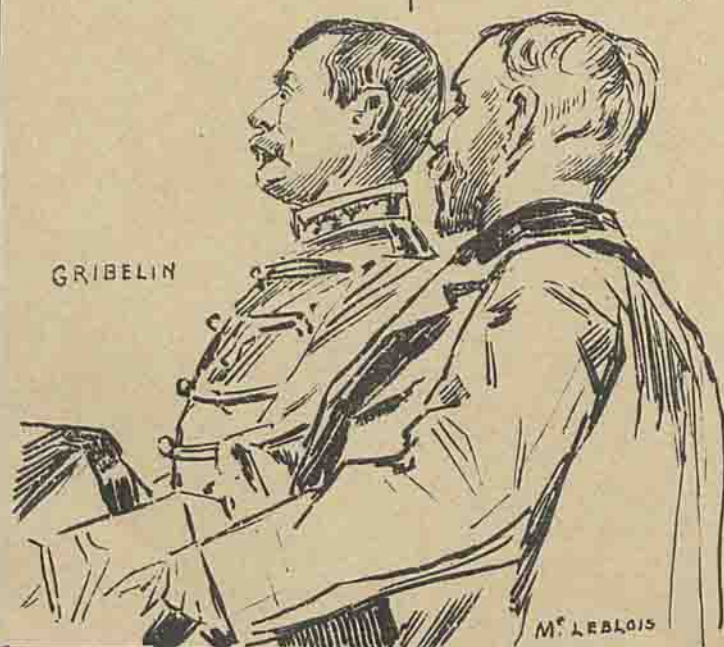
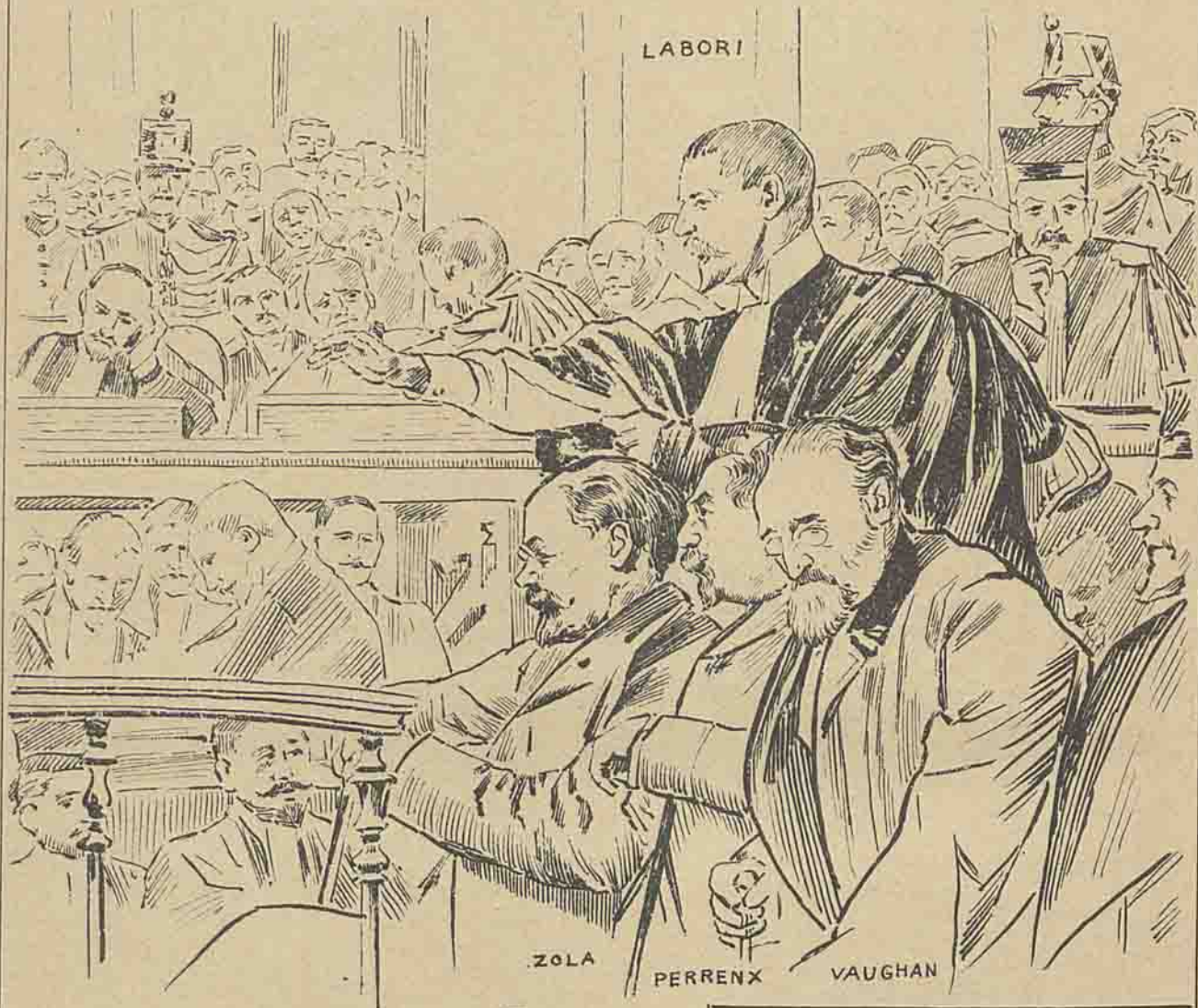
# ZOLA E A FRANÇA



O ANTONIO MARIA

# O PROCESSO DE ZOLA

(Croquis d'uma audiencia e d'algumas testemunhas)





# O PROCESSO DE ZOLA

(Croquis d'uma audiencia e d'algumas testemunhas)



M.<sup>me</sup> DREYFUS



GÉNÉRAL MERCIER



GÉNÉRAL GONSE



GÉNÉRAL DE BOISDEFFRE



TRARIEUX



COMMANDANT LAUTH



— Conhecetes-me ?

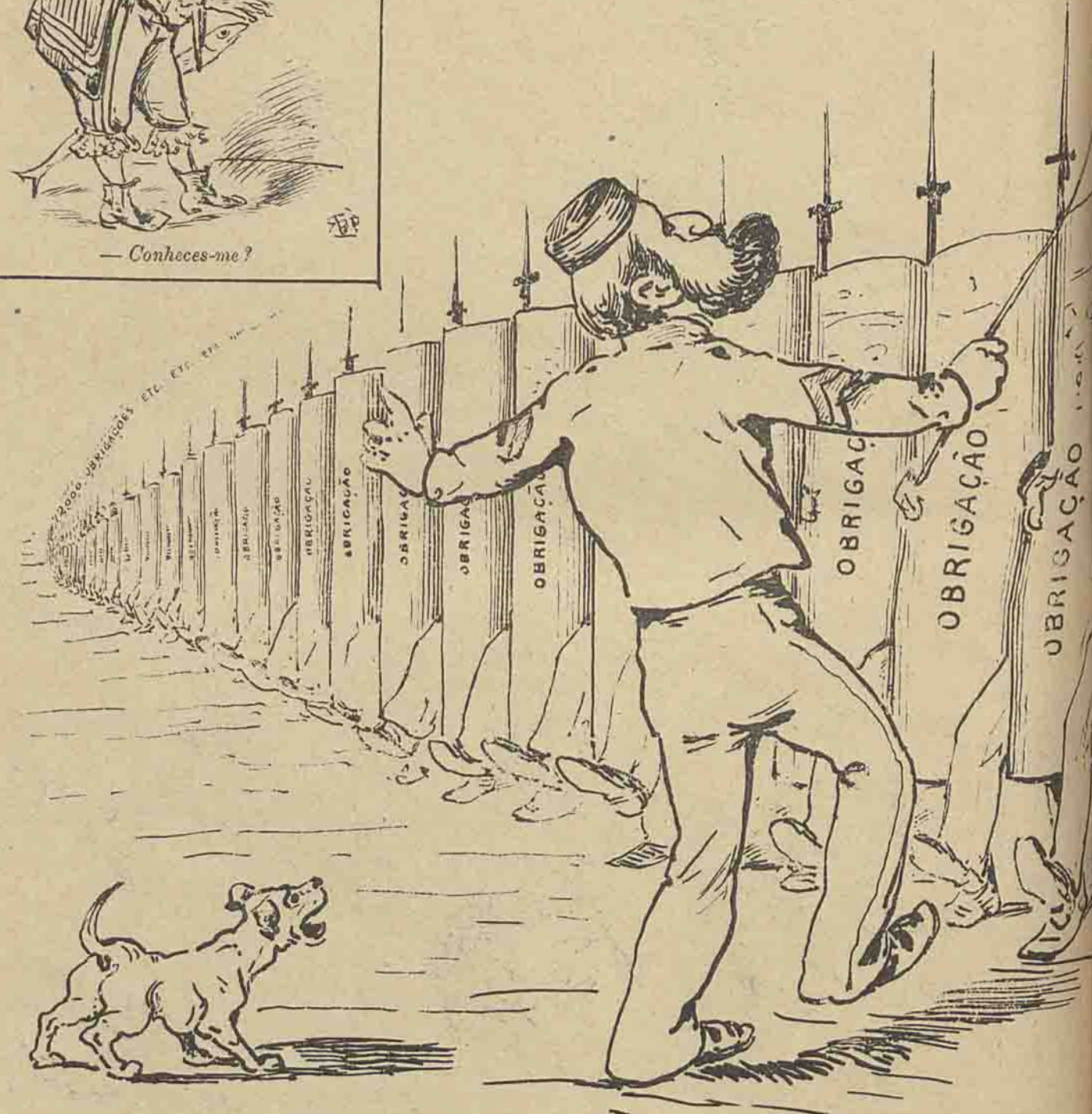
# INSTRUÇÃO MANOBRAS (SERVIÇO OBRIGATORIO)

Promptas para o serviço

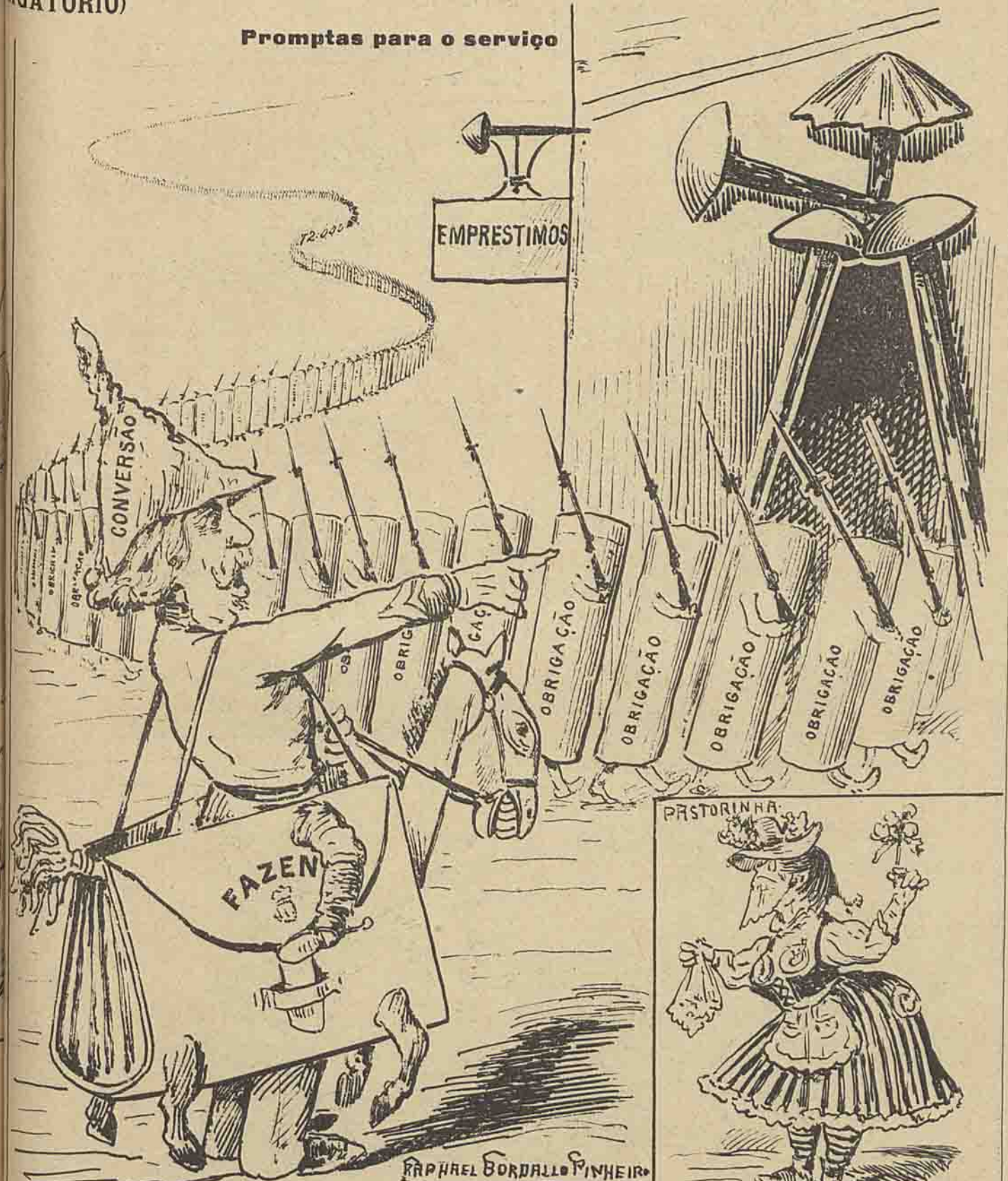
Recruta



— Conheces-me? —



Um! dois! Um! dois!



Obrigações para o prégo! Ordinario, marrrr...che!



— Conheces-me? —

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

### O badalo do sr. presidente

Ha dias, na camara dos deputados, quando os representantes do paiz badalavam o mais que podiam n'uma balburdia atroadora, por causa d'um incidente que se levantara entre o sr. Mello e Sousa e Adriano Anthero, o sr. Eduardo Coelho, que presidia á sessão, á força de tocar a sua campainha, perdeu o badalo!



O acaso tem caprichos! Foi elle quem perdeu o badalo, quando queria que os deputados não badalassem mais!

Porque no parlamento nem todos os badalos teem a mesma missão. Ha badalos para badalar, e ha badalos para calar. Quando os deputados badalam é porque querem falar; quando o sr. presidente badala é para que os outros badalos cessem de badalar!

Conforme a campainha, conforme a applicação do badalo. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, cada campainha com seu badalo.

Assim, por exemplo, temos: deputado da opposição fulo contra o governo—quando falla, o badalo toca a fogo na freguezia ministerial!



Deputado da maioria responde-lhe com uma moção de confiança no governo quando falla, o badalo dá sete badaladas! acabou o fogo!



Ha chifrcin, partem-se carteiras, fecham-se as mãos em murros ameaçadores, trocam se injurias, vomitam-se improperios — os badalos parlamentares tocam todos a rebate!

O presidente, inspector geral dos incendios oratorios, toca a campainha — o badalo é a mangueira que apaga o fogo!



Ora, outro dia, aconteceu que o sr. Eduardo Coelho quiz empunhar a mangueira, e a mangueira desappareceu-lhe da mão! — o sr. presidente perdera o badalo!

Felizmente, s. ex.<sup>a</sup> teve a idéa de substituir a campainha pelo seu chapéu alto, e de transformar a sua cabeça em badalo.



Foi assim que serenou o tumulto. Mas para que o caso se não repita, propomos que, assim como ha presidente e vice-presidente, haja, d'aqui por diante, badalo e vice-badalo!



— Conheces-me?

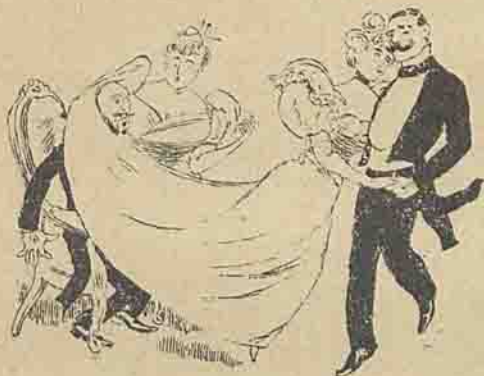
# A FORÇA DO ENTHUSIASMO



— Em casa das Pires . .



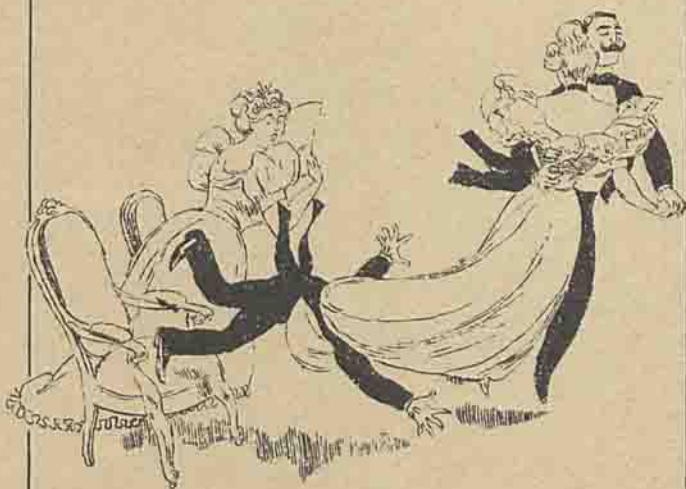
— No turbilhão . .



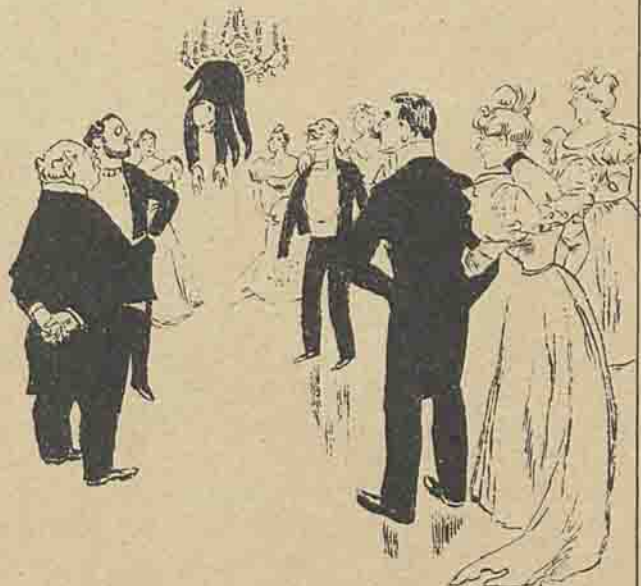
— Invitation à la valse . . .



— No ar . . .



— Vae-lhe na cauda . . .



— No lustre.

# O MARQUEZ DA PARREIRINHA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

— Dá cá um cheque e vae lavar os pés!

— Imprensa — para mim, para mim, só para mim! Oh! oh! ó ó! Tal qual elle! Uma differença apenas — elle dá chéques, eu Jou... chóques!



## O CONDE DE S. MARÇAL



O conde de S. Marçal, um dos fundadores do *Diario de Noticias*, nasceu pobre e morreu rico. Sabe-se, porém, como enriqueceu, o que não acontece com muita gente — pelo trabalho.

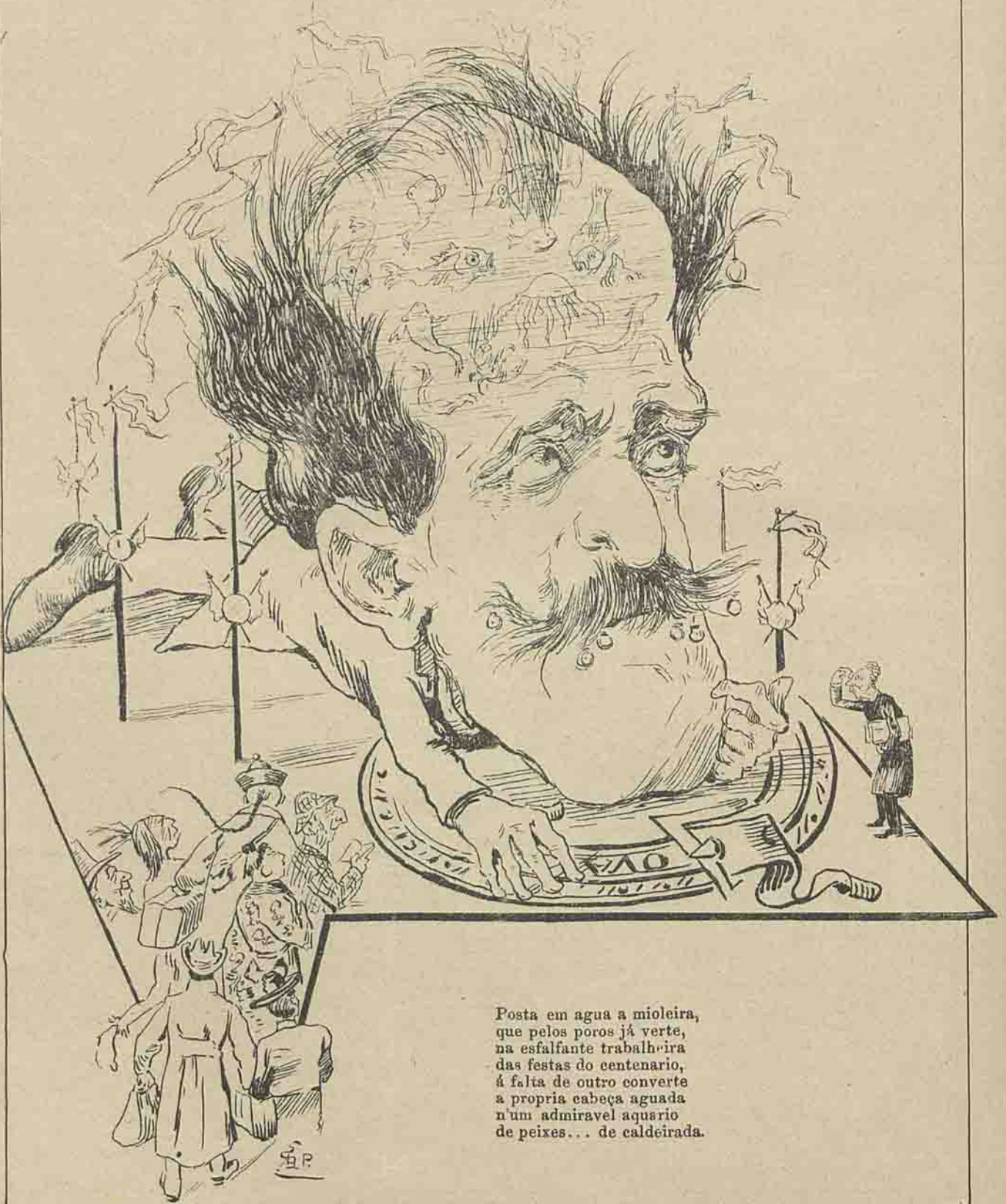
A' sua memoria prestamos a devida homenagem; aos nossos collegas do *Diario de Noticias* enviamos os nossos sentidos pesames.

### O entrudo que se não viu

As caricaturas, que seguem sob esta epigrapha, não eram destinadas ao *Antonio Maria*, pertenciam ao *Diario de Noticias* que as não publicou terça feira gorda, por causa do desgosto que poucos dias antes soffrera. A empresa d'aquelle jornal teve, porém, a amabilidade de offerecer ao *Antonio Maria* não só-

os desenhos que já eram seus, como os engraçados versos que deviam acompanhar os no *Diario de Noticias*. D'ahi os nossos agradecimentos, e podermos revelar aos nossos leitores uns quadros do entrudo que elle não conseguiu ver, mas que são tal i qual !

### No paiz das conversões



Posta em agua a mioleira,  
que pelos poros já verte,  
na esfalfante trabalhadeira  
das festas do centenário,  
á falta de outro converte  
a propria cabeça aguada  
n'um admiravel aquario  
de peixes... de caldeirada.

Conservador do registo... da opinião publica



Jurou no livro maior da sua conservatoria ser um bom conservador. Conserva a mesa censoria; conserva o corregedor, feito policia e juiz, catrafilando as gazetas que ahi ha pelo paiz; conserva as mesmas lunetas no mesmissimo nariz; conserva-se homem de bem; conserva o chapen esguio que já não usa ninguem, e um paletot alvadio, e tudo, emfim, o que tem de tempos immemoriaes. E, convertido em tyranno dos principios liberaes, conserva já ha um anno a rolhinha nos jornaes.

Noticias lá do sertão dizem ter o Gungunhana abraçado a religião apostolica romana. E' hoje um bom sachristão. Escorrepicha a galheta, usa rosario e agua benta, a fé não lhe abre uma greta. Tão convertido que aguenta o jejum... da carne preta!

NO BAILE



Jorge Cid

O' coisa, vê se te pões direito! Anda por ahi muita gente conhecida e são capazes de dizer que nós estamos bebados.



J.P.



### LISBOA COVERTIDA

Scenas da Feira Franca, quadro da Revista do anno de 1498, intitulada «centenario da India»

A' falta de exemplares autenticos, a commissão do centenario, convertida em scenas das nossas colonias e mais partes, resolveu apresentar-se aos estrangeiros... en habit d'expresso



Convertida em feira Franca  
ninguem conhece a Avenida.  
As outras feiras de Franca.  
Chora a da Ladra esquecida;  
surdos gemidos arrastados  
a do Campo e a de Belem...  
De cara rosada e boca  
já não se encontra ninguém.  
O que a Avenida de Franca  
são mulheres de casaca,  
provincianas de taqueta,  
com carpinha castanha,  
pretos de feia cor.  
Typos de raça exqu coasta,  
da raça da feira Franca!

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO.

### Os inconvertiveis



Para matar uma aranha andaram sette alfayates. Financeiros de arte e manha, da conversão nos debates, lá andam por terra extrauha sem que um só no vinte acerte. A Divida é d'uma canna! Não vae por mais que se aperte. Mais feroz que o Gungunhana, nem morre nem se converte!

Inconvertiveis... só a Divida e os credores externos, que não estão para conversas. Quanto mais para conversões\*!

\* Conversão - conversa grande, segundo o dictionario das Novidades.

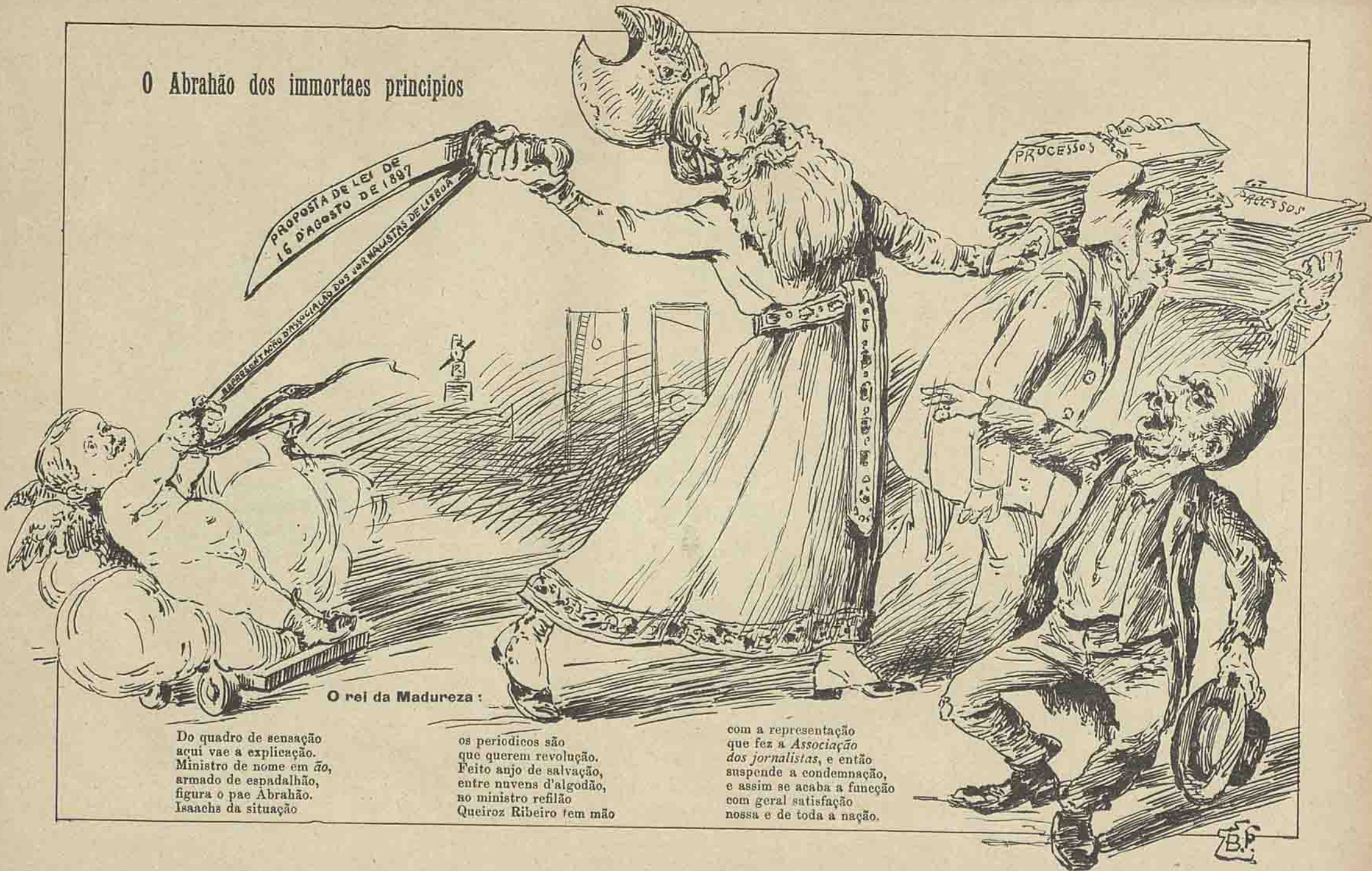
### As conversões do futuro

(Letra do propheta Jeremias, musica de Wagner)



Prophetisa o propheta Jeremias que veremos n'un proximo futuro as noites negras parecendo dias e os dias claros terem sol escuro. Beirão trará nariz de perdigueiro; Fuschini a penea recurvada em bote; Abreu (Eduardo) vestirá de archeiro, e o Navarro de fero sans-culotte.

# O Abrahão dos immortaes principios



O rei da Madureza :

Do quadro de sensação  
acui vae a explicação.  
Ministro de nome em ão,  
armado de espadalhão,  
figura o pae Abrahão.  
Isaachs da situação

os periodicos são  
que querem revolução.  
Feito anjo de salvação,  
entre nuvens d'algodão,  
no ministro refilão  
Queiroz Ribeiro tem mão

com a representação  
que fez a Associação  
dos jornalistas, e então  
suspende a condemnação,  
e assim se acaba a função  
com geral satisfação  
nossa e de toda a nação.

BF

O ANTONIO MARIA

NA AULA DA PARREIRINHA



Lição de dietado — No regimen de liberdade de imprensa que felizmente vigora, os jornalistas podem li berrimamente escrever . . . o que o sr. juiz Veiga lhas dieta.

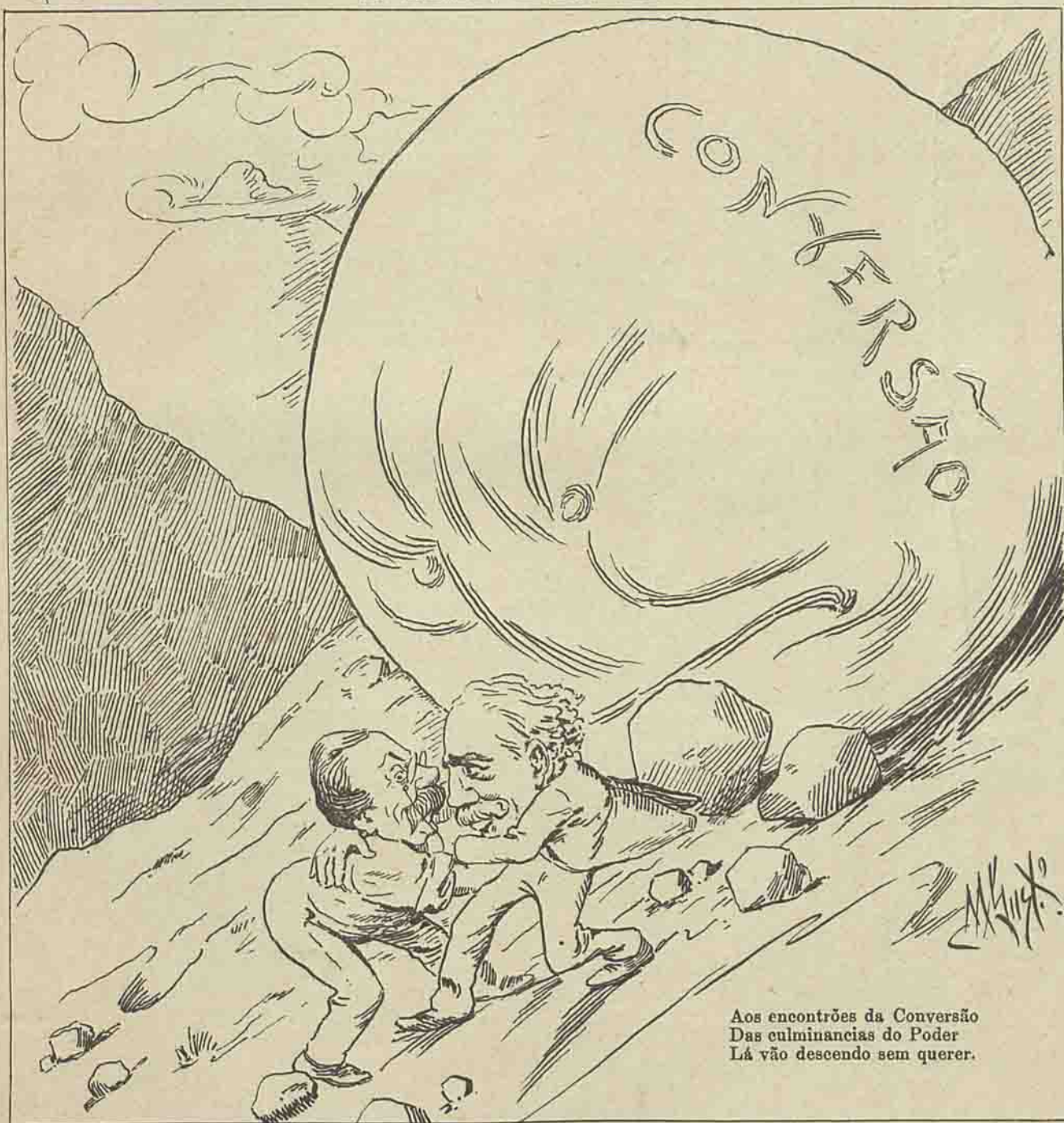


LISBOA

4 de Março de

1898

PR'A BAIXO



Aos encontrões da Conversão  
Das culminancias do Poder  
Lá vão descendo sem querer.

Ao supplemento do «Seculo»



Os nossos agradecimentos.

CHRONICA

Conversão! eis a palavra que se ouve de todas as boccas, eis do que se trata sob varias formas. E', pois, de conversão, e só de conversão o periodo que estamos atravessando.

Todos procuram converter se, e tudo se procura converter, desde os peccadores, que se confessam e commungam em plena quaresma, até ás *toilettes* das senhoras em proximidade de primavera! Se o proprio sr. Marquez de Franco está convertendo em acastanhado o parenthesis das suas suissas e os pinceis do seu bigode!



Converteram-se em formosos os feios dias de inverno; o frio já se vai convertendo em calor; o sobretudo converte-se em guarda pó, o chapéu de chuva em chapéu de sol, e o meio *grog* em cerveja! Os *Dois garotos* estão convertidos em dois ricasos; o cavallo converteu-se em velocipede; as violetas estão prestes a converter-se em lilazes; o oiro está convertido em papel, e o papel em oiro; as recitas d'auctor em recitas de traductor; a África converte-se em nova America, e a Europa em antiga Africa; e se até em França Zola—perdoem-me o trocadilho—de auctor se converte em *reu*, que admira que o governo portuguez queira fazer a conversão da divida?!

A epoca é de conversão. Para melhor? Para peor? Ignoro. Mas que quasi tudo está convertido é um facto; e de que o resto tende para o mesmo phenomeno não ha duvida.

O theatro normal, segundo a opinião d'um conhecido mathematico, converteu-se em tangencial. No parlamento, segundo a phrase d'um illustre escriptor, a eloquencia converteu-se em *verborreia*. No tribunal o criminoso converteu-se em doente, e talvez ainda nos hospitaes o doente se converta em criminoso... por não ter cuidado da sua saude!

Não temos no inverno pedaços de primavera? Não tivemos no verão trechos de automno? A minha mocidade—patifa!—não quer converter se? Não vimos, ha pouco, de simples soldado, Mousinho convertido em heroe, e d'ahi a pouco quererem de heroe convertel-o em aventureiro?

Não se converte a filha em mãe, a mãe em avó, o neto em avó, e até a noiva em sogra? O dia não se converte em noite, e a noite em dia? Na sr.<sup>a</sup> Lucilla Simões, cerradas as palpebras de quem a ouve, não se converte o *ilia* em *inda*? Porque não ha de o governo converter a divida? E' questão de tambem cerrarmos as palpebras!

Consignam-se os rendimentos das alfandegas? Vamos ter fiscalisação estrangeira?...

Mas não consignamos nós, e com prazer, grande parte dos nossos rendimentos ás companhias lyricas, ás companhias de zarzuela, ás companhias de operetta, ás companhias dramaticas, estrangeiras todas ellas, ás *cuadrillas* do Guerrita, do Bombita e Cara Ancha, ás familias Aragons, ás familias Chiesis, ás Geraldines e Spelterinis, e aos varios Tony Grice? Não consignamos parte dos nossos rendimentos ao *Cheviotte* inglez, á vitella franceza, ao coiro da Russia, ao *salero* hespanhol, ás bailarinas italianas, ás rendas de Bruxellas, ás sedas de Lyão, e ao velludo inglez? Não consignamos grande parte do vocabulario portuguez á França e á Inglaterra? Não consignamos parte dos nossos rendimentos a professores estrangeiros, a *institutrices* e a *bonnes*? Não consignamos o estomago á cozinha franceza, o fumo ao tabaco havano e a egreja a padres francezes? Não vão ser parte dos rendimentos do centenario da *India portugueza* consignados a um decorador *inglez* que, se diz, ha de vir ornamentar algumas ruas de Lisboa?

Pois se ao estrangeiro consignamos a educação, o vestuario, os filhos, o coração, os pés, o estomago, a cabeça; se ao estrangeiro consignamos a arte, o gosto, o ouvido, o paladar, o vicio, e até a propria religião, porque não havemos de consignar ao estrangeiro os rendimentos das alfandegas, que são cobrados por meio de productos estrangeiros?

Fiscalisação estrangeira? Não a temos em quasi todas as companhias portuguzas—de caminhos de ferro, de gaz, de tabacos, de phosphoros, de minas, etc. etc? Tentamos expandir-nos em Africa, sem que ella se exerça?

Ora... ora basta só mais um passo, e a conversão far-se-ha sem indignações nem protestos. E' até natural! 98 partes estão convertidas; faltam só duas—a dignidade e o brio nacionaes. E por estes dois *infinitamente pequenos* vale a pena deixar de se fazer a operação? Desprezou-os o governo nos seus calculos, e andou bem.

Um *shake hand* a mister Joseph Lucian of Castro et à monsieur Frederic Ressano Garcia!

O bom Democrito ria

Do que a nós nos causa dôr,

.....

Topsius.

# ELEONORA DUSE



DAMA DAS CAMELIAS

A MULHER DE CLAUDIO

A LOCANDIERA (GOLDONI)

CEOPARE

Emquanto não a applaudimos a ella, á grande actriz, que com o seu poderoso talento deslumbra e arrebatava o mundo inteiro, vamos applaudindo, e tambem com enthusiasmo, a empresa do theatro D. Amelia.

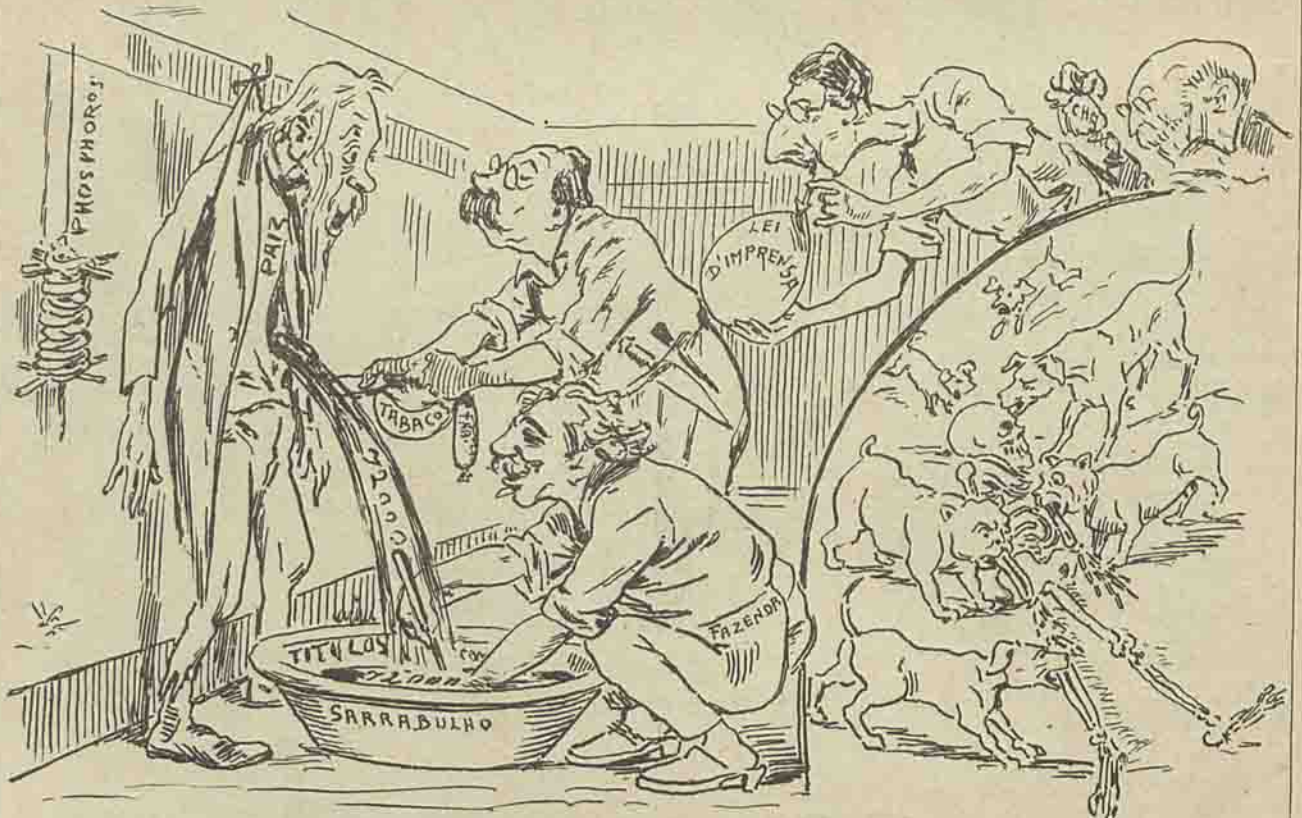
Porque para se escripturar uma artista como a Duse, estando a libra sterlina ... a libra e meia da rua dos Capellistas, é preciso ter coragem e ter amor pela Arte!

# O PORCO E O PAIZ

(Estudo d'um salchicheiro)



Diferença entre o porco e o paiz — O porco aproveita-se post-mortem ;



o paiz, enquanto vivo.

Depois de morto, só ossos. . para os cães.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



## A CONCESSÃO DOS TERRENOS NA CHAMUSCA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O sr. Cunha collocou-se sobre a discussão : — pedra sobre o assumpto. O sr. dr. Luciano Monteiro bem quer empurar a pedra, mas o sr. Isidro isidra-a com um parafuso, e enquanto a pedra não rola, os coelhos vão roendo as couves.

Amen.

# Bibliographia

**Para que?** por Affonso Lopes Vieira — Asseguram-nos que não tem mais de vinte annos o auctor d'este livro de versos!

Dentro do livro ha, porem, quarenta annos pelo menos de vida amarga, de experiencia cruel, de ironia pungente. Como é possível, bom Deus, que em uma tão tenra idade haja alma tão grande para abrigar uma tão grande dor da existencia?

E por que estranho condão de faculdades apuradas é possível, a uma creança, assim escrever o que pensa, assim pôr no papel o que lhe vae na alma — pois que d'outro modo, como Garrett, declara elle não saber escrever? Mas que divina precocidade é essa que ao poeta de tão bellos versos permite a concepção e a factura de sonetos como este?

Pêga numa caveira e olha bem  
Os buracos dos olhos, encovados...  
E comtudo teve olhos animados,  
Lindos, talvez, como os teus, tambem

E agora, vê lá tu o que ella tem!  
De a olhar ficam-te os olhos magnados...  
Pois tudo pára em Nada! E desvairados  
Nossos olhos não vêem para Além.

O' Senhora da Treva e da Agonia!  
Para que serve andar aqui um dia  
N'este Val' de Afflicção que a gente vê?

P'ra que serve dizei, tanta afflicção?  
P'ra que serve mostrar o coração?  
Amar e Gloria e Vida... para quê?

Rapazes! como vocês nos fazem velhos!

**O pó da estrada**, por Martinho de Brederode. — Outro poeta, outro rapaz, outro pessimista. Este, porem, é d'um diverso feitio, embora tendendo para evidentes preocupações sombrias, mas que lhe deixam tempo e capricho para o trabalho da forma em que amolda, contorna e muito bem afina os seus versos. Depois, uma vez ou outra, algum pretexto de divagação ligeira elle aproveita, e o seu pessimismo se permite, n'esses momentos, uma agradável ausencia

Em nossa opinião, anda mal o poeta quando ao pó da estrada, á estrada poeirenta, quer arrojar seus versos, para que os leve comsigo a furia dos vendavaes. Se não, vejamos:

Paizagem verde e branca... Os muros claros  
Reflectem a gloriosidade de Julho;  
Ao sol os muros brillham como Paros.  
Nas altas franças nem um só marulho.

Pombos multicolores, pombos raros  
Amam ao sol n'um incessante arrulho...  
A luz trespassa — luminosos aros —  
Da umbrosa matta o complicado orgulho

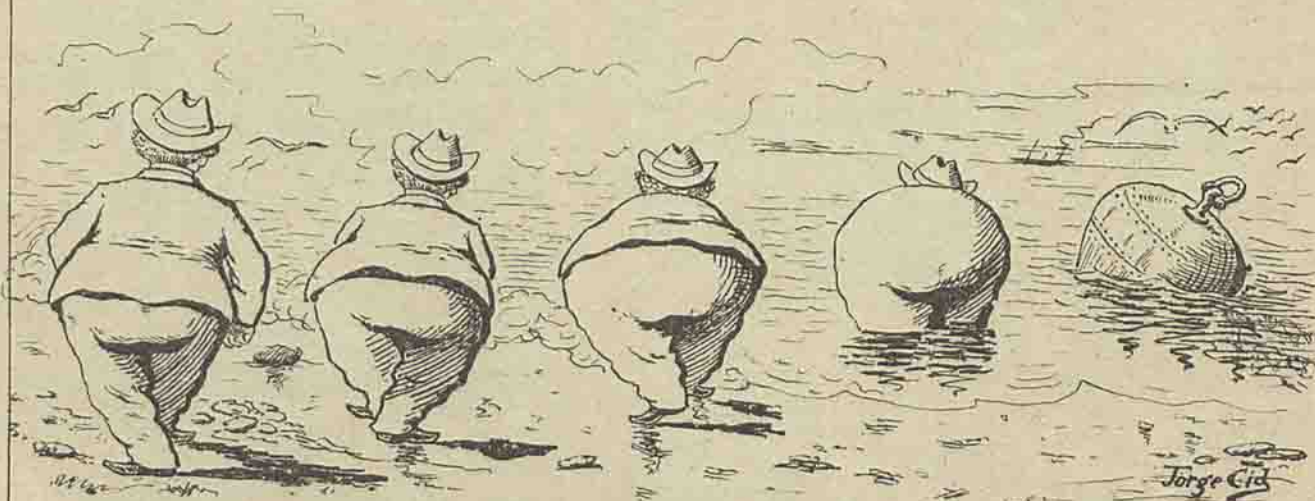
Dormem ao sol as osgas na parede,  
Caeem na terra petalas de cravos,  
O sol abraza e queima ferozmente...

E os grandes girasoes, mortos de sede,  
Os largos girasoes, da luz escravos.  
Não cessam de fitar o sol ardente.

Não são precisamente os versos como estes que succumbem á furia das nortadas — no dizer excessivamente modesto do poeta.

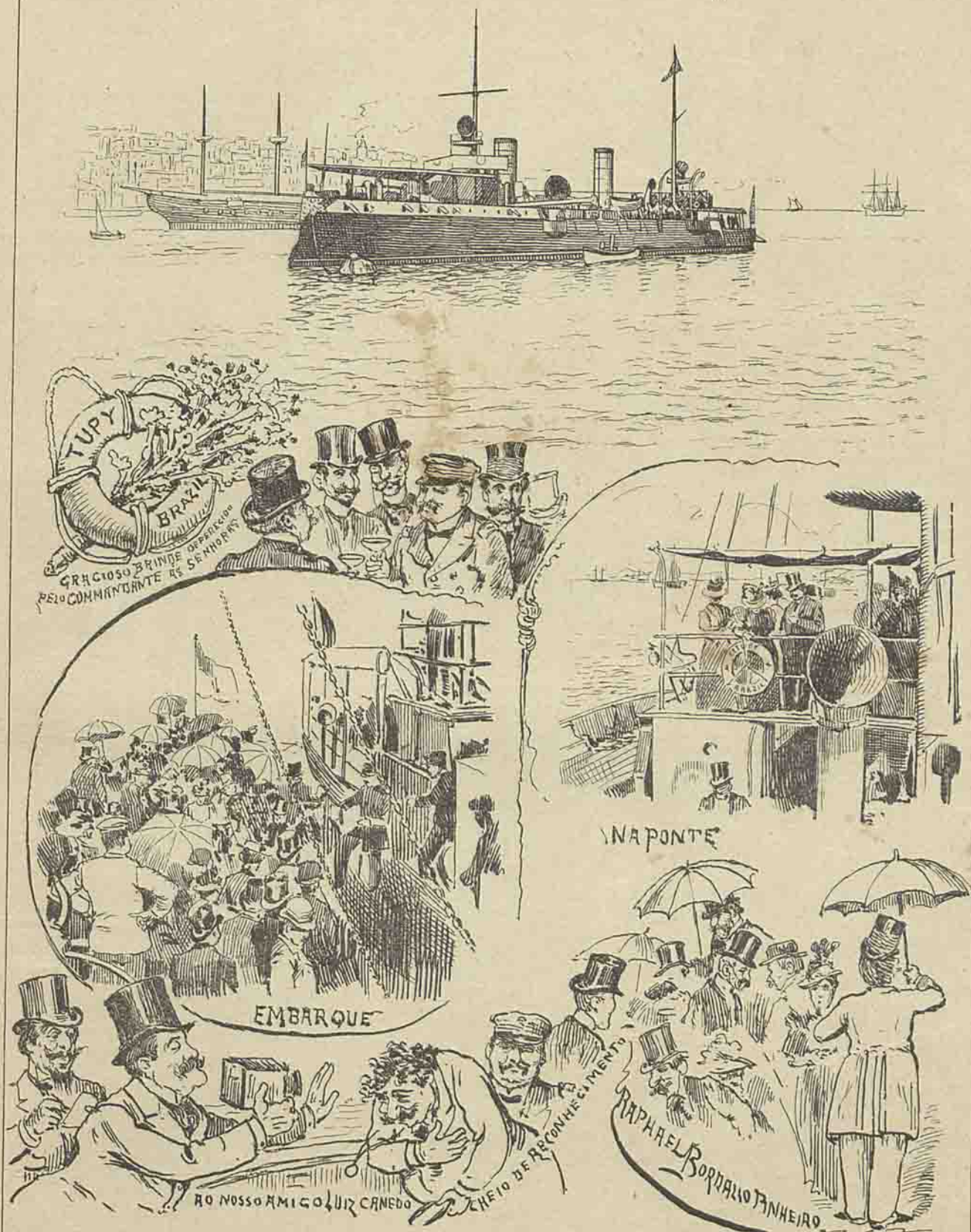


## CONVERSÃO D'UM INTELLECTUAL



Pouca gente avalia os serviços que pode prestar á patria a classe dos intellectuaes não comprehendidos. O vulgo desconhece-os porque não encara esses espiritos pelo seu lado practico. Pelo exemplo junto se vê como se economisavam os 112 contos que o governo destina á compra de boias para o serviço de amarração dos navios estrangeiros, que veem ao Tejo pelo centenário: a conversão applicada a uma colligação.

## O «TUPY» — VISITA A BORDO



Encantadora a visita a bordo do Tupy, devida á extrema amabilidade dos srs. Assis Brazil e Vieira da Silva. Navio lindissimo; o seu commandante, sr. Santos Porto, d'uma gentileza captivante; as horas que alli se passaram o mais agradaveis possivel.

Foi o sr. Luiz Canedo, um amator photographico que é verdadeiro artista, quem de bordo tirou as photographias, que aqui reproduzimos e agradecemos.

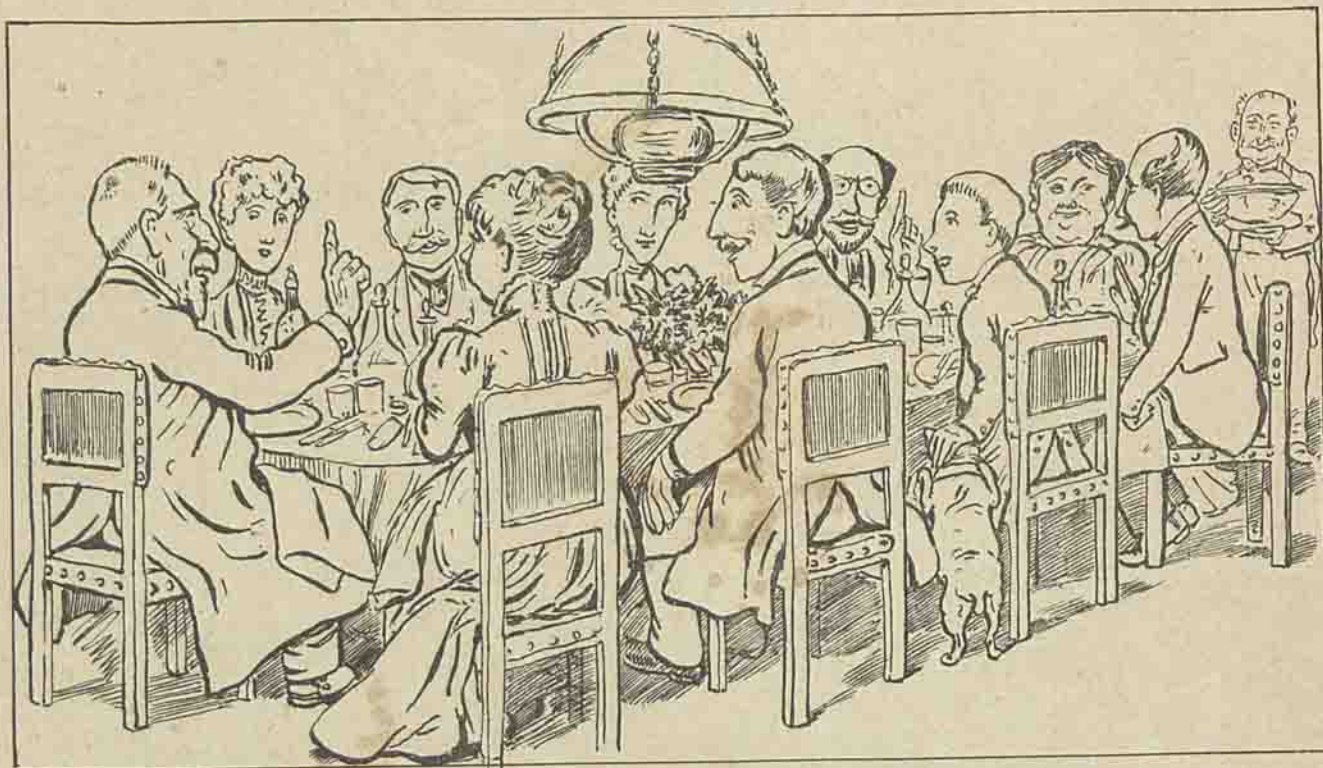
Todos os que tiveram o prazer d'esta visita vieram realmente contentes da alegre tarde que alli passaram.

O ANTONIO MARIA

## Ainda o processo Dreyfus

*Um jantar de família*

POR  
Caran d'Ache



—Sobretudo não fallemos do processo Dreyfus!



—Afinal sempre fallaram...

(Extrahido do Figaro)



# ANTONIO MARTINS



## TORNEIO DE ESGRIMA

Salão da Trindade

Segunda feira 14 de Março

«Il n'y a pas de maitres d'armes mélancoliques.»

Alfred de Musset.

*Alfred de Musset*

## JOAQUIM DA COSTA CASCAES



Com a morte do illustre general estão de luto o exercito, o professorado, as letras patrias, e a scena portugueza!

Paz á alma de quem tanto se devotou ao seu paiz, tão bondoso era, e tão digno character possuia!

## CHRONICA

Os dois ultimos acontecimentos que a Chronica tem a registrar são: o theatro de S. Carlos, e o drama historico para o centenário da India.

S. Carlos está em estado de sitio! Foram suspensas as garantias constitucionaes, e estabeleceu-se a lei marcial. O sr. Paccini transformou-se de empresario em Saccarrão, e prende toda a gente. O bismutho e o laudano ficam a perder de vista ao pé do successor do sr. Freitas Brito!

Cantora que não cante é presa; espectador que pateie é preso! Chega a constituir um perigo estar no theatro lyrico, ou no palco ou na sala. E' uma empresa que está mesmo a pedir Sedlitz!

E' devido a esta *capturite* aguda de que o sr. juiz Veiga, perdão, de que o sr. Paccini está atacado, observam-se na sala de S. Carlos phenomenos de véras curiosos. O sr. Pedroso de Lima, que passou uma parte da sua vida a prender, reconhece o *mea culpa*, e pateia a empresa. O sr. Beirão, que fez a nova lei de imprensa, revê-se n'aquelle espeelho, e applaude com tanto enthusiasmo, que até na *premiere* do *Samsão e Dalila* deu escandalo a capitancar a *claque* com o sr. José Luciano! Nunca do camarote dos ministros partiram tão estrondosos applausos! E' que o sr. José Luciano pensava em applicar tambem ao parlamento a lei paccinacea: deputado da maioria que não queira cantar — preso! deputado da opposição que pateie — preso!

E o terror que alli reina é tão grande, que, até ao dar-se a derrocada, os philistues trataram de se affastar para não serem colhidas, e por acaso impossibilitados de cantar na noite seguinte. Morriam, e eram depois presos!

Querem, porém, saber a origem da *capturite* do sr. Paccini? Foi o sr. marquez de Franco! S. ex.<sup>a</sup> inaugurou a epoca lyrica prendendo a sua cadeira; a molestia pegou-se á empresa, e aqui está porque o sr. Paccini quer prender toda a gente!

Explicada esta doença, voltemo-nos para o drama historico, que tambem não deixa de ser caso interessante.

A commissão do centenário encomendou um drama ao sr. Lopes de Mendonça, o sr. Lopes de Mendonça fez os estudos necessarios, e declarou que precisava de garantia ao seu trabalho, que lh'o pagassem.

A commissão respondeu ter deliberado que todo o trabalho intellectual devia ser *de borla* — carpinteiros, pedreiros, funileiros, arameiros, etc. e tal, tudo merecia paga pelo seu trabalho, mas trabalho de cabeça — bico! — e como respondera que todo o trabalho intellectual devia ser *gratis pro Deo*, immediatamente a esta resposta abriu concurso com um premio de 1 conto de réis! Abobora!

Annuncia a commissão o concurso para o drama; o sr. Lopes de Mendonça, por dignidade e brio, fica inhibido de concorrer; são apreciados varios originaes, e entre elles destacam-se um pela castidade de linguagem, mas sem condições para a scena, o outro, menos vernaculo mas tambem em bom portuguez, pelo brilhantismo e vigor scenicos. E' concedido o premio ao drama antes para ser lido do que para ser representado, em condições eguaes a um chapéu, por exemplo, perfeitamente armado e acabado, mas que não serve para pôr na cabeça! Duas aboboras!

Conclusão: assignante do theatro de S. Carlos — igual a soldado: ouvir e calar; concorrente a qualquer obra do centenário deve fazel-a de modo que não sirva ao que é destinada!

Tem carradas de verdade o fadinho popular:

Eu já vi um gato a ler,  
Uma pulga a dar escola,  
Nas azas d'um gafanhoto  
Um piolho a bater sola!

Topsius.



**Historia do Exercito Portuguez**, por Christovam Ayres. — Muito agradecemos ao illustre auctor d'este valioso trabalho a offerta do seu 1.<sup>o</sup> volume, com que nos distinguuiu. Esta obra dá satisfação a um justo e antigo anhelo do nosso exercito, o unico, porventura, de toda a Europa culta, que não possuia uma historia escripta dos seus feitos gloriosos, da sua organização, da sua missão effectiva e brilhante no progresso material e moral do paiz. Escrever a historia militar de um paiz, n'um trabalho concreto, harmonico, em condições de satisfazer ás exigencias de uma obra de tal natureza, é sempre um empreendimento grande. O sr. Christovam Ayres, graças ao seu bello talento e á sua vontade firme, e tambem á sombra dos poderes publicos, que para este caso desmentiram a sua muito conhecida reluctancia para qualquer auxilio a dispensar a boas e uteis obras de interesse nacional, conseguiu prestar assim um muito apreciavel serviço ao seu paiz e á classe militar a que pertence, honrando a.

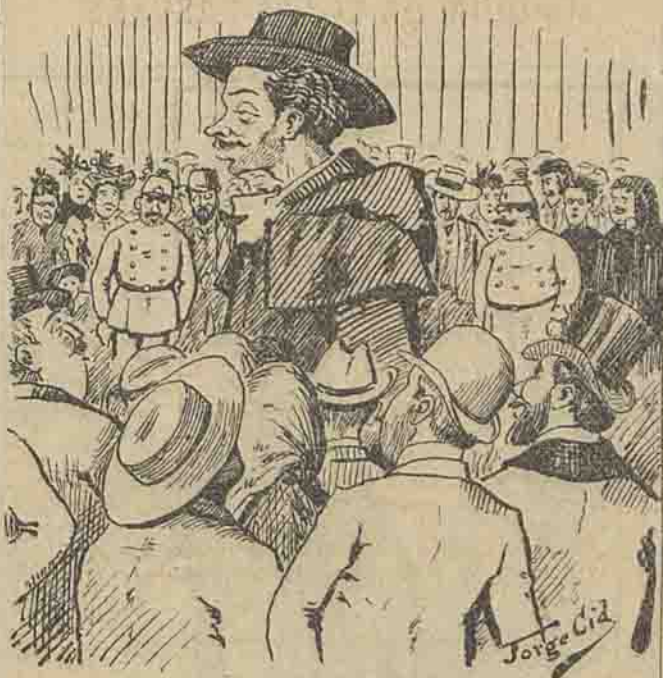
A Historia do Exercito Portuguez começa, assim, a ser feita como era de necessidade, e o seu auctor n'ella emprega, intelligentemente, o melhor do seu trabalho proficuo, do seu talento lucido, da sua critica exacta.

O volume que já está publicado é illustrado com muitas estampas e figuras, sendo uma d'estas desenhada por aquelle que se chamou Manoel Maria Bordallo Pinheiro, e que tanto enobreceu a sua arte. E' reproduzida dos *Costumes Militares da Monarchia Portugueza*.

**Triste viuvinha**, por João da Camara.— A delicada, a amavel peça que tanto applaudimos no theatro de D. Maria, onde um tão perfeito desempenho teve, foi publicada em elegante volume da casa editora Guillard, Aillaud & C., de Paris. Quem assistiu á representação da peça, e quem a ella não assistiu, com maior razão, deve adquiri-la em livro: quem a ouviu, poderá assim deliciar-se uma vez ainda com a leitura d'ella; quem não a ouviu, assim terá o prazer suavissimo de conhecer um dos mais bellos trabalhos do nosso muito querido Dom João da Camara.

**Horas de paz**, por L. Gonçalves de Freitas.— O poeta que nos envia este seu novo livro é bastante festejado já para que dispense palavras nossas de elogio. Os seus versos, d'este volume, como nos outros que d'elle conhecemos tem sempre um tão accentuado cunho de sinceridade e de naturalidade, que a sua leitura é sempre um passatempo agradável para horas de paz. Creaturas d'alma terna e a coisas ternas propensa, aqui tendes um bom livro!

## Aspectos de Lisboa



Passagem do poeta Esculapio antes de qualquer procissão ou cortejo.

## A CONCESSÃO DOS TERRENOS NA CHAMUSCA

Quartel general em Abrantes, tudo como d'antes! Não ha meio de se discutir a *isidradella*! Estamos desconfiados de que a Chamusca se mudou para a Moita!



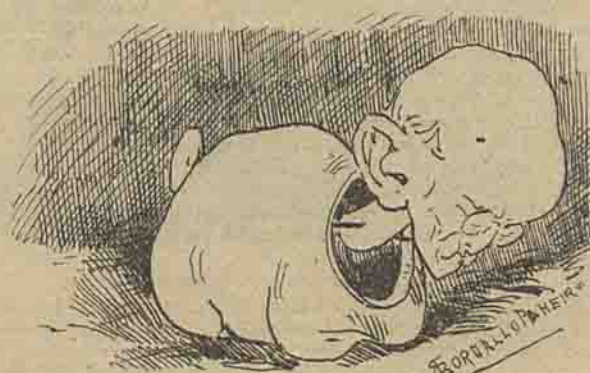
— Que ha da concessão?  
— Moita!



— Então seu Cunha?  
— Moita!



— Quando se discute?  
— Moita!



Não está lá. E' de gesso!

# SAMSÃO

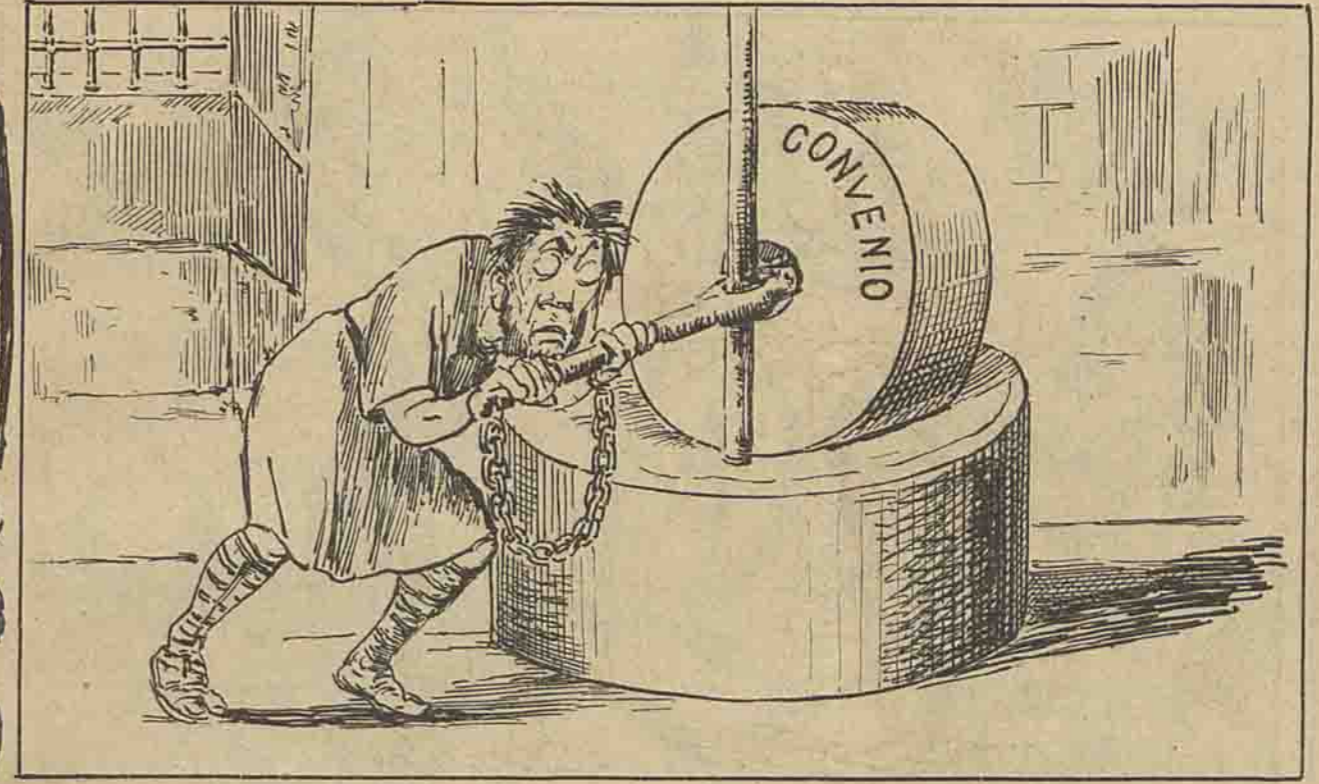
# DALILA



O Summo Sacerdote — o que é quasi o mesmo que Sacerdote do sumo, que rima com fumo — induz Dalila Gracia a cortar o cabelo ao Ze-Samsão.



Dalila, fazendo, por meio de cantigas, que Ze-Samsão durma sobre os seus joelhos e recline a cabeça sobre o seu seio, chama o barbeiro que corta as sete tranças d'aquelle que com uma queixada de burro é capaz de matar mil philisteus!



Os philisteus obrigam Ze-Samsão, tosquiado, a mover o moinho do convenio!



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

—Ze-Samsão, crescido o cabelo, readquire a força, e abalando as columnas do templo faz desabar o edificio sobre si e sobre todos os Samsõesinhos de contrabando!

Se não está certo, podia estar certo!



# THEATRO D. AMELIA



Cabe a Ortiz a gloria de trazer a Lisboa as melhores companhias de zarzuela que temos applaudido. Mae entre os artistas que tem apresentado, merece especial menção Nadal.

Actor de largos recursos comicos, representando, contrascenando e detalhando na perfeição, entrega-se com tanta alma á interpretação dos personagens, que é impossivel deixar de impressionar o espectador. E' o producto da graça, do talento, e da sinceridade de trabalho.

Bravo, bravo e bravo!

# THEATRO DE S. CARLOS

(A captivite aguda)



Quem pateia é preso! Quem não applaude é preso! Quem não canta é preso! São as exclamações de terror que se ouvem no theatro lyrico.



Senhoras nos camarotes pedem por amor de Deus aos maridos que applaudam, para não voltarem sem elles para casa!



Demi-vierges na plateia instigam os seus protectores a que pateiem, para se verem livres d'elles n'aquella noite!



Em casa, as mães recommendam aos meninos: Se fôres a S. Carlos não pateis, meu filho!



Um tenor vae de maca cantar o Corro a salvar te. para não ir para a enfermaria do Limociro!



Uma dama dá á luz em pleno palco, cantando a Lucrecia, para não ter a sua délivrance no calabouço n° 5!



Um barytono, com uma fortissima bronchite, tosse o D. João, para não escarrar 7\$500 na Boa Hora!



Quando os assignantes vão á noite para S. Carlos, ha scenas lancinantes, lagrimas, supplicas e faniquitos!



Quando os cantores adoecem, apparece-lhes logo em visão o 325!



E no meio d'esta nova epoca de terror, passeia al-tivo

O ANTONIO MARIA

## O IMPERADOR DA CHINA



RAFAEL BOR DALLO FIMHEIRO.

No seu palanquin  
De velludo carmesim !  
Tchim ! Tchim ! Tchim !  
Ratatchim !



A EUROPA E O TIO SAMUEL



CONCERTOS HISTORICOS



Auctores e interprete.

CHRONICA

Que me dizem a esta? Não acabo de lêr n'um jornal a noticia de que o governo fez chamar *algumas damas* ao serviço de espionagem? Que tal, hein?

Bonita situação em que o sexo forte se encontra n'este paiz! Vá lá agora um homem fiar-se n'uma mulher! Até agora eram os francezes que nos diziam: «*Souvent femme varie, bien fol est qui s'y fie!*» Mas hoje accrescentamos nós, os portuguezes, que, mesmo sem que ella varie, é tolissimo o cidadão que nos seus encantos se fiar!



Passeia um esbelto mancebo pela Avenida, vê uma menina de olhar terno e meigo, rescendendo as mais puras fragancias, catrapisca a, mostra-lhe uma carta, ella faz signal de que a acceita, elle entrega-lh'a, ella recebe-a, e parte ansioso por saber que effeito produzirão n'aquelle peito amante as palavras apaixonadas que lançou sobre o papel! Idiota! Refinadissimo idiota! Em vez de lê-la a occultas no seu quarto, commovida, apaixonada e palpitante, ella vae direitinha ao governo civil entregal-a ao juiz Veiga, e quem a lê é o Ferreira ou o Saccarrão! Pateta! Imaginou que escrevera á querida Elisa, ou á adorada Carolina, e a quem escreven foi á policia secreta!

Outro, no theatro, senta-se ao lado d'uma peccadora, que no capitulo tentação mette n'um chinello a mãe Eva, Serpente & C., atira-se, ella dá-lhe tréla, mette conversa, e ao findar o espectáculo sae todo voluptuoso a sentir o contacto do appetitoso braço da sua companheira, julgando que vae entregar-se nos braços do Amor! Pedaco d'asno! Vae, mas é entregar-se nos braços da Instrucção Criminal!

Aquelle, tremulo, com o coração tic-tic, tic-tac, sobe as escadas do predio onde móra a mulher que por tanto tempo lhe resistiu, e que, calcando agora aos pés honra e deveres conjugaes, lhe concede finalmente a suspirada entrevista! Refinadissimo tolo! Pois não vês debaixo da *chaise longue* o 314, encolhido, á escuta, por detraz do reposteiro o 215 todo ouvidos, e occulto pelos cortinados do leito o 416?! Imaginas que ella te recebe pelos teus lindos olhos? Enganas-te! Toda ella é juiz Veiga. Seio a arfar, braços, pernas,



sorriso, olhos, labios, tudo, tudo é da secreta! Não está ali faltando a um dever por tua causa! Está cumprindo um dever por causa do sr. José Luciano, e á ordem do juiz Veiga!

Ah! que muito be'n fez o sr. João Chagas em se safar d'este paiz! Quem poderá hoje aqui viver, se até o sr. José Luciano se transforma em Cupido, e o sr. juiz Veiga em Venus para nos enganarem! Até ao coração do paiz penetra este governo!



O que, porém, se lhe não pôde negar é o raro engenho, é a sabia penetração, é o privilegio das grandes descobertas! Porque não é só n'esta, da introdução da mulher no serviço de espionagem, que elle se manifestam Vae muito além, muitissimo além!

Ora reparem! A defender a fornada, conseguiu o sr. José Luciano fazer sahir um pequeno artigo no *Diario de Noticias*, em que declara que pratica este acto politico, entre outras razões, com o fim de evitar a *repetição* de conflictos entre as duas camaras. Mas como até hoje ninguem ainda deu por ter havido conflicto algum, durante esta gerencia progressista, entre a camara dos pares e a camara dos deputados, segue-se que s. ex.<sup>a</sup> quer evitar que se *repita* um facto que ainda se não deu! S. ex.<sup>a</sup> descobriu o que ainda sabio algum conseguira descobrir — a *repetição* d'um facto, sem elle ter existido!

Conhecem de certo a anedocta do medico, que, tendo-lhe observado um doente que o que lhe custava tomar era a primeira colher do remédio, lhe respondeu: — Pois então, comece pela segunda!

Julgaram que era simples *blague*, não é assim? Pois é verdade, o medico era... o sr. José Luciano!

TOPSTUS.

A 'TARDE'

Conferenciou hoje com o sr. ministro da justiça o sr. prior da I.ª papa.

O assumpto da conferencia consta do seguinte dialogo:

— Parece-me que o José Luciano esteve a caçoar commigo.

— Que ideia prior!

— Então não é caçoada dizer-me que não me podia fazer par porque eu sou Nunes?

— Está claro que não é caçoada... Sendo 'O. Nunes, se elle o fizesse par, V. ficava sendo um par... ádoxo!

Tarde de 28 de março.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Não posso ser PAR porque sou NUNES

PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

Domingo 27 de Março



Inauguração da chuva ao Domingo

BIBLIOGRAPHIA.

**Arte e Artistas contemporaneos,** por Ribeiro Arthur. — O auctor d'esta obra, em dois bellos volumes a que não faltam bastantes retratos e outras illustrações, é um sincero apaixonado e entendedor de assumptos de arte, e por suidor de uma facil maneira litteraria, que aos seus escriptos imprime, simples mas muito interessante, um caracter proprio. Estes dois livros representam uma homenagem a alguns artistas portuguezes, prestada por quem, considerando a Arte a mais bella manifestação do espirito humano, faz a esses artistas a justiça da sua admiração. Bem de ver que, pela parte que d'ahi nos tóca, tão generosamente, nós não podemos deixar de reconhecer que o Sr. Ribeiro Arthur se deixou levar, por uma sympathia que todavia muito nos penhora, a exageros de apreciação com prejuizo, por sem duvida, da boa verdade com que tudo o mais na sua obra está exposto e assente. Mas por isso mesmo só temos a agradecer-lhe de todo o coração essa grande prova de estima.

Fialho d'Almeida dá, com algumas paginas da sua inimitavel e esplendida prosa, um duplo valor e um grande requinte de bom gosto a este bello trabalho. São d'esse prefacio de Fialho as seguintes palavras, que, melhor do que nephumas outras, dão em seguro traço o perfil exacto do auctor da obra: «Ribeiro Arthur é uma curiosa organização de homem moderno, alliando a intelligencia ao methodo, e ehegando por voluntariosas tentativas aos resultados de uma multiplicidade de aptidões. Como official do exercito escolhem-n'o para missões de confiança; os seus quadri-nhos recortam na silhueta do militar o quer que seja de um rosicler de artista, que sente a cor e caça ao pittoresco; e do que elle seja como homem de letras, dil-o este livro, onde alguns pontos de critica fulguram, e impressionabilidades tão finas se revelam...»

Receba o Sr. Ribeiro Arthur, com a certeza da nossa admiração pela sua obra, as melhores, as mais cordéas expressões do nosso agradecimento pelas amaveis referencias que n'ella nos são feitas.

Para o centenario

APENIDO.



Retrato authentico de D. Fusa Roupinho por uma artista da epocha.

# O CALDEIRÃO DA POLITICA

(Impressões em cosinheiro)



Politica — Que tal achas?

Zé — Semsaborão! Falta de tomates!

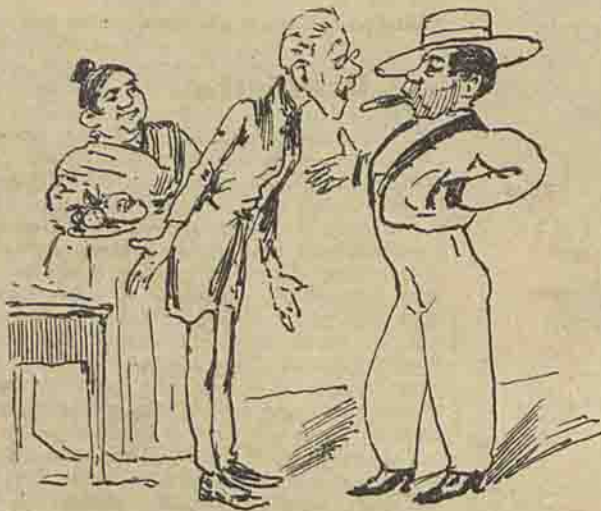
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A causa



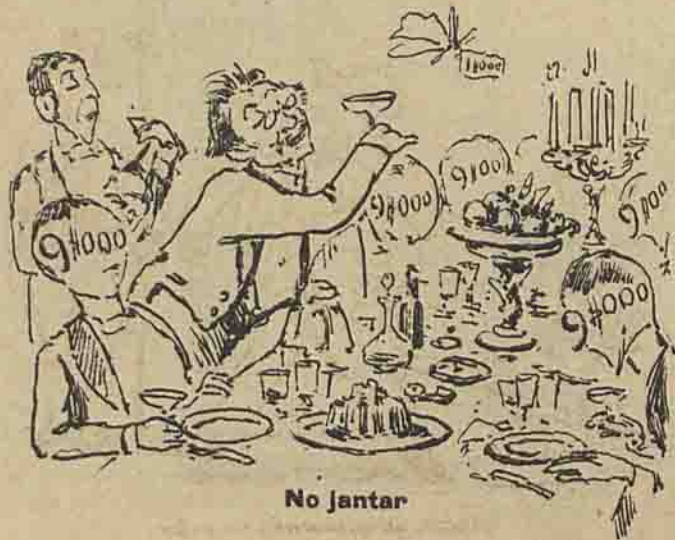
Na imprensa

O efeito



No exílio

— O senhor é republicano?  
 — Não senhor.  
 — Então porque está exilado?  
 — Porque o governo é muito meu amigo ...



No jantar

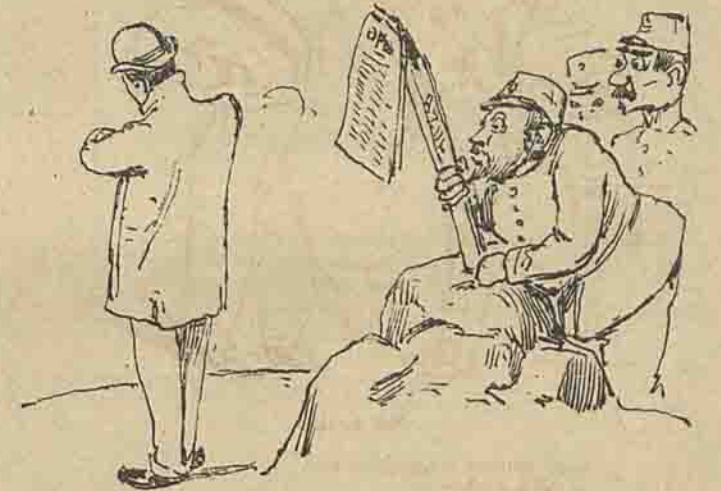
A causa



Na colligação

Todos por um e um por todos.

O efeito



Um no exílio.



Outro, na imminência do poder.

## A DUSE E O SR. JOSÉ LUCIANO

Querem saber qual é o acontecimento do dia? O sr. José Luciano vai substituir a Duse no theatro D. Amelia! Até faz incrível, mas é tal qual lhes dizemos.

Tendo observado que os alfacinhas primaram pela ausencia na subscrição do emprestimo ás classes inactivas e ao concurso das grandes empreitadas, e que se atropellam para irem assignar para as recitas da Duse, assaltou-o uma ideia genial: ir ganhar a favor do thesouro o que a Duse ha de aqui receber. E eil-o a estudar o repertorio da grande actriz italiana! E eil-o em breves dias no palco do D. Amelia!

A estreia é na *Dama das Camélias*. S. ex.ª faz a Margarida, e o sr. Burnay faz o Armando Duval.



Ha, porém, uma ligeira modificação na peça. Quando o Armando Duval lhe atira com as notas no terceiro acto, o sr. Armando Burnay discute com a Margarida... o cambio do dia!

Segue-se a *Princesa do Bagodá*, mas tambem com outra alteraçãõsita. Quando o sr. José Luciano mette as mãos no cofre, e exclama: — «Eil-o aqui está o formoso milhão!» em vez de tirar oiro, tira... as 72:000 obrigações dos caminhos de ferro do norte e leste!



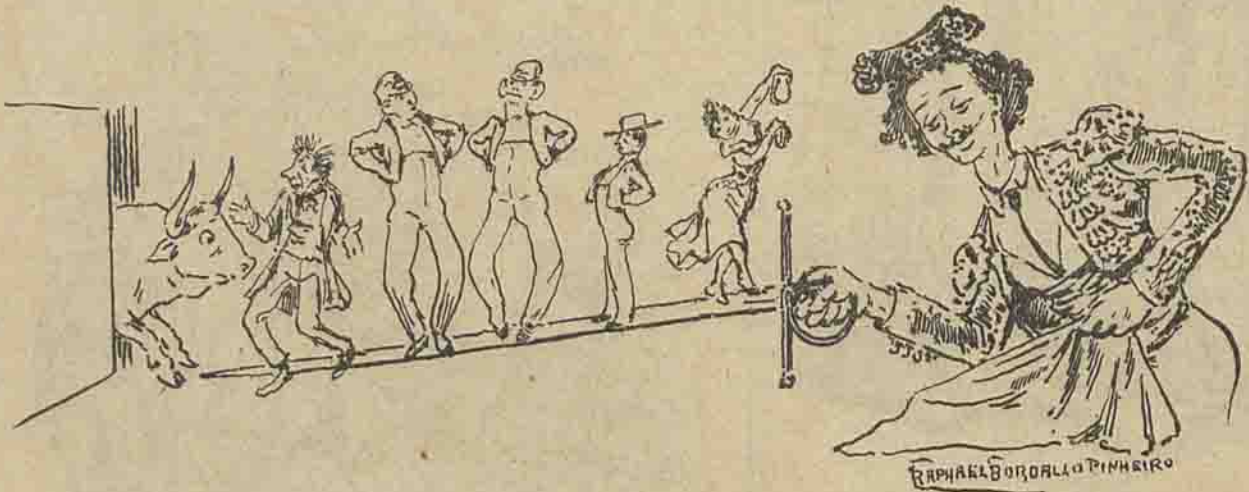
E venham para cá dizer-nos que a. ex.ª não tem deias!



e, por ultimo na *Locandiera*.

Ouvil-o hemos em seguida na mulher de *Gabriel Claudio*

## EL SOBRESALIENTE



*El Sobresaliente*, pelo seu garbo e sciencia, apresentou-se noa verdadeiro espada, que tomando a alternative de si proprio, fez um vistão no *redondel* scenico!

Traduzir peças do hespanhol, conservando lhe toda a graça especial, já era ardua tarefa, mas escrever na lingua de Calderon, como verdadeiro hespanhol, maneando o trocadilho como se fôra em portuguez, e salientando verso e prosa, é caso para fazer... o que fez o publico do D. Amelia: rebentar em estrondosa ovação!

Em vista d'isso, viva la gracia, Don Eduardo! Olé! Salero! Don Esculpio! E é tudo quanto lhe sabemos dizer em hespanhol.

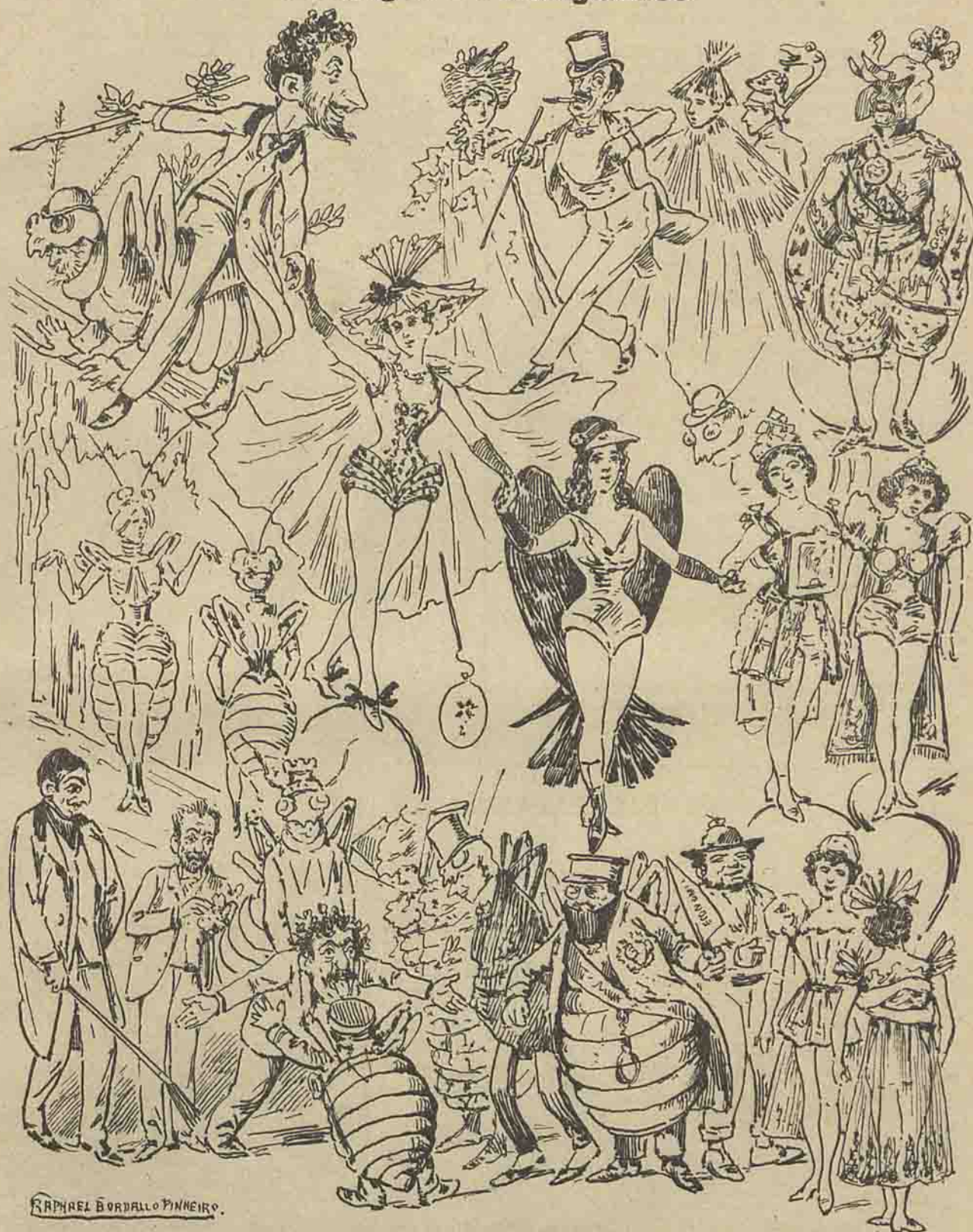
Em portuguez — tambem só temos uma palavra — Bravo!



O ANTONIO MARIA

# THEATRO DA RUA DOS CONDES

## Formigas e Formigueiros



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Foram estas formigas, formiguinhas, formigotas, estes formigueiros, formigotos, formigões que nos não deixaram com as suas formiguices tratar cá do Antonio Maria. Fartámos de formigar n'uma formigalhada constante. Irra! que grande formigação!

E agora, deixemos as formigas a formigar lá na rua dos Condes, a encher os celleiros e vamos nós cantar o sr. José Luciano, formiga branca das instituições e mais o Augusto Zé da Cunha, formiga preta da Chamusca. São estas formigas politicas que nos fazem andar n'uma dança, eternas cigarras que nós somos...

O ANTONIO MARIA

# THEATRO D. AMELIA

NA MULHER DE CLAUDIO.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Parece mentira que se possa representar com tanta verdade.



# O QUE FOI O CENTENARIO



O centenario fui eu.

## DEPOIS DO CENTENARIO

Antes do Centenario, o *Antonio Maria* caprichou em não abrir bico nem para uma piada, nem para um commentario. Depois do Centenario, fica-lhe todo o direito de dizer aquillo que muito bem quizer.

Nós não temos por habito o incorrer n'essa mania constante de deprimir a patria, de que fala no *Mandarim* o nosso grande Eça de Queiroz, quando ao Theodoro alguém diz, na China, que a palavra *mandarim* deriva do nosso bello verbo *mandar*— e ao que Theodoro anota:

— «Quando nós tínhamos verbos!...»

Mas a verdade é que, se nos atrevemos a dizer um pouco mal das festas do Centenario, na maledicencia somos acompanhados pela maioria das pessoas que, exceptuando os habilidosos cegos de Castello de Vide, viram desfilar o cortejo civico, assistiram ao fogo do Aterro, foram á inauguração da Feira Franca, visitaram a exposição da Imprensa, ficaram sem bilhete para a corrida de toiros, e foram, finalmente, dar á perna nas valsas da Sociedade de Geographia!

Toda essa gente, a que era de fóra de Lisboa no momento de partir, a que era de Lisboa no momento de despertar do sonho das festas para voltar á repartição — toda essa gente concordou connosco, e o que passamos a dizer do Centenario é mais o echo de desespero que ficou das festas, do que aquillo que, em boa verdade, nós pensamos a respeito d'ellas.

O *Antonio Maria* já teve occasião de assistir a festas que não foram tão apregoadas nas Portas de Santo Antão como as do ultimo Centenario, principalmente as de Calderon de la Barca e as de Christovão Colombo em Hespanha, e as Lord Mayor em Inglaterra, mas o que nunca viu foi, a titulo de cortejo civico, um cortejo apenas de reclame industrial, e sem nenhum outro character, atravessar as ruas principaes d'uma capital com o desassombro, com a impavida attitude do cortejo da India.

Francamente, desde que esse cortejo devia significar uma idéa de nacionalismo heroico e de grandeza patria quer nos parecer que as idéas industriaes, aliás muito boas e louvaveis, do Sr. Grandella e do Sr. Silva Graça, não poderiam nunca associar se á apothose de um grande e nobre vulto como foi o do Vasso da Gama, que d'esta vez se arrependeu com certeza, além tumulo, de se haver arriscado ás incertezas do caminho da India...

Depois, a impressão mais geral que a passagem do cortejo deixou nos animos, foi a que costuma deixarnos a passagem de algum enterro de luxo, em que se obedecem rigorosamente á vontade do morto, que quiz no acompanhamento a incorporação de todos os asylos de velhos e infancia desvalida, e quantos aleijados e tropeços, e cegos, e mais entes dignos de dó, fosse possível arrebancar e por em filas atraz do carro fúnebre! Os estrangeiros que assistiram a semelhante estendal devem ter pensado, por sem duvida, que uma das nossas especialidades é a boa organização dos acompanhamentos de enterro.

Dir-se-ia até que os promotores dos festejos, querendo desvanecer por algum moço bem patente a má impressão que causou no publico o facto de ser confiada a uma empreitada ingleza a ornamentação das ruas, quizeram incumbir á muito conhecida Empresa Par-turiente Funebre Familiar a organização do cortejo.

E, todavia, que bello e original cortejo civico allu-sivo ao Centenario do Descobrimto da India poderíamos ter exhibido aos olhos do paiz e dos estrangeiros que nos visitaram por esta occasião! Que interessantes quadros de costumes portuguezes, cheios de character regional, quando se tratasse da representação das nossas provincias, surprehenderes de graça nos detalhes dos typos, dos vestuários, das industriaes, musicas e das danças! Que alcance de significação mór-al quando se quizesse, na ornamentação de carros allegoricos, reunir um simulacro das riquezas que precisamente nos vieram d'essa encantadora India nas re-

messas dos productos do seu sólo, das suas especia-rias, das suas industriaes! Que deslumbrante visão do fausto antigo, que tivemos, agglomerando n'esse cortejo tudo quanto podesse invocar ao espirito do nosso povo a memoria d'uma grande época, d'essa época em que fomos verdadeiramente grandes!

Mas nada d'isto se fez, e já sabemos que não falta-rá quem responda que, se tal se não fez, não foi por que ninguem se lembrasse de o fazer, mas porque não havia dinheiro que chegasse para tão grandes despe-zas. Desde já, porém, contrapomos ao argumento esta idéa em que estamos desde que, por assim dizer, se começou a tratar das festas, e vem a ser: que a Com-missão tivesse empregado menos dinheiro no papel de officios que gastou durante quatro annos para chegar ao resultado que chegou, talvez tivesse encontrado os fundos necessarios para fazer das festas o que nem por sombras fez...

## A policia



A luva branca passa a não ser uma figura de rhe-thorica. Não lhe tirem as luvas...

Prisões: uma,



mas sem effeito



por causa das luvas.

NO BAILE



O primeiro encontro.  
— Oh! Co'os diabos, o meu tendeiro!!!...



O forasteiro X para o vereador Z:  
— É indecente, indigno de gente seria o que se passa aqui.  
O vereador Z — Que grande pouca vergonha...  
N'isto, o forasteiro X resolve depositar no peito do vereador Z uma golfada d'um liquido arroxeadado acompanhado de varias miudezas.  
O vereador Z, colerico e sujo: Quem vê caras não vê estomagos! Vão lá fiar-se!!!...



O Commendador Pires, para a D. Cunegundes —  
Dança muito bem a sua meninas.  
D. Cunegundes revendo-se na filha:  
— Ora, isso é modestia do senhor...



(A' porta do buffete)  
— Olha que diabo! já estou arrependido de não ter jantado...

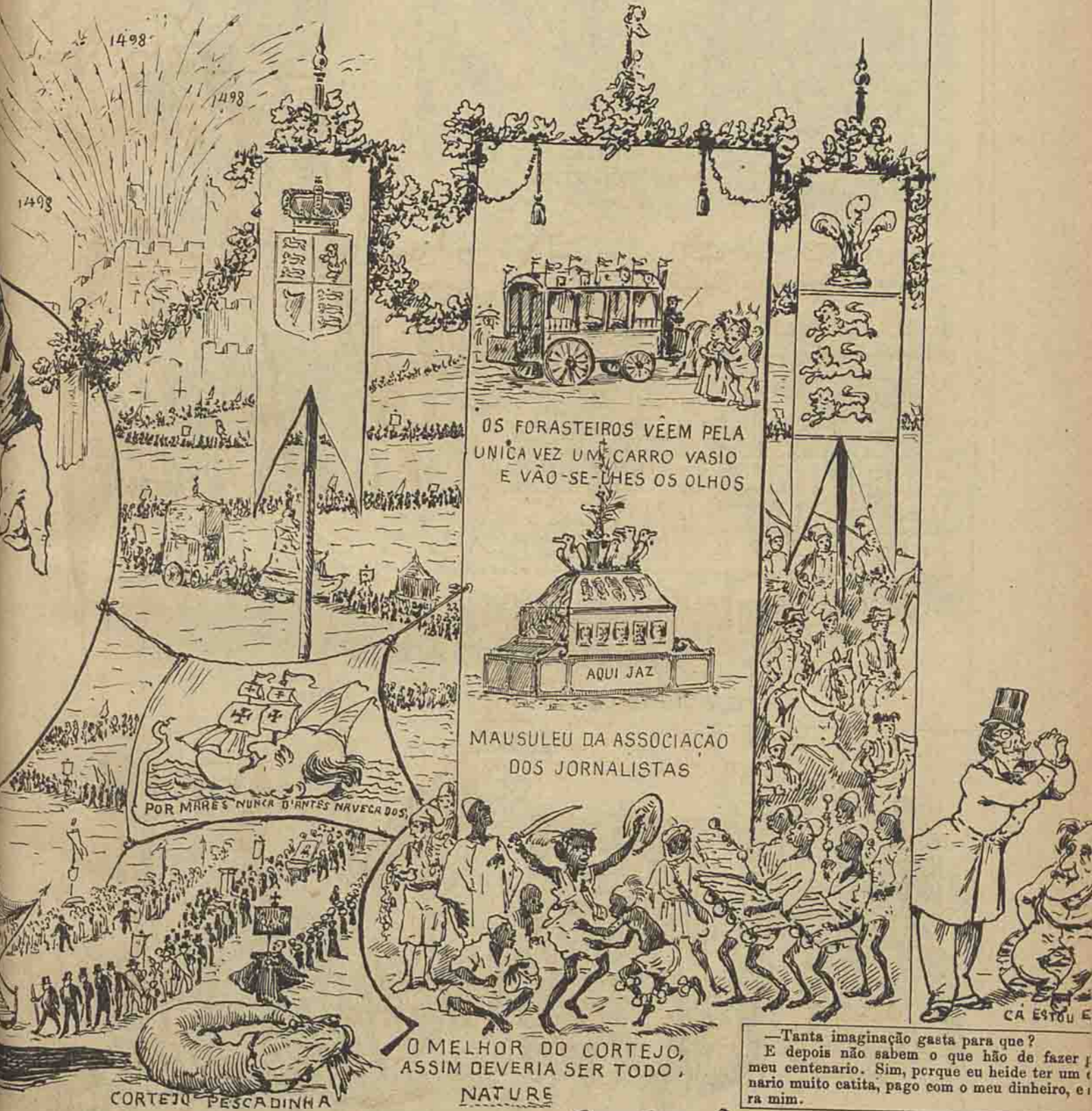


— Amo-a, minha senhora...  
— Esteja quietinho, senão chamo pelo meu neto.

(A's 2 horas da noite, nas alturas da praça da Figueira):  
Os dois garotos — A menina não vai ao baile, ó vindima!...  
Tempestade dentro d'um coupé.

# O QUE FOI CORTEJO

Grande cortejo physico ree-geographico, industrial, funebre, familiar e commemorativo.



CORTEJO PESCADINHA

—Tanta imaginação gasta para que?  
E depois não sabem o que hão de fazer  
meu centenário. Sim, porque eu heide ter um  
nário muito catita, pago com o meu dinheiro, e  
ra mim.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Para uma apothose d'estas, bastava-me ter a abobora coberta...

# NO BUFFETE

Um homem amavel



—Dá-me um pouco de peru, para uma senhora?  
—Ahi vão sandwiches.



—Já agora um pouco de vinho.  
—Tome lá uma garrafinha de Champagne.



—Dê-me mais sandwiches, por amor de Deus.  
—Mau, mau...



—Tenha paciencia dê me outra garrafinha...  
—Vá, vá que está com sorte.



Estes pedidos de solidos e liquidos repetem-se mais umas vezes, sempre com o mesmo resultado para o pedinte a quem roubam ora o Champagne, ora as Sandwiches.

Os criados acabam por se indignar e mandam o homem amavel comer e beber a outra parte



—Tenho fome Ex.<sup>mas</sup> amigos.  
—Pois faça cruces na bocca. Então você ainda cae em ser bem educado? Você é tolo !!!...

## MORALIDADE

Em buffetes, olho vê mão pilha

### Aspectos



A' entrada



A' sahida



Um convidado, na rua — Pobre casaca alugada!

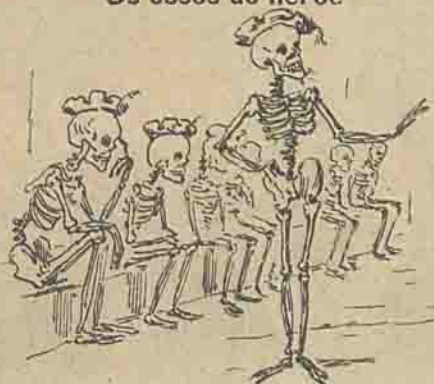
### NOTAS SOLTAS

#### OLHA A MANA PERLIQUITETES!



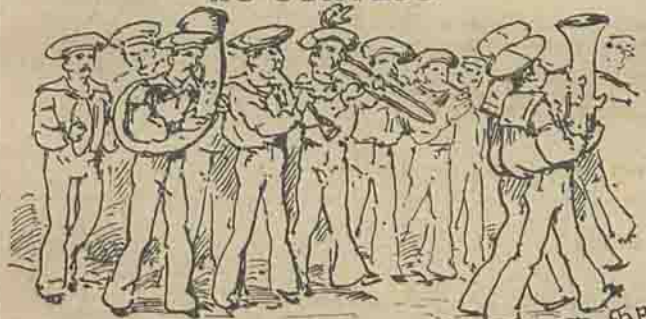
—Perliquitetes ou não fui ao baile da Geographica e não fiz má figura.

#### Os ossos do heroe



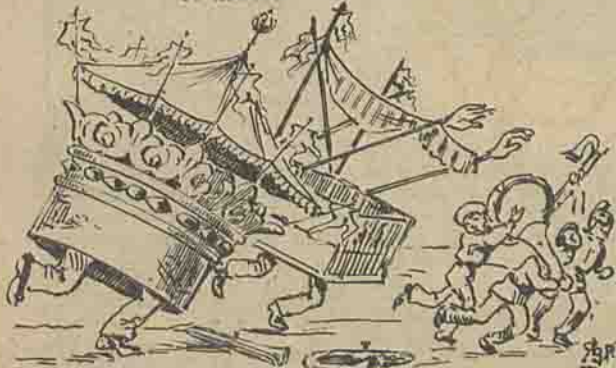
Sementeira da Vidigueira. Ossos, á vontade do freguez, antes e depois da descoberta da India. A colheita d'este anno foi fraca. Houve pernas a menos...

#### NO CORTEJO



Consagração d'um grande navegador sem marinheiros. Os p'uecos que vimos eram musicos e apenas da borda d'agua (Salvaterra).

#### A musica nas ruas



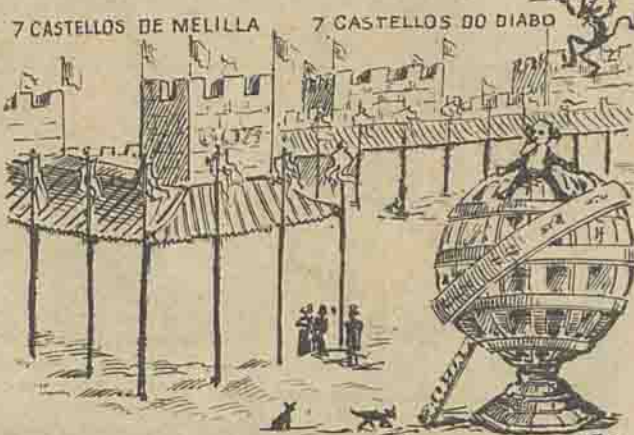
Os coretos vexados de não terem ninguem desatam a correr atraz dos phylarmonicos. E os phylarmonicos, como o José do Egypto, deixam os instrumentos, mas não tocam...

#### AS ILLUMINAÇÕES



Vêr navios estrangeiros no alto de Santa Catharina constituiu o melhor numero do programma.

#### A feira franca



Castellos no ar e Luciano na terra.

#### NA GEOGRAPHICA



A sabida — D. Vasco da Gama agradece penborado a amabilidade dos donos da casa e despede se largando a seguinte piadinha:

Obrigadinho por tudo, oh! Luciano. Mas antes queria ser eu a fazer-te o centenário.



# THEATROS NO CENTENARIO



De toda a parte commemorativa do Centenario que se passou no Theatro, o que mais esteve a caracter com a alegria das festas foi um auto do tempo em que por cá se representavam verdadeiros autos. Entre o *Auto pastoril* de Gil Vicente e o *Auto dos Esquecidos* de Sousa Monteiro, já se sabe que não é ao de Sousa Monteiro que nos referimos - porque n'esse, o auctor começou por esquecer que, quando se trata de celebrar um motivo de alegria para um povo inteiro, tudo quanto afasta - menina, afasta... - tristezas, que não pagam dividas, é o que mais convém.

No *Auto dos Esquecidos* morre um moço, no *Beijo do Infante* morre um velho...

*Morrem todos, todos, todos  
morrem todos quantos estão*

Por isso muita gente julgou que o cortejo civico era o ente-ro!

Em todo o caso, não faltaram chamadas e palmas a Sousa Monteiro, a D. João da Camara e a Gil Vicente, não tendo coucorrido na menor parte para o successo das peças o prestigioso talento de alguns dos seus interpretes, como foram Novelli, Augusto e João Roza, Brazão, Ferreira da Silva, Palmyra Bastos...



POLITICA EUROPEA  
A VELHINHA DA PONTE



Está sempre do lado onde ha sol !

## A REFORMA DAS LETRAS

O caso verdadeiramente sensacional d'esta semana foi a legitima defeza do Sr. Conde de Burnay no *Jornal do Commercio* contra o Sr. ministro da Fazenda, por causa das letras do Thesouro que o mesmo ministro ia deixando protestar, indecorosamente.

O Sr. Burnay, como de seu costume, não ergue os punhos fechados para o Sr. Ressano Garcia em attitude ameaçadora de extermínio; mas, muito simplesmente e por sem duvida muito mais eloquentemente, mostra-lhe os punhos fechados como nas armas de Santo do nome do ministro.

Segundo conta o banqueiro illustre, por cujas mãos correm hoje os destinos do paiz, no dia em que se venciam as taes letras, na importancia de 7.000:000 francos, não havia meio de encontrar o Sr. Ressano Garcia em ponto algum de Lisboa, e até á hora de fechar o correio andou o Sr. Burnay, desvairadamente, em busca d'elle por toda a parte, n'uma doida batida de tipoia, mas de balde. E, até hoje, nem o Sr. Presidente do Conselho conseguiu saber ainda onde parava o ministro da Fazenda á data do vencimento das letras.

Quando o sr. Burnay começou por procural-o no Ministerio, ali lhe disseram que S. Ex.<sup>a</sup> sahira, dizendo que se dirigia a casa do Sr. José Luciano; e para casa do Sr. José Luciano mandou o Sr. Burnay ao seu cocheiro que fosse. Na rua dos Navegantes, porem, ninguem dava noticia da passagem do collega da Fazenda, e d'ali partiu o Sr. Conde, ao acaso, ao Deus dará, em busca do Sr. Ressano. Foi á Companhia das Aguas, foi á Camara Municipal, foi á Escola do Exercicio, foi ao Instituto da Boa Vista, foi ao *Jornal de Lisboa*, foi ao José dos Pacatos, foi ao Hotel da Galliza, correu todas as casas de prego, perguntou por elle em todos os gabinetes reservados, entrou em todas as casas de jogo, dirigiu-se a todas as instituições duvidosas, incluindo a propria Sociedade de Geographia, aonde só o Sr. Luciano Cordeiro se atreve a entrar de dia, e a respeito de ministro, era uma vez um Ressano! Nada, nada, nada! Por fim, já desesperado, o Sr. Burnay dirigiu-se a Rilhafolles; e ali lhe foi dito que, com effeito, se esperava que o Sr. Ressano lá fosse parar, mas que ainda não davam razão d'elle. Não tendo mais onde procurar esse ministro, o Sr. Burnay lembrou-se então de que talvez, a essa hora, fosse possivel encontral-o na Penitenciaria. E ainda foi até lá. Mas perdido foi o seu tempo e a estafa das suas mulas, porque na Penitenciaria lhe disseram que o ministro, por enquanto, não apparecera lá.

O sr. Burnay consultou o seu relógio e viu que só lhe restava tempo de tomar o expresso e ir, elle proprio, a Paris, evitar um desastre para o credito da nação que mais o tem accusado, ao mesmo tempo que ao Sr. Ressano mais tem permitido quanto não é possivel crer que se permitta a um ministro.

E, todavia, e como se vê da nossa pagina do meio; é o Sr. Ressano que continua por cima, e é o Sr. Burnay o lançado ás profundas dos infernos!

## BIBLIOGRAPHIA

**Folhas de arte**, por Monteiro Ramalho.— Para aquelles que, entre nós, dedicam a assumptos de arte alguns quartos de hora da sua existencia, o novo livro do Sr. Monteiro Ramalho é de molde a tomar alguns d'esses quartos de hora, amaciando os, amenizando-os no saboroso interesse que bem proprio é dos livros em que, como n'este, a recordação amavel de pessoas e de factos idos, para não mais voltarem, se aviva e como que nos transmite de novo impressões antigas, sensações passadas. Nas *Folhas de Arte*, o auctor, que foi um dos que, pelo bom auxilio, desinteressado e proficuo, da sua penna que é distincta, mais concorreram para o exito de boa memoria que teve em Lisboa o *Grupo do Leão* — o auctor faz a historia desataviada, mas sincera e bem illuminada, do grato movimento que na vida dos nossos artistas contemporaneos effectuaram as exposições iniciadas e alimentadas pelo fogo sagrado com que aquelle Grupo se estabeleceu e afirmou. Recordações d'esse meio e d'esse tempo, e saudades das figuras que por elles passaram, memorias e esboços, pedaços de criticas e notas litterarias — tudo isso se reúne, se harmonisa no conjunto amavel do livro, e por tudo isso o Sr. Monteiro Ramalho espargue delicadezas de observação e suavidades de estylo, polvilhando com o oiro da sua prosa essas bem designadas *Folhas de arte*...

**Illusões perdidas**, por Alberto Bramão.— Ainda mesmo quando os poetas são tristes, como este, e fere a lyra a corda da desesperança, a ondulação do seu cantico amansa as agonias da alma e reclama a nossa cooperação para uma grande obra de pacificação e de espirital allivio. E é de ver quando, por toda a parte, o bando negro dos maus augurios paira sobre a esbica da humanidade dolente, embrenhada na floresta dos profundos cogitares, como este bando branco dos poetas revôa por todo o azul da atmosphera, n'um remigio sagrado, na pesquisa evidente de algum perdido ramo de oliveira, que nem sempre encontram.

O Sr. Alberto Bramão offerece nos um livro de versos tristes, de amargas decepções, de desesperos cruéis, precisamente no momento em que a primavera, que não se importa com as questões dos homens, nem com a lucta formidavel dos espiritos, vem de novo recommençar o seu trabalho benéfico, enxugando pelas madrugadas as lagrimas do orvalho que cobrem os botões das primeiras rosas, e com seus beijos abrindo docemente, á communhão do grande amor sublime, os gomos dos lilazes...

Mas não importa. Tristes, muito embora, os seus versos chegam nos repassados de um tão brando aroma, de uma tão doce frescura, de um tão particular encanto, que a gente embrenha-se por elles com esse mesmo prazer angustioso de quem vai tomando, ao cahir da tarde, o caminho suave de algum atalho florido do jardim da Morte, alevantando para o céu os olhos razos d'agua, aspirando o perfume dos jasmims que irrompem das vallias das creanças, e na mente a idéa d'aquella crença grata do poeta:

Não se é só pó no fim de tanta mágua...

E que melhor lenitivo do que esse, para a dôr aberta pela perda de illusões como essas?!



# NOVELLI



Pela irregularidade involuntária da publicação do *Antonio Maria* n'estes ultimos mezes, não temos podido acompanhar o grande Novelli em todas as manifestações extraordinárias do seu talento colossal.

Organização artistica de extrema e incomparavel maleabilidade, Novelli é tão grande na tragedia como na farça, no drama como na comedia. Hoje não conhecemos quem se lhe compare, e por isso é com tristeza que o vemos despedir-se de nós, deixando no nosso espirito uma grande saudade que ha de durar até que outra vez possamos cobri-lo de bravos e applausos.

Até á volta, e mais uma vez — Bravo! Bravo!

# A COMEDIA FINANCEIRA E AS 72:000 OBRIGAÇÕES

Moralidade: — Quem vive rentes não vê costas!



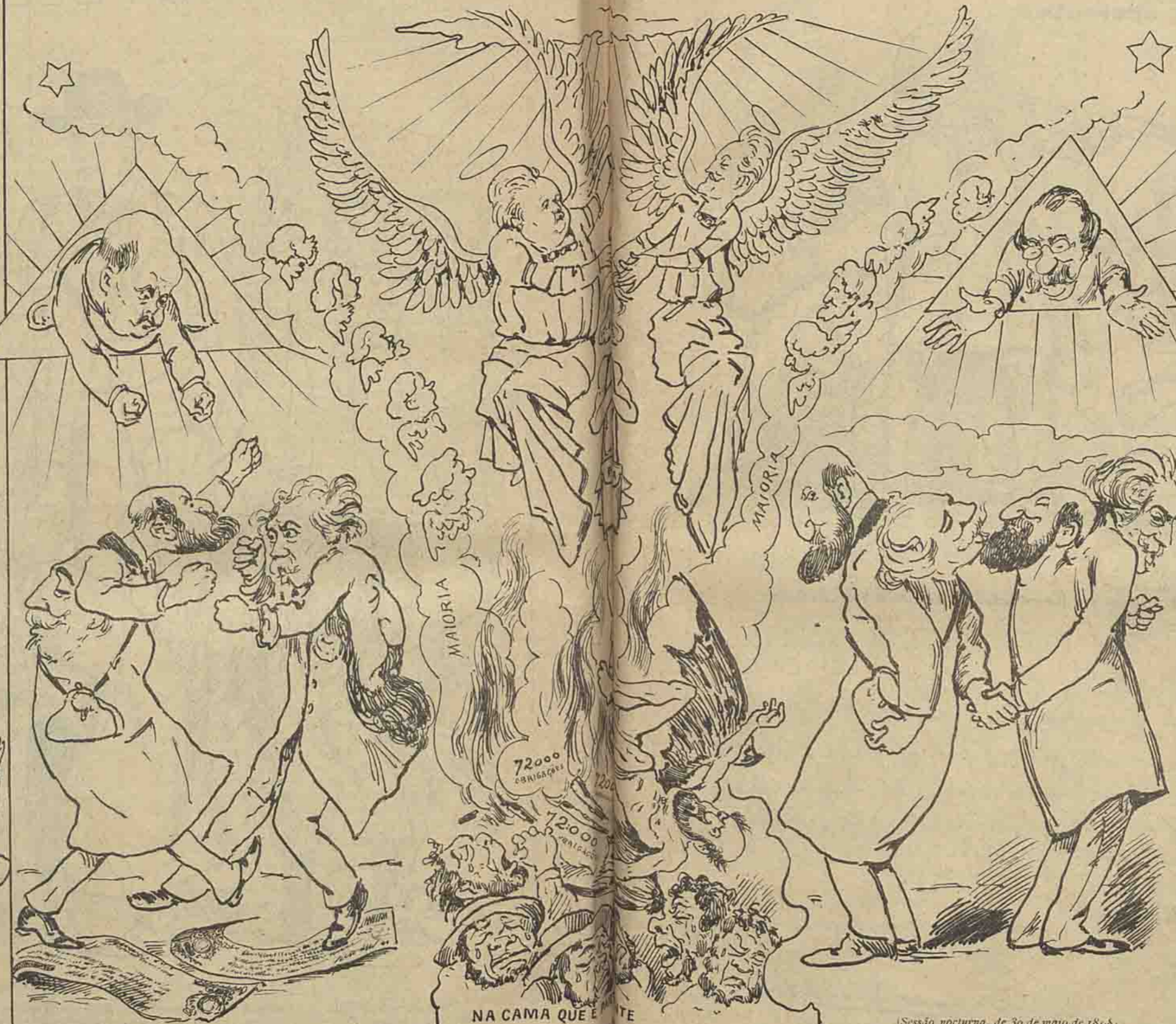
—72:000 obrigações a minha disposição!  
—72:000 obrigações só para elle!



—Posso fazer botes de papel!  
—E eu nem um!



—Posso fazer burretinas de papel!  
—E eu nem uma!



NA CAMA QUE É

(Sessão nocturna de 9 maio de 1898)  
—Desleal!  
—Trapalhão!  
—Cortadas as minhas relações com o governo, enquanto V. Ex.<sup>a</sup> for ministro!  
VOZES—Fóra! fóra!

Tendo-se provado que o thesouro em souffrance, não quiz, tendo-se provado superior a 9 por cento, tendo-se provado que o sr. Burnay para este fim, quizesse, etc., etc. e approvada uma moção de voto!  
Amen.

(Sessão nocturna, de 30 de maio de 1898)  
O Sr. Burnay:—Tenho recebido de governo varias provas de confiança, e ainda de pois da scena que se deu na camara (9 de maio de 1898), o governo me encarregou d'uma missão do mesmo genero!  
As VOZES remetem-se ao silencio



—Posso vendel-as!  
—E eu não!



—Posso empechal-as!  
—E eu não!



—E eu não! Mas hei de crear 72:000 obrigações só para mim! Juro-o! 1.<sup>a</sup>—levantar-me! 2.<sup>a</sup>—lavar-me... Oh! co'os diabos, já emperreil...

RAPHEL BORDALLO PINHEIRO.

# DEPOIS DO CENTENARIO

## A alternativa



Vasco da Gama — Então que fazes?  
 Luciano — Como me cabiu a cuia, queixo me!  
 Vasco da Gama — Pois não te queixes, que te vou dar a alternativa! Estás feito Vasco da Gama!



CIRCULAR

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Tenho a honra de participar a V. Ex.<sup>a</sup> para os fins convenientes que estou feito Vasco da Gama, podendo V. Ex.<sup>a</sup> e os socios d'essa digna corporação visitar-me das 9 horas às 11 da noite na Sociedade de Geographia, pois estou lá e não sou de gesso.  
 Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente  
 da Associação de .....

O ex-secretario perpetuo é já  
 hoje Vasco da Gama

Luciano Cordeiro

( O QUEIXAVENKO )

Tendo o sr. secretario perpetuo recebido a alternativa de Vasco da Gama, está queixado concurso para Luciano Cordeiro.  
 As habilitações necessarias serão opportunamente publicadas.

RUPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# DEPOIS DO CENTENARIO

Novos elementos decorativos fornecidos pelo baile.



— Enriqueci a vender bilhetes para as recitas gratuitas.



— Fiquei assim, mas arranjei bilhetes para a tourada.

Depois do baile da geographica.



— Menina, convi ta amanhã toda a familia para jantar!

— Ai filho, que despeza!

— Pateta! A casaca traz 30 jantares: gallinha, presunto, linguado, fiambre, peru, pescadinhas, gordura...

— Ai que rico caldinho!



— Dinheiro para o jantar?

— Mette a casaca na panella!



— Que entalho! Vem cá jantar as Silvas!

— Mette a casaca na panella!

No guarda roupa do Cruz



— Prompto a casaca!

— A casaca?! Mas isto é uma bandeja de doce d'ovos!



Torres de Malakoff humanas!

Bufetes futuros em futuros bailes.



Alto estão, alto móram, ninguem lhes toca e todos os adoram!



BORDALLO PINHEIRO.

Apanha comilão, com a bocca é que sim, com a mão é que não!

# BOA HORA DAS FINANÇAS

**Cartorio Navarro**



—Já! Já! Esse mandado de captura!  
 —Se o sr. juiz assignar.....

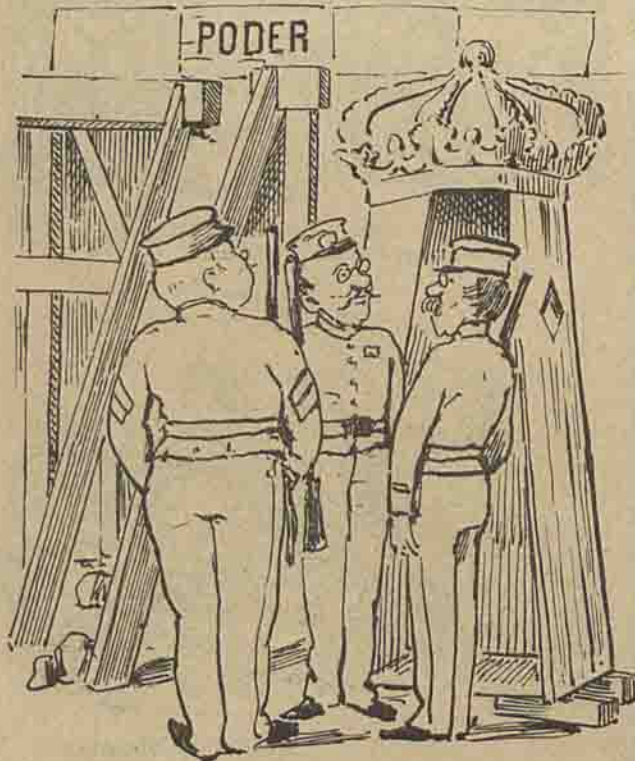
**Cartorio Carrilho**



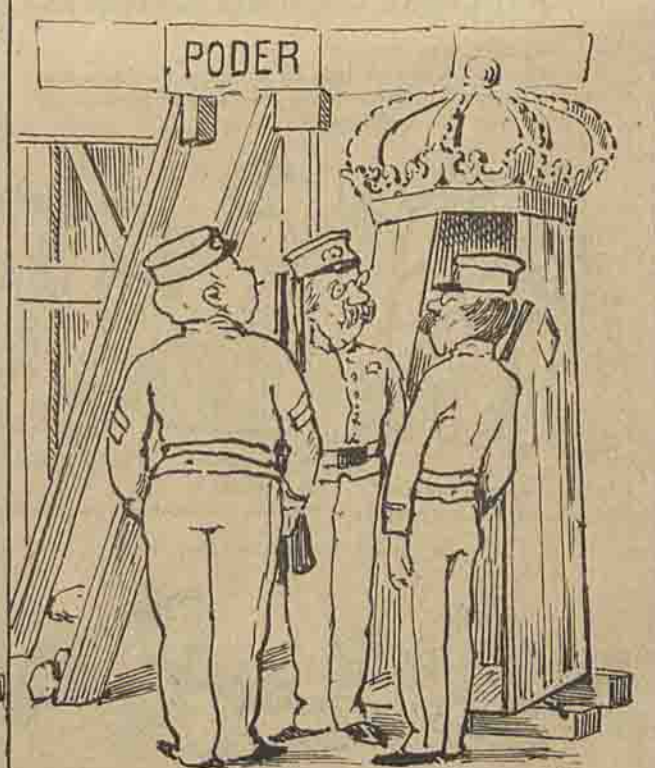
—Ore tome lá esse attestado de bom comportamen-  
 to!...  
 —Muito obrigado a V. Ex.ª!

## SENTINELLAS CONSTITUCIONAES

(A theoria dos quartos de sentinella não pode admitir-se sem correctivo, porque ha sentinellas vigilantes e sentinellas negligentes, sentinellas expertas e sentinellas adormecidas, sentinellas fieis e sentinellas traiçoeriras. O Popular, n.º 707)



— Deu a hora !



— Deu a hora !

BURNELLO PINHEIRO





# BOLAS DE SABÃO



Trabalho parlamentar de cinco mezes = tres bolas.

Bolas!!...

## CHRONICA

Chegou o sr. Perestrello, que deixou negociações pendentes e trouxe noticias satisfatorias, tal qual o sr. Burnay *in illo tempore*; e, tambem como o sr. Burnay, creio que vae partir outra vez, para continuar as negociações pendentes e trazer mais noticias satisfatorias. O sr. Burnay fez a epoca de inverno; o sr. Perestrello faz a epoca de verão. Empreza a mesma — Sousa Bastos, Posser & C.<sup>a</sup>, perdão, José Luciano, Ressano & C.<sup>a</sup>

Que a fallecida e nunca assás chorada empreza da Trindade me perdõe tel a confundido com a outra, o que derivou talvez de ambas terem posto em scena *Os dois garotos*, sacrificando a arte á legitima defesa dos seus interesses.

Antes, porém, da chegada do sr. Perestrello houve reunião da maioria, com chá e bolos, a qual deu azo á troca de beijinhos e chi-corações entre o governo e o valente grupo de homens de forcado, que o secundou briosamente na lide parlamentar de 1898. Foi enternecedor e diuretico. Enternecedor pelas blandícias que se trocaram, diuretico pelo chá que se beber.

N'essa festa partidaria, o sr. Botas do conselho, enaltecendo a sessão legislativa de cinco mezes, ergueu em pendão do cortejo financeiro do sr. Ressano a reforma do tribunal de contas, utilisou para peanha do sr. Augusto José da Cunha a lei dos colleiros communs, e a cavalgar a penca do sr. Beirão escarranchou a reforma da lei de imprensa, o que dá um quadro symbolico de primeira grandeza. Concluiu-se que a patria ficou salva, e que a ultima sessão da camara dos pares, em que a maioria approvou em duas horas 28 projectos de interesse particular, ainda mais estreitou os laços que a prendiam ao governo. E a dificuldade d'um governo está em saber prender a maioria, como acontece com as pulgas na Feira Franca, onde, por antithese, tudo se paga!

Mas acima da chegada do sr. Perestrello, da reunião da maioria, do combate de gallos prohibido na Feira e permittido na imprensa entre o sr. Burnay e o sr. Ressano, o graude acontecimento é

Zás, pif, paf, puf — pá, rá, pá, pum!  
Saadae o feroz general Boum, bum!

E saudemol o todos, clero, nobreza e povo, ao mavortico pimpão general em chefe! S. ex.<sup>a</sup>, o muito illustre e não menos grande sr. José Luciano, acaba de receber o pennacho do capacete do sr. Francisco Maria da Cunha e de atarrachal-o interinamente ao seu chapéu armado. S. ex.<sup>a</sup> está ministro da guerra interino. E, agora que venha o inimigo!

— O inimigo!... Onde está o inimigo?... Colloquem-me deante do inimigo!... são as constantes palavras de s. ex.<sup>a</sup>, quando está de pennacho.

Porque, é preciso que se saiba, s. ex.<sup>a</sup> sem pennacho é a creatura mais pacifica d'este mundo; mas quando põe o pennacho excede o proprio Marte em furor bellico.

No ministerio do Reino, sem pennacho, alcachinado, bigode a entrar lhe pelos cantos da bocca, olhar tranquillo e fallas mansas, até dá gosto conversar com o nobre presidente do conselho.



No ministerio da guerra, com pennacho, a figura endireita-se, a bigodeira eriça se, o olhar despede chammás, e dos labios escumosos as phrases saem como cargas de cavallaria, as exclamações como rebombo de canhões, e até, quando s. ex.<sup>a</sup> se assôa, parece descarga cerrada de fuzilaria!

Sem pennacho, afaga os amigos, despacha afilhados, e até, se lhe pedirem, é capaz de recitar ao piano! Com pennacho, descompõe os adversarios, suspende, demitte, e até, se o irritam, é capaz de furar de lado a lado quem se lhe ponha na frente!

Tudo effeitos do pennacho! E isto não lhe pertencendo de direito. O que seria, se effectivamente fosse d'elle!

E' certo que o habito não faz o monge, mas de que o pennacho é que faz o homem estou convencido de que não ha duvidas.

TORSIUS.

## Bibliographia.

**Lendas**, pelo Conde de Bretiandos. — O bello espirito d'esse homem distincto, que na aristocracia portugueza tem o titulo de Conde de Bretiandos, revela-se-nos, agora, sob um aspecto novo, que nos surprehende e encanta. Não o conheciamos litterato, e n'este livro, escripto por mão segura de quem conhece o officio, o Conde de Bretiandos dá-nos prova bastante de quanto poderia, se quizesse, brilhar nas letras.

Formam as *Lendas* um livro amavel e simples, a destacar com prazer d'entre os que foram feitos para prender as attentões de quem na leitura só procura assumptos brandos, sob fórmás faceis.

Embelezando-o mais, ha n'este livro alguns bonitos desenhos dos Viscondes de Athougua e de Corache, de Alvaro de Saldanha e Castro, de Nicolau de Goyri, de Julio Mardel e de Francisco Van-Zeller.

**Na brécha**, por João Chagas. E' uma colleção de pamphletos de hontem, na memoria de todos, pois tiveram a sua origem na obra da dictadu a regeneradora, em que muita gente quiz ver a tyrannia n'algumas das suas fórmás classicas. Mas o pamphleto, como diz o auctor, é uma arma de duellos, e n'essa occasião não havia gente disposta a bater-se. Em todo o caso, se não provocavam lueta, estes pamphletos fazem parte da bibliographia revolucionaria do nosso tempo. São documentos, colligidos por quem está animado ainda da esperança de que elles possam servir o espirito contemporaneo, dado que toda a obra de combate tem sempre o seu lado util.

Ha n'estes pamphletos de João Chagas muita doutrina e estímulos de util divulgão. Depois, nenhuma linguagem melhor que a d'elle, para traduzir tudo isso aos espiritos que, para aceitar idéas novas, carecem de palavras curtas, quentes e incisivas.

**Paredes meias**



Entra um estrangeiro no Colyseu e, ao ver os pretos, imagina estar na Sociedade de Geographia.

**Os dois chapéus**



De chapéu alto—vulgaris de Lynneo—todos o veem. Foi assim que elle entregou as letras ao Buraay para este as descontar.



Entra um estrangeiro na Sociedade de Geographia e, ao ver o *Faz tudo — faz nada* imagina estôr no Colyseu.



De chapéu baixo—chapeu magicus—ninguem o topa. Foi assim que ninguem o topou para a reforma das mesmas letras. Nem o proprio Topa!

# O HOMEM AS PULGAS

ORIGINAL NA FEIRA FRANÇA



MOLTA PAZIENZA - MOLTA PAZIENZA

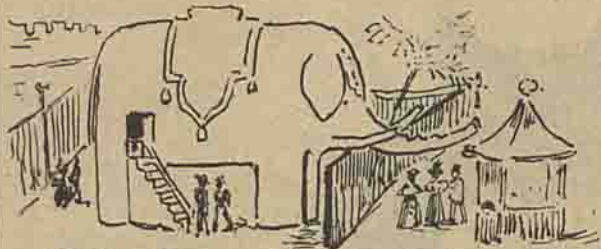
MOLTA PAZIENZA

Elle tem, e a gente é que se coça ...

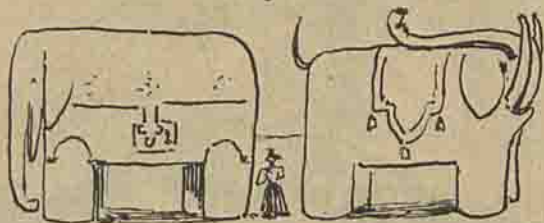
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

### A verdadeira historia do elephante da Feira Franca

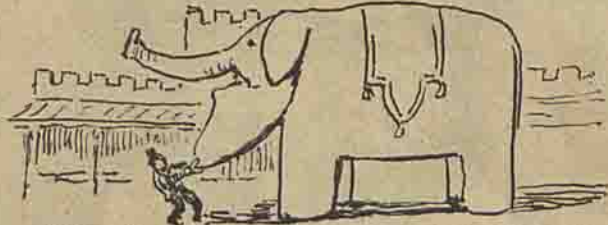
Antes do centenario, varias sessões houve na geographica por causa do elephante da Feira Franca. O caso estava bicudo, porque, se o animal estendia dentes e tromba, era preciso mais terreno, e terreno is



money; se deixava cahir tromba e dentes era tal qual um bahú; se arrancava os dentes a punha a tromba ás costas, deixava de ser elephante.



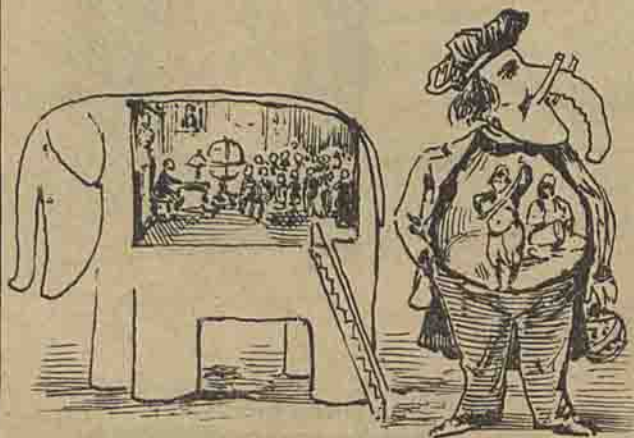
Alguem propoz para conjugação intima do elephante e da geographica que o queixo do secretario perpetuo fosse applicado ao elephante e a tromba e os



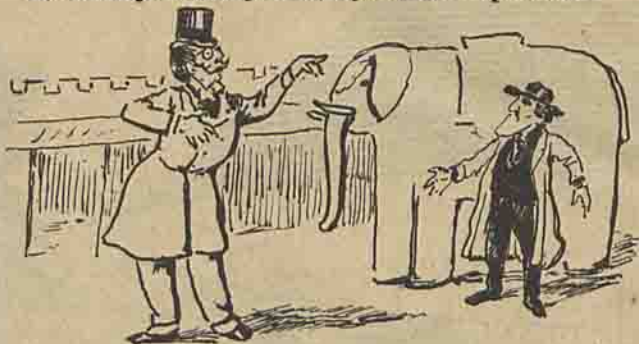
dentes do elephante passassem para o secretario perpetuo.



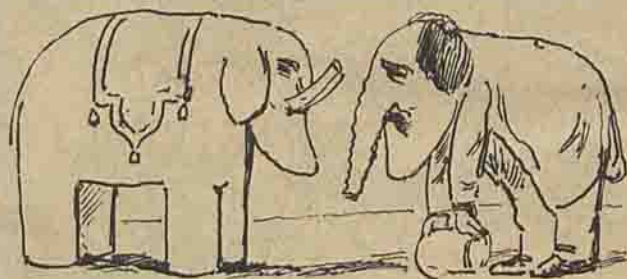
Haveria então bayadeiras no ventre lucianaceo, e reuniões da geographica no ventre do elephante. E tudo ficaria assim remediado.



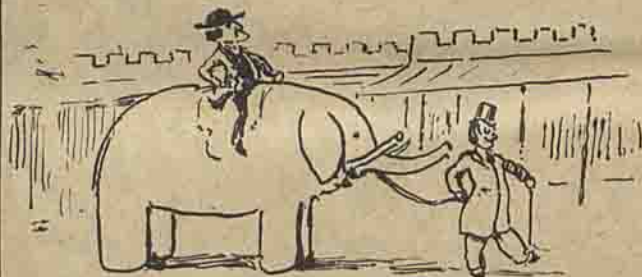
Appareceu, porém, o sr. Marquez de Franco e declarou que não podia adoptar-se tal medida por ir contra os seus desejos. Elle queria o secretario só para si, e o elephante só para si, e pondo se em pratica a



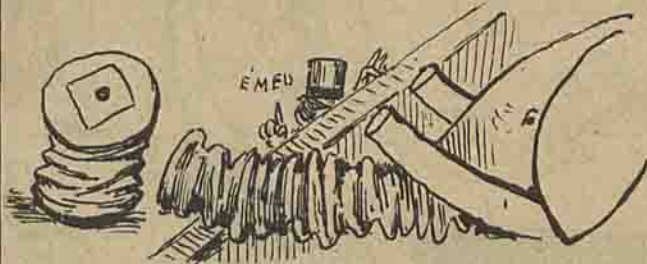
proposta o elephante seria meio elephante e meio secretario, e o secretario seria meio secretario e meio



elephante. E que elle não era Marquez para meias doses. Queria um elephante inteiro e um secretario tambem inteiro.



E eis aqui porque o elephante ficou de dentes cerrados e armou a tromba em cochicho,



e o secretario perpetuo ficou com o queixo que tinha, em vez de elephante... triumphante!



O ANTONIO MARIA

# THEATRO DA TRINDADE

Primeira fórma!



Olaré quem brinca, brinca!  
Olaré quem brinca bem!

## UMA ESTRELLA E DOIS ESTRELLOS



O Porto, sempre amavel para comosco, acaba de nos brindar com uma bella constellação artistica : uma estrella e dois estrellos.  
Se deixassem cria, é que não era mau.

## THEATRO D. MARIA



Num xe xabe!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O ANTONIO MARIA

# COMBATES DE GALLOS



Principal fito — o ataque á mitra!



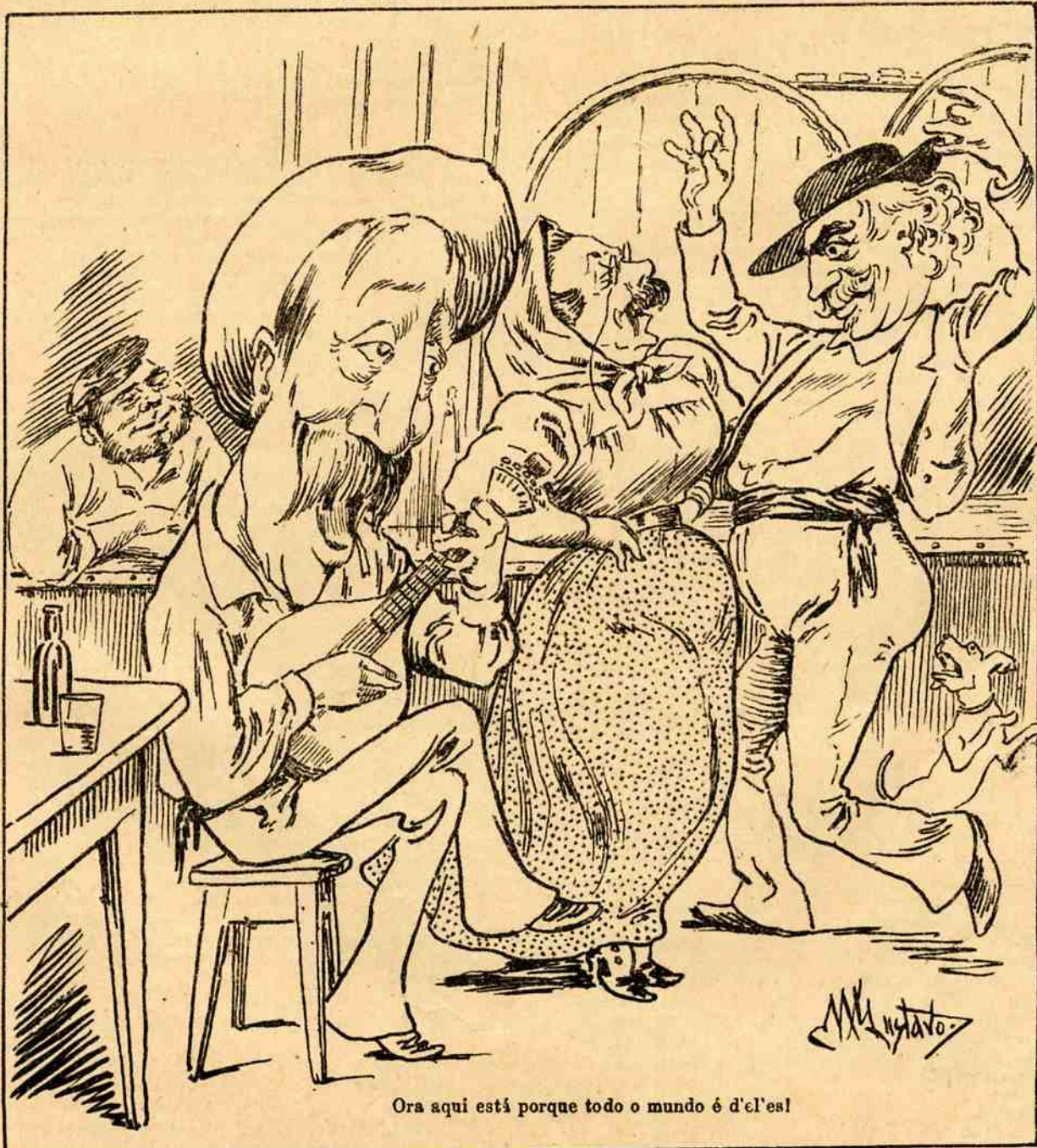
E riña, que riña!

Editor: J. GARCIA DE LIMA. — Sede da Administração: LARGO DO CALHARIZ, 12, 1.º  
LITOGRAFIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA, Largo do Conde Barão.  
IMPRESA MINERVA, Santos & Moreira — Campo de Santa Clara, 144 a 146.





SEM VERGONHA



Ora aqui está porque todo o mundo é d'el'es!



## CHRONICA

N'este momento o que vae attraíndo mais a attenção nacional é a serie de artigos, todos sob a epigrapha *Sem vergonha*, que o *Popular* está publicando. Como o *Sem vergonha* poucas excepções conta, raro é o cidadão que de manhã, ao pegar no jornal, não diz com os seus botões:— Hoje falla de mim!

Mas engana-se redondamente. O *Sem vergonha* é rotulo só para o governo, que o sr. Mariano de Carvalho procura engarrafar e lançar ás aguas, a fim de que um dia venha por este meio a sabêr-se novas do naufragio da administração publica em mãos particulares.

Graças a Deus, desde o anterior numero do *Antonio Maria* até ao de hoje, ha a registrar o augmento da circulação fiduciaria, que andou muito tempo com uma parte sem curso legal, o que tem levado muito cavalheiro á Costa d'África quando tenta igual expediente sem accordo com o governo, e mais as reformas das secretarias das duas casas do parlamento e dos serviços do ministerio da fazenda.

Como é da praxe, ambas as reformas se fizeram sob a mais *apertada economia*, tão apertada que até teve um chique, da criação de mais dois logares de primeiros officiaes a 800\$000 réis por cabeça na primeira, e de mais uma direcção geral na segunda. A patria ficou salva, os credores ficaram de cócoras, e os amigos contemplados ficaram aos pulos.

Mais um caso importante ha a mencionar:— a lei da conversão decretada pelo finado rei D. Luiz n'um dos ultimos dias do mez passado ou n'um dos primeiros d'este que está correndo, que a memoria não nos accusa com precisão a data. Do que se conclue que a lei é lettra morta, desde que vem decretada por um rei morto!

E melhor será não lhe tocar, não tratar de emenda, para que não aconteça o mesmo que aconteceu no reinado da rainha D. Maria 2.<sup>a</sup>. Publicou o *Diario* um decreto que começava assim: «Sua Magestade a Rainha.....» O ministerio foi ao ar, e mandou fazer immediatamente a rectificação. Pois querem saber o que appareceu no dia seguinte, o que produziu a emenda? Foi o seguinte: «Sua Magestade a Rainha.....»

Se o actual governo trata de rectificar, é capaz de sahir: «Sua Magestade El-Rei D. Pedro 5.<sup>o</sup>.....» e se reincidir, vae parar a D. Affonso Henriques!

O chefe do Estado que veja, porém, com que sujeitos está mettido. Na opposição, bem sabe o que lhe faziam; no poder erram-lhe o nome!

## Bibliographia

**Horas tristes**, por J. Augusto Martins.—Formoso caderno de impressões de viagens, colhidas por um poeta que enternece, por um litterato que fascina, por um gracioso que nos delicia — como bem diz no prefacio, que mais distincto torna o livro, o Dr. Carlos Tavares. O auctor é bem o observador que sabe ver, possuidor de um cerebro que bem pensa e de um coração que bem sente, sendo tudo o que elle vê, que pensa e sente impregnado com o perfume d'uma verdadeira poesia, e aformoseado com os encantos d'uma arte adoravel.

**Horas tristes** é livro cuja leitura nos porporciona horas bem agradaveis. De vez em quando, de longe em longe, a humidade de uma lagrima que desliza, a doçura amarga de uma saudade que passa, é coisa que tambem tem seu sabor bem grato.

**Livro de Maria**, por Hemeterio Abrantes.—Em uma carta que serve de prefacio a este livro, diz um poeta illustre entre os poetas, o Sr. Thomaz Ribeiro, não saber a que escola pertencem os versos d'este auctor, nem mesmo se elle é dos *velhos*, se é dos *novos*; entretanto, aecr scenta, sempre o conheceu poeta, e poeta se lhe tem mostrado em todos os actos da sua vida. Faltava lhe esta prova de aspirar á sagração, ou, pelo menos, á matricula n'esta Universi'dade das lettras, escola d'ensino livre onde já pouca gente se entende...

A generosa aspiração do Sr. Hemeterio Abrantes é coroar se de louros e de rozas, e entrar cantando na phalange dos inspirados. Praza a Deus, como bem diz o seu prefaciador, que o Parnaso lhe seja paraizo tal como o sonham os recritas litterarios. . . Porque ás vezes erra-se o caminho e o neophyto encontra-se ou n'um pragal inh spito, ou n'um recinto penitenciario. Lembremo-nos de que Ovidio foi de terrado para o Ponto Euxino!

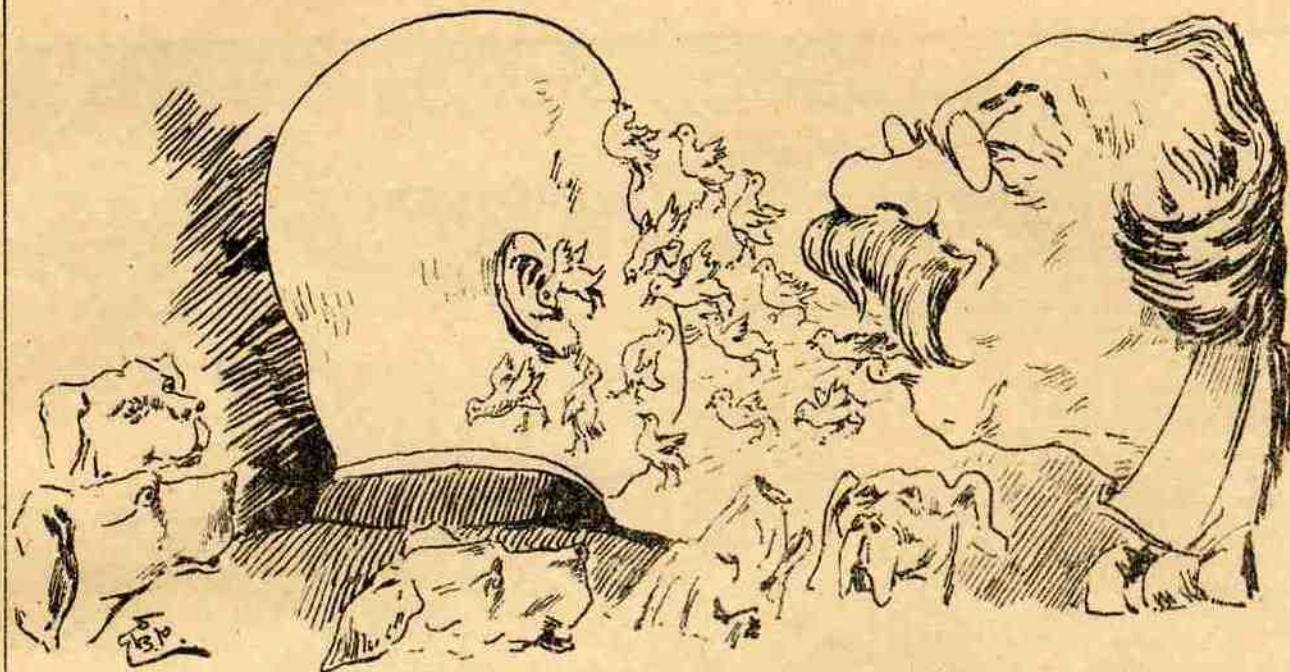
**Infelizes**, por D. Anna de Castro Osorio.— Em horas de sonho e de recordações, esta s'nhora lembrou pobres almas inferiores, tristes desvairament s, magnas inconfessadas — que a sua alma conheceu ou presentiu nos humildes e nos desprezados. Aby-mada n'um confuso recrdar de coisas passadas, rodearam-na phantasmas sympathicos ao seu espirito, e um a um lhe mostraram as suas pobres figuras empallidecidas pela distancia ou p la morte. D'ellas foram tiradas, carinhosamente, as historiss vividas que formam este formoso livro.

**A Antonio Cabreira**, homenagem das cidades de Tavira e Faro, etc.—Um amigo e admirador do Sr. Antonio Thomaz da Guarpa Cabreira de Faria e Alvellos Drago da Ponte, reuniu em um folheto documentos e noticias a proposito das ultimas viagens feitas ao Algarve por aquelle academico, e juntando lhe o retrato e adicionando-lhe um prologo, assim lançou á publicidade uma nova homenagem aos talentos e mais partes do illustre mathematico. O amigo em questão, do Sr. Cabreira de Faria é o Sr. Antonio Pena (filho).

**Centro Commercial do Porto**, relatorio da Direcção em 1897.—Na vida das associações, os relatorios não constituem apenas uma exposição obrigada dos a tos que preencheram a sua gerencia, inspiraram o seu movimento, eu determinaram a orbita da sua actividade. Mais que uma frivola resenha de todo o seu curso administrativo, o relatorio de uma sociedade pode ser ainda o programma ou pregão das doutrinas que illustraram o espirito dos seus dirigentes. D'este relatorio, se vê que o Centro Commercial do Porto continuou, no ultimo anno, a cumprir o seu dever, na sua attitude inabalavel de patriota honrado — sempre vigilante, activo e tenaz, sempre na brécha, decidido e esforçado, inquirindo todas os accidentes e todas as feições da gerencia publica, prestando o seu concurso, ou expressando o seu protesto . . .

Por tudo isso o felicitamos.

## PERDIZES E PERDIGOTOS

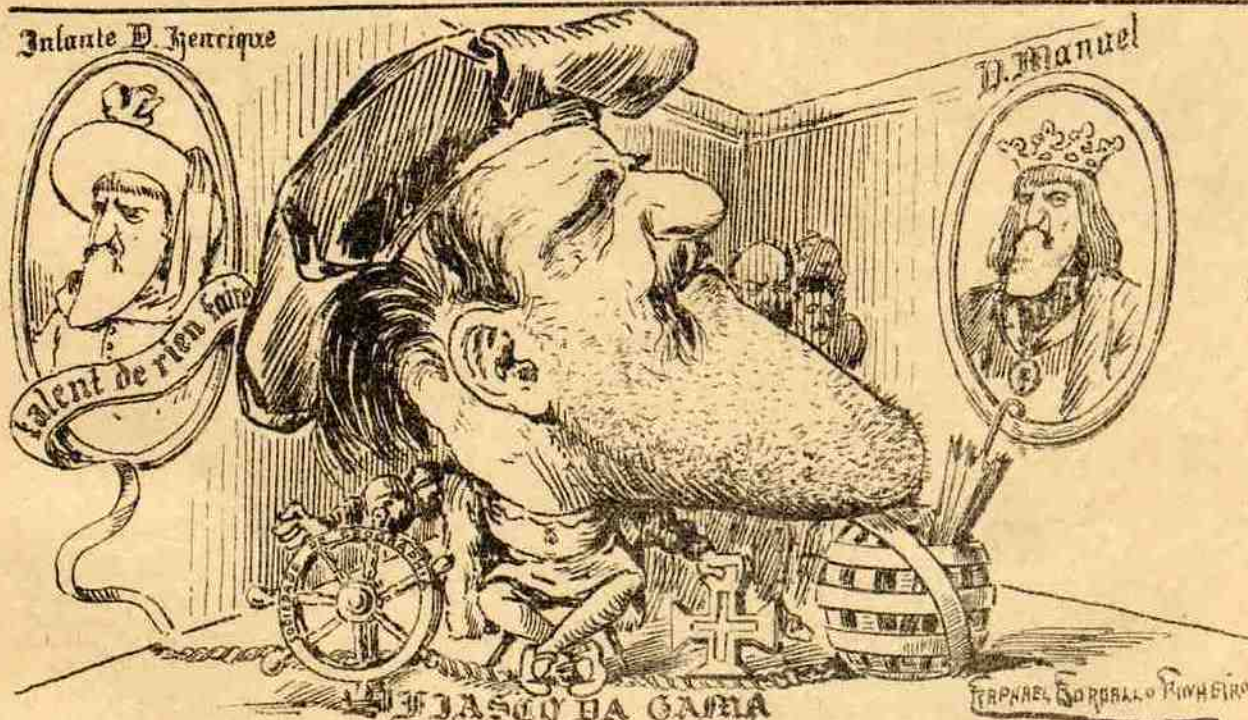


Deu que scismar nas altas regiões ter-se ordenado que de futuro assistam sempre á assignatura real os seus melh res perdigueiros.

Conseguiu se, porém, saber, o que motivara tal ordem. E' que quando o sr José Luciano apresenta um decreto para a assignatura é *perdiç* certa, e quando falla é *perdigoto* que ferve!

Pobres perdigueiros! Vão apanhar uma *silota*!  
Plutão! Tigrel Saturno! Tejo! Kse! Kas! Kse!

Infante D Henrique



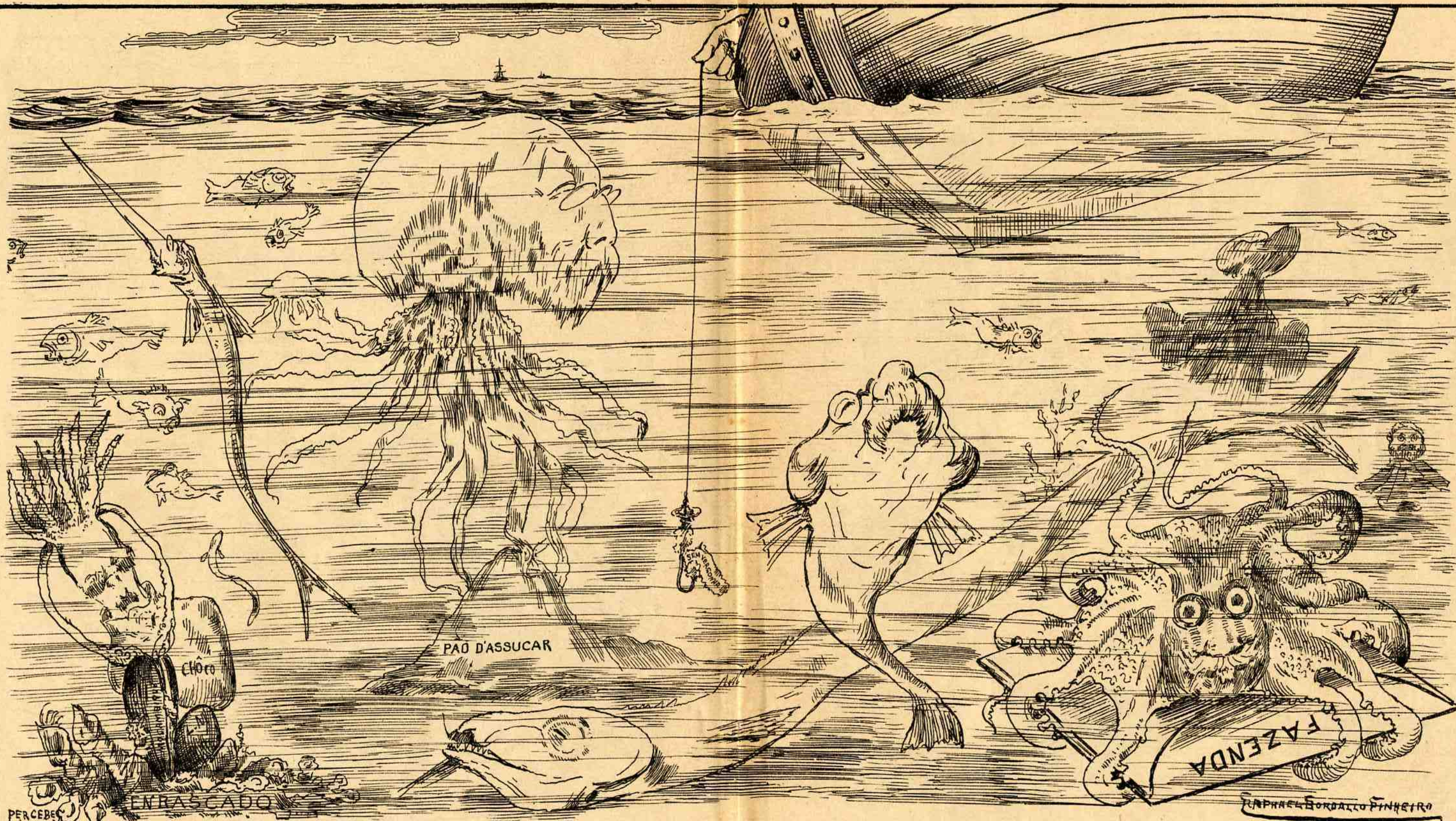
## EMQUEIXADOS

Muito gente estranhou que nas festas do Centenario da India nunca figuressem os descendentes de Vasco da Gama.

Após varias pesquisas descobriu-se que o secretario perpetuo os esconde a a um canto da Geographica, e os tapara com o seu queixo. Peior que enterrados, peior que emparedados:— emqueixados.

Ahi, valente queixo!

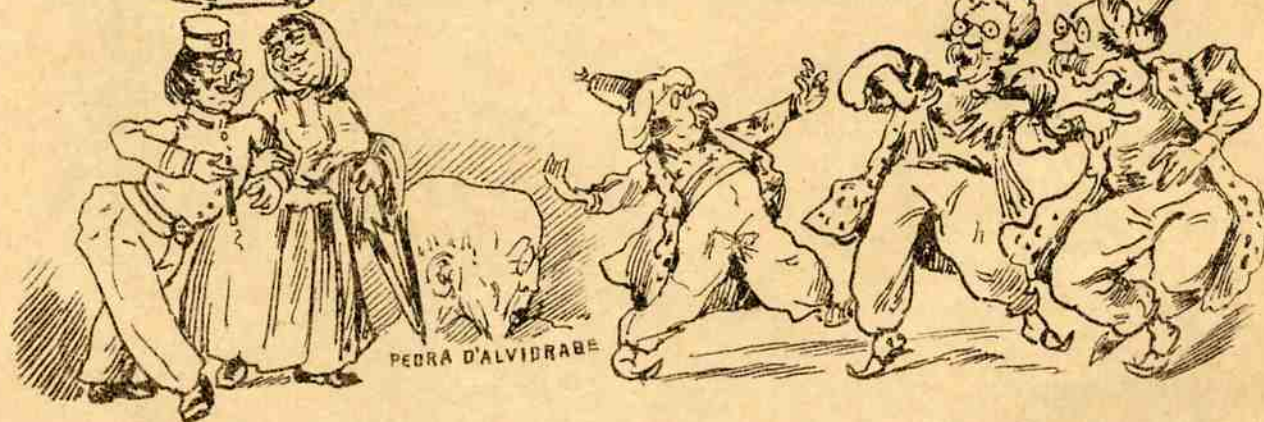
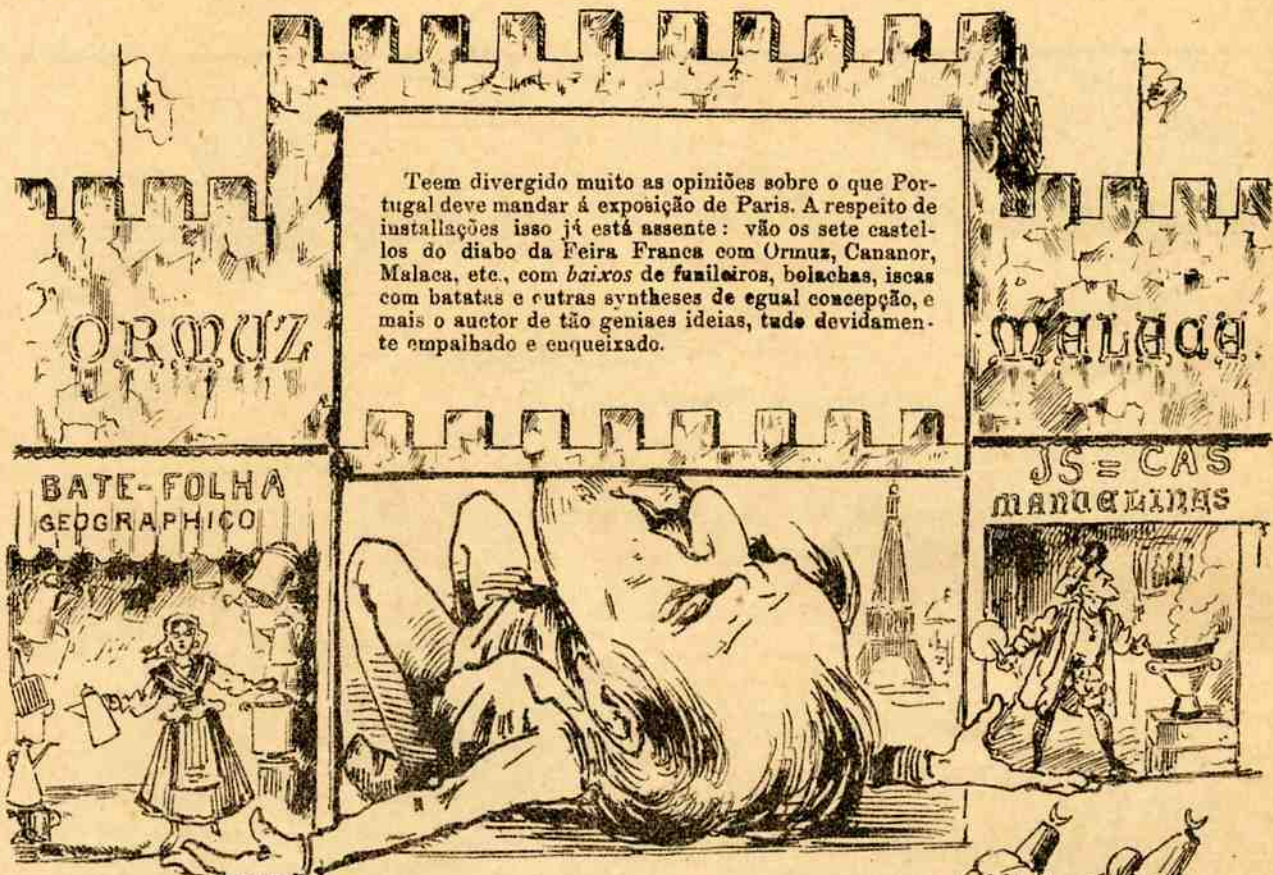
# CAMPANHA MINISTERIOGRAPHICA



Havendo falta de exemplares d'este genero no Museu, o Antonio Maria ousa lembrar esta campanha ministeriographica, superior a qual-quer outra oceanographica.  
Pescal os, dissecal-os... era uma limpeza, meu Senhor!  
Ao menos o Charrôco e a Alforreca!

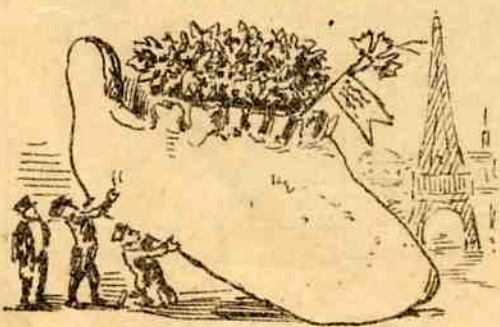
RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

### Portugal na Exposição de Paris

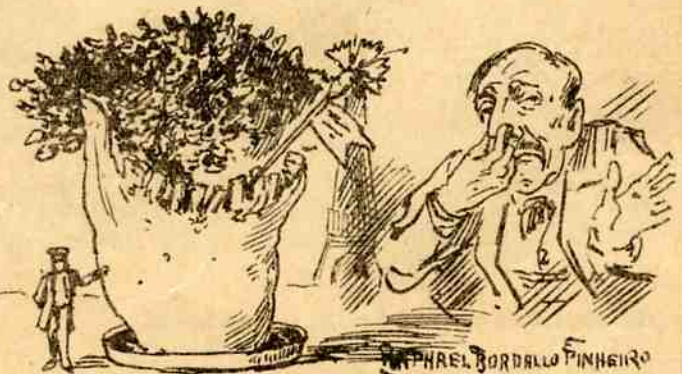


No do capitulo productos é que a discussão tem sido renhida. Lembram uns o nobre marquez, de guarda municipal com u na sopeira pelo braço.

Lembram outros o sr. José Luciano de miramolim de Marrocos em varias attitudes.

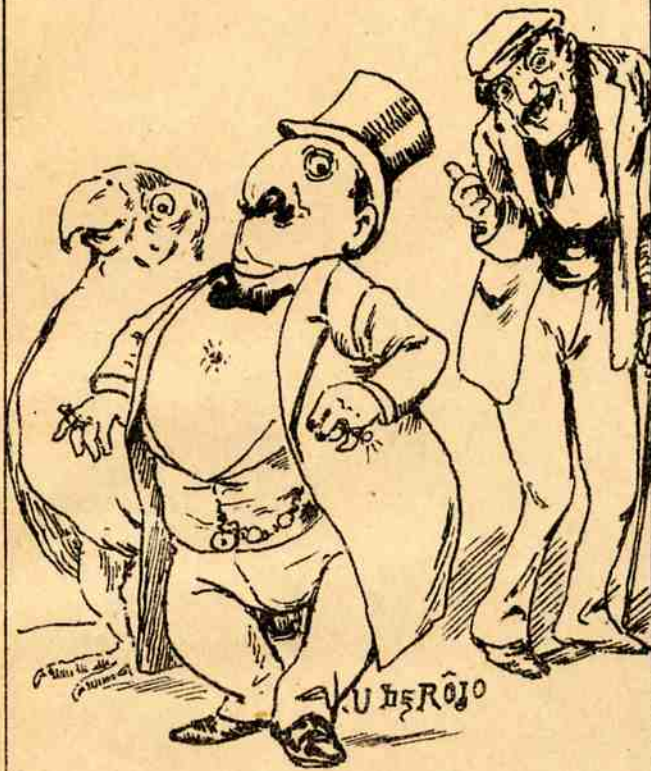


Parece, porém, resolvido que por economia não irá um todo, irá só uma parte: — Um queixo com um mangerico.



E' tudo que ha de mais nacional: — vaso e aroma.

Trru!



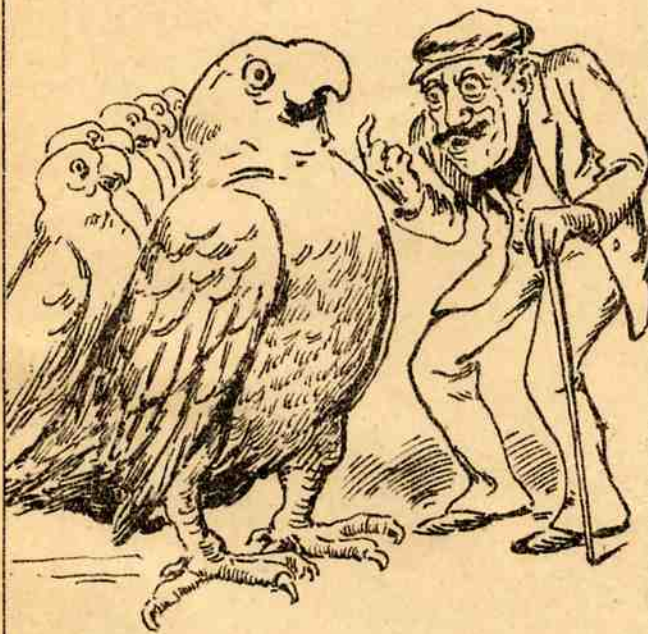
— Papagaio real, quem passa?  
 E' o consul que apanha a massa!  
 Trru!



do — Trru! parece-nos que ao menos nos devia dar a  
*consulção* de o vermos no Jardim Zoologico.

Porque isto de 70 loirinhas mensaes para se consu-  
 lar a si proprio, para que o *consulato* seja elle, puxa  
 um bocadinho do peito.

Trru!



— Papagaio loiro  
 De bico dourado,  
 Quando é que vaes  
 P'ra o teu consulado?

Trru!

Ora já que o papagaio come por mez o bello milho  
 de 70 libras em oiro, e a respeito d'ir para o consula-

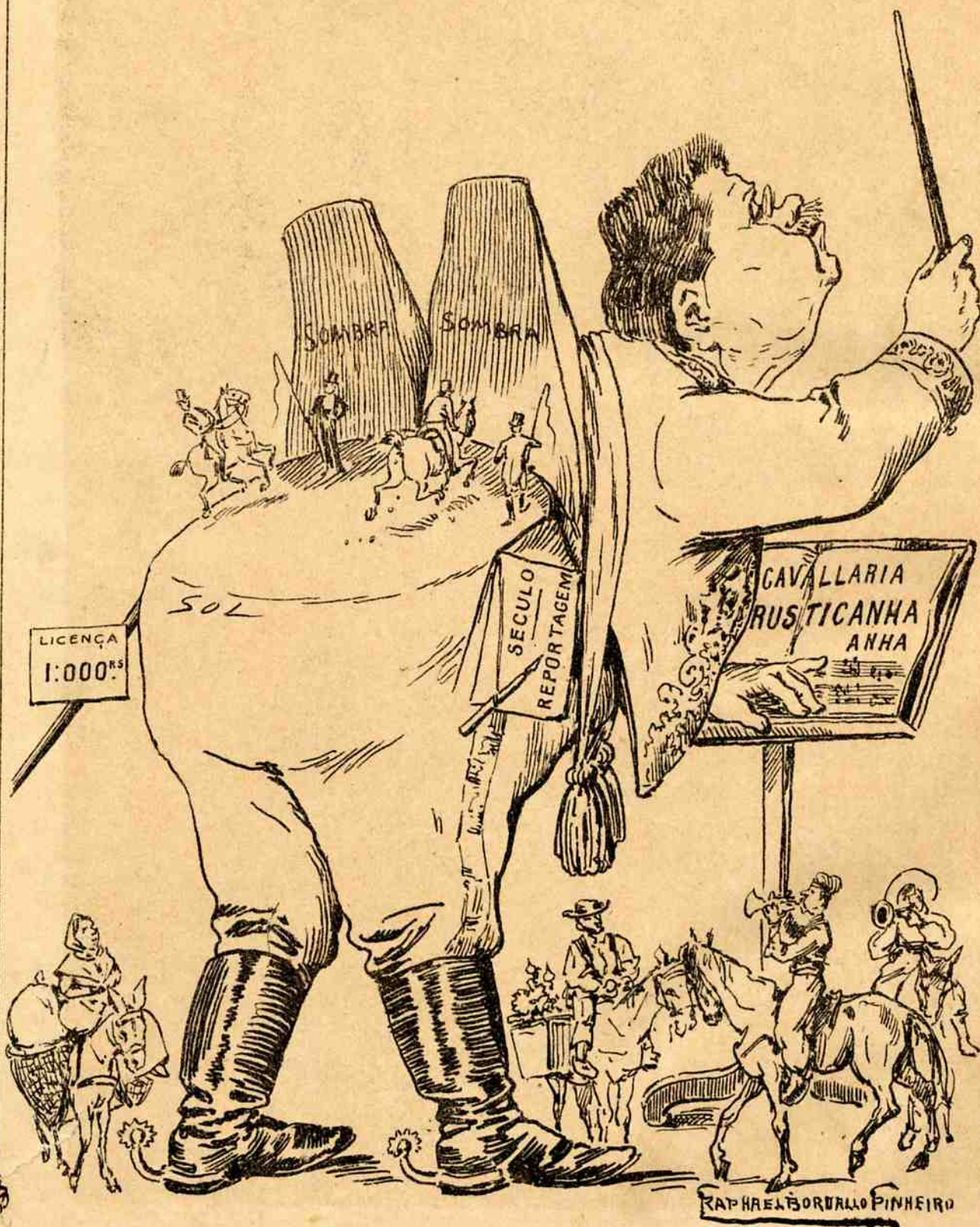


E podia muito bem acontecer que o nobre marquez  
 o quizesse só para si, e fosse elle quem passasse a  
*consul* o á sua custa.

Ora aqui está uma ideia!  
 Trru!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

# PICADEIRO MUNICIPAL



Esta mania da equitação já ha muito que lhe vinha d-traz! *Chassez le naturel, il revient au galope!*